



UWE TIMM

À SOMBRA DO MEU IRMÃO

AS MARCAS DO NAZISMO E DO PÓS-GUERRA
NA HISTÓRIA DE UMA FAMÍLIA ALEMÃ



A tradução desta obra recebeu auxílio do Instituto Goethe, que é financiado pelo Ministério de Relações Exteriores da Alemanha.



above the battle's fury —
clouds and trees and grass —
William Carlos Williams

SUMÁRIO

[Capa](#)

[À sombra do meu irmão](#)

[Sobre o autor](#)

[Créditos](#)

Ser levantado ao ar — risos, júbilo, uma alegria irrestrita —, essa sensação que acompanha a lembrança de uma vivência, de uma imagem, a primeira a me causar uma impressão marcante; com ela começa o meu autoconhecimento, a minha memória: estou vindo do jardim para a cozinha, onde estão os adultos, minha mãe, meu pai, minha irmã. Eles estão ali parados e olham para mim. Devem ter dito algo, que não me lembro, talvez dê uma olhada, ou devem ter perguntado consegue ver alguma coisa? E devem ter olhado para o armário branco, um armário de vassouras, como fiquei sabendo mais tarde. Lá, sobre o armário — e isso me marcou como uma imagem —, havia cabelos à vista, cabelos loiros. Atrás, alguém se escondia — e, então, meu irmão apareceu e me levantou alto. Não consigo me lembrar do seu rosto, nem do que ele vestia, provavelmente uniforme, mas esta situação revela-se muito claramente: a forma como todos estavam me olhando, como eu descobri os cabelos loiros atrás do armário e, então, esse sentimento de ser levantado — eu flutuando no ar.

Essa é a única lembrança do meu irmão dezesseis anos mais velho, que, alguns meses mais tarde, no fim de setembro, seria gravemente ferido na Ucrânia.

30.9.1943

Meu querido pai,

No dia 19 infelizmente fui gravemente ferido por uma artilharia antitanque nas duas pernas, que agora tiveram que ser amputadas. A perna direita foi amputada abaixo do joelho e a perna esquerda acima da coxa. Não sinto mais dores fortes. Por favor, dê consolo pra mãe. Em breve tudo vai terminar e em algumas semanas vou estar na Alemanha, daí você poderá me visitar. Eu não fui imprudente.

Por enquanto é isso.

Um abraço pra você, pra mãe, pro Uwe e pra todos.

Kurdel.

No dia 16 de outubro de 1943, às oito horas da noite, ele morreu no hospital de campanha 623.

Ele me acompanhou durante a minha infância, ausente e mesmo assim presente no luto da mãe, nas dúvidas do pai, nas insinuações feitas entre eles. Falavam sobre ele, relatando pequenas situações sempre semelhantes, que o apresentavam como alguém corajoso e honesto. Mesmo quando a conversa não era sobre ele, ele estava presente, mais presente que outros mortos, através das histórias, fotos e comparações do meu pai que incluíam eu, o filho mais novo, o temporão.

Várias vezes tentei escrever sobre meu irmão, mas nunca passei das tentativas. Eu lia a sua correspondência escrita no front e o seu diário, que ele manteve durante o tempo em que serviu na Rússia. Um pequeno caderno de capa em cinza-claro com a inscrição *Notas*.

Eu queria comparar os registros do meu irmão com os diários de guerra da sua divisão, a Divisão SS Totenkopf, para saber com mais precisão algo sobre ele e, talvez, mais informações com suas anotações. Mas toda a vez que eu começava a ler as cartas ou o diário, interrompia a leitura logo em seguida.

Um recuo temeroso, que eu já conhecia desde criança em um conto de fadas; a história do Cavaleiro Barba Azul. À noite, minha mãe lia os contos de fadas dos irmãos Grimm, muitos deles diversas vezes, entre eles o conto do Barba Azul, o único do qual eu nunca quis ouvir o fim. Era muito assustador quando a mulher de Barba Azul deseja entrar no quarto trancado, apesar da proibição, depois do seu marido ter partido. Nessa parte, eu pedia para minha mãe que não lesse mais. Foi somente anos depois, quando já era adulto, que li o conto até o final.

Ao abrir a porta, naquele instante, veio ao seu encontro uma corrente de sangue e pelas paredes viu as esposas mortas; de algumas restava somente o esqueleto. Assustou-se tanto que, de um golpe, fechou a porta, mas a chave se desprende e caiu no sangue. Pegou-a logo e quis limpar o sangue, mas era em vão, pois, quando havia limpado um lado, o sangue aparecia no outro.[\[1\]](#)

Um outro motivo era a mãe. Enquanto ela vivesse, era impossível para mim escrever sobre o meu irmão. Eu sabia antecipadamente o que ela teria respondido às minhas perguntas. Os mortos devem ser deixados em paz. Foi somente quando minha irmã faleceu, a última que o conhecera, que estive livre para escrever sobre

meu irmão, podendo fazer todas as perguntas sem precisar dar satisfação a ninguém.

De vez em quando, sonho com meu irmão. Na maioria das vezes, são apenas fragmentos de sonhos, algumas imagens, situações ou palavras. Um destes sonhos deixou em mim uma impressão marcante.

Alguém quer entrar em casa. Um vulto está lá fora, escuro, sujo, enlameado. Eu quero pressionar a porta para mantê-la fechada. O vulto, que não tem rosto, tenta forçar a sua entrada. Com toda a força, eu me recosto contra a porta, empurro de volta esse homem sem rosto que, tenho certeza, é o meu irmão. Finalmente consigo fechar a porta e trancá-la. Mas seguro nas mãos, para o meu pavor, um áspero e esfarrapado casaco.

Meu irmão e eu.

Em outros sonhos, ele tem o mesmo rosto das fotos. Somente em uma delas ele veste uniforme. Há muitas fotos do meu pai que o mostram com e sem capacete, com boné militar, em uniforme de serviço e de passeio, com pistola e com um punhal da Luftwaffe. Do irmão uniformizado, no entanto, tem-se apenas um registro em que ele segura uma carabina num momento de limpeza de armas no pátio do quartel. Pode-se vê-lo apenas de longe e com pouca nitidez, de modo que somente minha mãe pôde afirmar ter lhe reconhecido imediatamente.

Desde que eu comecei a escrever sobre ele, tenho uma foto na estante de livros, na qual ele aparece em traje civil, tirada provavelmente no tempo em que se alistou voluntariamente na Waffen-SS: a foto foi tirada um pouco de baixo e mostrando o seu rosto fino e liso com uma acentuada ruga entre as sobrancelhas, dando-lhe uma expressão rígida e pensativa. Seus cabelos loiros estão repartidos à esquerda.

Uma história que minha mãe sempre contava era sobre quando ele quis se alistar voluntariamente na Waffen-SS, mas acabou se perdendo no caminho. Ela contava de uma forma como se o que aconteceu depois pudesse ter sido evitado. Uma história que ouvi tão cedo e tantas vezes que era como se eu mesmo a tivesse testemunhado.

Em dezembro de 1942, ao final da tarde de um dia de frio excessivo, ele foi para

Ochsenzoll, onde ficavam os quartéis da SS. As ruas estavam cheias de neve. Não havia nenhuma sinalização no caminho, e ele havia se perdido na escuridão da noite que caía. Porém, seguiu em frente, passando pelas últimas casas em direção aos quartéis, cuja localização havia sido anotada em seu mapa. Não se via uma viva alma, e ele partiu em direção a um campo aberto. O céu estava sem nuvens e apenas nos desníveis e córregos pairava uma fina neblina. A lua acabara de surgir sobre um bosque. Meu irmão estava prestes a retornar, quando encontrou um homem. Um vulto escuro, que estava à beira da estrada e que olhava sobre o campo coberto de neve na direção da lua.

Por um instante, o meu irmão hesitou, pois o homem permaneceu parado como se estivesse petrificado, não se movendo nem após ouvir o som da neve esmagada pelos passos que se aproximavam. Meu irmão perguntou se ele conhecia o caminho para o quartel da SS. Por um longo momento, o homem não mostrou expressão, como se não houvesse ouvido nada, e, então, se virou devagar e disse: Lá. A lua está rindo. E quando meu irmão perguntou, mais uma vez, pelo caminho para a caserna, o homem disse que ele deveria segui-lo; e tão logo ele partiu, rápido, com passos vigorosos, sem se virar, sem parar pela noite. Já era tarde demais para se chegar ao local de recrutamento. Meu irmão perguntou pelo caminho para a estação de trem, mas o homem seguiu sem responder, passando por casas escuras de camponeses e por estábulos, dos quais era possível ouvir o rouco mugido das vacas. No rastro das rodas, o gelo trincava sob cada pisada. Depois de um tempo, meu irmão perguntou se eles estariam no caminho certo. O homem parou, se virou e disse: Sim. Nós vamos para a lua. Lá, a lua ri, ela ri porque os mortos estão muito quietos.

À noite, quando meu irmão chegou em casa, ele contou como se arrepiou por um instante e que, mais tarde, depois de ter encontrado a estação, foi abordado por dois policiais que procuravam um louco que havia fugido do sanatório de Alsterdorf.

E então?

No dia seguinte, ele partiu bem cedo, achou a caserna e o posto de recrutamento e foi aceito imediatamente: 1,85 de altura, loiro, olhos azuis. Assim, se tornou soldado da engenharia de combate da Divisão Totenkopf da SS. Ele tinha dezoito anos.

Dentro das divisões da SS, ela era considerada uma unidade de elite, assim como a Divisão Das Reich e a Divisão SS Leibstandarte SS Adolf Hitler. A Divisão Totenkopf foi formada em 1939 pela equipe de segurança do campo de

concentração de Dachau. Como sinal de distinção, os soldados traziam a caveira não somente na sua boina, como as demais unidades da SS, mas também nas suas lapelas.

O estranho no garoto era que, de vez em quando, ele desaparecia em casa. E não porque temia uma punição. Ele *simplesmente* desaparecia, sem um motivo aparente. De repente, era impossível encontrá-lo. E da mesma forma ele reaparecia, repentinamente. Minha mãe perguntava onde ele havia se metido. Ele não revelava.

Era uma época em que ele estava bastante fraco. Meu irmão havia sido diagnosticado com anemia e arritmia pelo Dr. Morthorst. Naquela época, era impossível fazer com que meu irmão brincasse lá fora. Ele não saía de casa e tampouco ia à loja, que podia ser alcançada por um lance de escadas. Também não ia à oficina, que era chamada de *ateliê* pelo pai. Ele ficava sumido na pequena casa de quatro dormitórios, uma cozinha, um banheiro e uma dispensa. Minha mãe poderia sair do quarto e retornar logo em seguida, e ele já não estaria mais lá. Ela chamava, olhava sob a mesa, no armário. Nada. Era como se ele tivesse se dissolvido no ar. Era o seu segredo. O único mistério do menino.

Mais tarde, muitos anos depois, minha mãe contou que, quando as janelas da casa foram pintadas, ela descobriu uma plataforma de madeira semelhante a um parapeito — nosso apartamento ficava no térreo. Essa plataforma podia ser afastada e, atrás dela, estavam um estilingue, uma lanterna, cadernos e livros que mostravam os animais na natureza: leões, tigres e antílopes. Minha mãe não conseguia lembrar dos títulos dos outros livros. Lá dentro, deveria ser o lugar onde ele ficava para ler, enquanto ouvia, invisível, os passos e as vozes da mãe e do pai.

Quando a mãe encontrou o esconderijo, meu irmão já estava no exército. Na única vez em que ele nos visitou, minha mãe acabou perdendo a oportunidade de perguntar.

Ao que parece, ele era uma criança pálida, absolutamente *transparente*, até. E assim, ele podia desaparecer e repentinamente aparecer de novo, sentando-se à mesa como se nada tivesse acontecido. Quando perguntavam sobre onde estivera, ele apenas dizia: debaixo da terra. O que não era totalmente falso. Seu comportamento era estranho, mas a mãe não perguntava mais, não o espionava e não contava nada para nosso pai.

Ele era uma criança um tanto tímida, minha mãe dizia.

Ele não mentia. Era educado. E, sobretudo, era valente desde criança, segundo

meu pai. *O menino valente*. Era assim que o chamavam, também os parentes distantes. Eram determinações em forma de palavras, e também devem ter soado dessa forma para ele.

As anotações no seu diário iniciam-se na primavera de 1943, no dia 14 de fevereiro, e terminam no dia 6 de agosto do mesmo ano, seis semanas antes de seu ferimento e dez semanas antes de sua morte. Nenhum dia é omitido. Até que, subitamente, o diário é interrompido. Por quê? O que aconteceu no dia 7 de agosto? Depois disso, há somente uma inscrição não datada, sobre a qual falarei mais adiante.

14 Fev.

Estamos prontos para entrar em ação. Alarme de prontidão às 9h30.

15 Fev.

Perigo passou, no aguardo.

E assim continua, dia a dia. Depois, há mais anotações citando a espera e, então, anotações sobre a velha rotina e as formações militares.

25 Fev.

Subimos o terreno para o ataque. Os russos recuam. Durante a noite bombardeio na pista de aterrissagem.

26 Fev.

Batismo de fogo. Russos reduzidos a 1 batalhão. Em posição durante a noite com a MG, sem roupas de inverno.

27 Fev.

Pente fino do terreno. Muito espólio! Depois seguimos adiante.

28 Fev.

1 dia de descanso, grande caça aos piolhos. Rumo a Onelda.

Essa era uma das partes em que eu parava e hesitava em continuar a ler. E se caça aos piolhos fosse algo completamente diferente, e não simplesmente os piolhos do uniforme? Por outro lado, não estaria escrito *1 dia de descanso* ali. Todavia, também consta: *Muito espólio!*

O que estaria por trás disso? Armas? Por que esse ponto de exclamação, que, ao longo das suas notas, raramente aparece?

14 Março

Aviões. Ivãs atacam. Meu espólio, uma Fahr MG, bastante pesada, atira muito, mal consigo segurar a arma, alguns alvos atingidos.

15 Março

Avançamos para Kharkov poucos resquícios dos russos.

16 Março

Em Kharkov

17 Março

Dia tranquilo

18 Março

Bombardeio constante dos russos 1 bomba no nosso quartel 3 feridos minha Fahr MG não atira. Eu pego a minha MG 42 e atiro 40 H fogo contínuo.

E assim segue, com pequenos registros a lápis, em uma escrita irregular, que talvez tenha sido escrita em um caminhão, nos alojamentos, antes do combate, no dia a dia: inspeção de armas, chuva e lama, treino de tiro e precisão com a MG, exercícios com lança-chamas.

21 Março

Donetsk

Cabeça de ponte sobre o Rio Donets. A 75m Ivã fuma cigarro, um banquete para a minha MG.

Essa foi a parte em que eu, quando a li pela primeira vez — e ela saltou em meus olhos no canto superior esquerdo da página —, não consegui continuar a leitura. Fechei o caderno. E foi somente com a decisão de escrever sobre meu irmão, e também sobre mim, para libertar a lembrança, que me senti livre para rever o que ele havia escrito.

Um banquete para a minha MG: um soldado russo, talvez da sua idade. Um jovem, que acabara de acender um cigarro — dando a primeira tragada, expirando, sentindo o prazer da fumaça que sobe do cigarro aceso, antes da próxima tragada. No que ele estava pensando? Nos reforços, que logo deveriam chegar? No chá, num pouco de pão, na namorada, na mãe, no pai? Uma nuvenzinha de fumaça que se desfazia nessa paisagem impregnada de umidade, resquícios de neve, gelo derretido acumulado nas trincheiras e o suave verde dos campos. No que ele teria pensado naquele momento, o russo, o Ivã? *Um banquete para a minha MG.*

Por um longo tempo ele foi uma criança doente. Tinha febres altas sem explicação. Escarlatina. Uma foto o mostra na cama, com os cabelos loiros desgrenhados. A mãe conta que, apesar da dor, ele era extraordinariamente contido, uma criança paciente. Uma criança que passava muito tempo com o pai. As fotos mostram o pai com o filho no colo, na moto, no carro. A irmã, que era dois anos mais velha que ele, aparecia ignorada ao lado.

Seu apelido, que ele havia dado para si mesmo quando criança: Daddum, Kurdelbumbum.

De mim, o último dos filhos, meu pai dizia que eu passava muito tempo entre mulheres. No tempo em que meu pai servia na Luftwaffe e estava estacionado em Frankfurt an der Oder, ele escreveu uma carta para o meu irmão na Rússia, na qual se pode ler a frase: *Uwe é um menino muito amável, mas um pouco mimado, ah, quando nós estivermos novamente em casa, será diferente...*

Eu era o que, naquela época, se chamava *filhinho da mamãe*. Eu gostava do cheiro das mulheres, essa fragrância de sabonete e perfume, eu gostava e buscava — uma descoberta precoce — a maciez dos seios e das coxas. Enquanto ele, o irmão mais velho, desde bem pequeno, sempre ficara pendurado no pai. E havia ainda a irmã, dezoito anos mais velha que eu, que recebeu pouca atenção e afeto do pai, de modo que se tornou um tanto reservada e ranzinza, o que meu pai, por sua vez, dizia ser mau-humor, e que apenas os afastou ainda mais um do outro.

Karl-Heinz, o menino mais velho, por que logo ele? O meu pai então ficava quieto, e era possível sentir nele o pesar, imaginando de quem ele preferiria sentir saudade.

Meu irmão era aquele que não mentia, com quem sempre se podia contar, aquele que não chorava, que era valente e obediente. Um exemplo.

Meu irmão e eu.

Escrever sobre meu irmão significa também escrever sobre ele, o meu pai. Acho que um se assemelhava ao outro. Aproximar-se deles pela escrita é a tentativa de decifrar o que está simplesmente na lembrança; reencontrar-se.

Ambos me acompanham em viagens. Quando chego à fronteira e preciso preencher formulários de entrada, registro o nome do meu pai e do meu irmão

como parte de meu nome. Em letra de forma, preencho nos espaços: Uwe Hans Heinz.

Meu irmão desejava insistentemente ser meu padrinho, adicionando o seu nome ao meu, e meu pai desejava que eu tivesse o nome dele como segundo nome: Hans. Ele queria pelo menos seguir vivo no nome de alguém, já que, em 1940, estava claro que a guerra não teria um fim tão rápido, e a morte era uma probabilidade cada vez maior.

Quando perguntada sobre o motivo que levou meu irmão a se alistar na SS, minha mãe dava algumas explicações óbvias. *Por idealismo. Ele não queria ficar para trás. Não queria fugir do compromisso.* Ela, assim como o pai, fazia uma clara distinção entre a SS e a Waffen-SS. Depois que a guerra acabou e imagens terríveis vieram à tona com a libertação dos campos de concentração, soube-se o que tinha acontecido. Gente asquerosa, diziam, criminosos. O menino estava, contudo, na Waffen-SS. *A SS era uma tropa militar normal. Os criminosos eram os outros, a SD, o Serviço de Segurança. As Forças-Tarefa. Principalmente os de cima, as chefias. Fizeram mau uso do idealismo de um jovem.*

Primeiro, foi um integrante mirim. Depois, fez parte da Juventude Hitlerista. Marchas, jogos, hinos, uniformes com galões. Havia crianças que denunciavam seus pais. Mas o seu irmão, ao contrário de você, nunca gostou de brincar com soldados, minha mãe dizia.

Eu era contra Karl-Heinz se alistar na SS, ela dizia.

E o meu pai?

Meu pai, nascido em 1899, já tinha se alistado voluntariamente na Primeira Guerra e ingressado na artilharia de campo. O estranho é que não sei quase nada sobre ele durante esse tempo. Ele era cadete e queria se tornar oficial, mas, após a derrota na guerra, isso não foi mais possível. Então, assim como outros milhares de combatentes de guerra desmobilizados, ele se juntou a um grupo de paramilitares — o corpo de voluntários — e lutou no Báltico contra os *Bolcheviques*. Mas onde exatamente, e por quanto tempo e qual motivo, eu não sei. E como quase todas as cartas e documentos oficiais foram queimados após a casa ter sido bombardeada em 1943, essas informações não podem mais ser recuperadas.

Algumas fotos em um álbum mostram meu pai nessa época. Em uma delas, com “1919” escrito no verso, pode-se ver um grupo de jovens vestidos com uniforme. Alguns usam botas, outros polainas. Eles estão sentados em uma ampla

escada de pedra que possivelmente fazia parte de um monumento. Ele está deitado à frente do grupo que está sentado, como era comum antigamente em fotos de grupo. Ele apoia o braço esquerdo no chão e sorri. Um jovem loiro e de boa aparência. Os jovens soldados de barba feita e cabelos cuidadosamente repartidos poderiam ser estudantes e certamente eram. Um deles traz visivelmente anéis no anelar e no dedo mínimo; outro traz um anel de sinete. Despreocupados, estão sentados e sorriem. Possivelmente o pai, deitado à frente, fez uma piada. Outras fotos mostram-no com colegas, flagrantes da vida de soldado. Em uma delas, ele se encontra em um beliche quebrado. Está de pijama, com a aba do boné militar repousando atrevidamente sobre sua orelha esquerda. Como é alegre a vida de soldado, tralalá, tralalá! Cabanas com coberturas de palha, camponeses em trajes russos de trabalho, soldados com barris de comida, uma parelha puxada por cavalos repleta de capacetes de aço, aqueles capacetes alemães da Primeira Guerra Mundial, com dois furos laterais em forma de verruga. Era uma vida que certamente muitos jovens de dezoito e dezenove anos queriam ter: aventura, camaradagem, ar fresco, bebidas e mulheres e, principalmente, nenhum trabalho regrado — isso se revela nas fotos.

Quando me perguntam qual a profissão do meu pai, não consigo dar uma resposta clara: taxidermista, soldado, peleteiro.

Quando eu era criança, ele gostava de me contar histórias. Ele tomava seu tempo e interpretava o mundo. Usava as figurinhas com temas históricos que acompanhavam os maços de cigarros, o que era comum naquele tempo, para ilustrar suas histórias: o velho Fritz, Frederico, o Grande, sentado debaixo de uma ponte e cobrindo o focinho de seu galgo italiano enquanto os inimigos hussardos marchavam acima; Seydlitz, durante a batalha de Rossbach, arremessa seu cachimbo de argila para o ar e vai ao ataque; o corpo de Karl XII da Suécia é carregado por oficiais. O rumor era de que ele havia sido baleado por soldados do seu exército. Histórias e anedotas. O pai tinha um ótimo conhecimento de história e conseguia, principalmente, descrever as cenas com vivacidade. Mas, no momento em que eu poderia ter começado a fazer perguntas a ele, já estávamos brigados. Uma luta persistente e cada vez mais odiosa foi travada entre nós dois quando eu tinha dezesseis anos. Da parte dele, uma autoritária e teimosa severidade. De minha parte, um obstinado silêncio, provocado pelas odiosas regras do dia a dia: nada de jeans, nada de jazz, estar em casa às dez horas da noite. Tudo era proibido, obrigatório ou regrado. Um sistema de regras que não fazia

sentido para mim e cuja contrariedade me parecia muito óbvia. Não somente porque eu — já mais velho — passei a vê-lo com olhos mais críticos, mas também porque as condições de vida haviam mudado. Seu comportamento não correspondia mais àquele do início da década de 50, quando ele realmente esteve em uma boa situação. De 1951 até 1954, ele tinha *se dado bem*. Esses foram os três, quatro anos da sua vida em que havia uma correspondência entre o que ele queria alcançar e o que ele era. Era o milagre econômico na nossa casa. Ele tinha conseguido. Finalmente, tinha conseguido. Tinha uma casa mobiliada e um belo automóvel Adler verde-mar, modelo 1939, quatro portas, o primeiro com a troca de marcha junto ao volante. Nessa época, havia tão poucos automóveis desse tipo em Hamburgo que os inspetores de tráfego, parados com seus casacos brancos em frente à estação de Dammtor, o cumprimentavam quando ele passava. No Natal, ele os presenteava com pacotes de cigarro, embrulhados pela mãe em papel dourado, com laço prateado e com um pequeno ramo de pinheiro. Ele dirigia pela cidade até os cruzamentos, onde policiais fiscalizavam o trânsito, parava rapidamente ao lado do oficial que estaria sobre um pequeno pódio e lhe dava um dos seus pacotes. *Boas festas*. Como retribuição, eles acenavam para ele ao longo do ano e o cumprimentavam ligeiramente com a mão na viseira.

O pai gostava de receber a saudação militar. Quando chegou das *férias do front* em Coburg, para onde eu e minha mãe tínhamos sido evacuados, ele me levou junto para o quartel. Minha mãe tinha costurado ombreiras prateadas no meu casaco. Pouco antes de chegar ao quartel, ele me disse para ir à frente. Os guardas apresentaram as armas e sorriram. Eu aprendi a bater os calcanhares e a fazer reverência. Parentes e amigos me contaram anos depois, quando eu já era adulto, que era engraçado; eu batia os calcanhares de maneira enérgica, exatamente como deveria ser.

Esse fui eu uma vez, o menino de cinco anos com seu casaquinho cinza, que batia os calcanhares e fazia reverência. O cheiro de couro suado: esse era meu pai. Um homem estranho de uniforme deitado na cama da minha mãe: essa é a primeira lembrança que tenho dele. No chão, estavam as botas de cano alto, cujos canos de couro estavam dobrados. Sobre o criado-mudo, estava — uma lembrança clara — uma pistola presa a um cinturão. Eu o vi lá deitado com a boca aberta e roncando. Ele tinha vindo de férias. Quando cheiro a pulseira do meu relógio, ele está lá de novo, esse cheiro de couro suado. E ele, o pai, está corporalmente próximo de mim como em nenhuma outra lembrança.

E então, um dia, tentaram me convencer a parar de fazer aquilo que eu acabara

de aprender: bater os calcanhares. E dizer Heil Hitler. Você ouviu? De jeito nenhum! Foi o que me disseram ao pé do ouvido, em um tom assertivo.

Era 23 de abril de 1945, e os soldados americanos haviam entrado na cidade.

Quem tinha me ensinado isso, a *bater os calcanhares*? Não foi minha mãe, com quem eu vivia naquela época em Coburg. Minha mãe tinha um profundo repúdio ao que se relacionasse à área militar: era contra a disciplina, os jogos de guerra e a própria guerra, e não apenas desde a morte do filho. Ainda assim, a aparência e os uniformes exerciam um certo fascínio sobre ela. Porém, ela não deve ter me ensinado a bater os calcanhares. Provavelmente havia sido meu pai, quando veio de férias, ou todos os outros militares e funcionários nazistas que frequentavam a casa da Senhora Schmidt, onde morávamos na época. Ela era viúva do diretor distrital do Partido Nazista.

O dia em que os russos vierem, dizia a Senhora Schmidt, vou me enforcar.

Carta do meu irmão para o pai, datada de 11 de agosto de 1943:

Ah, se a Rússia fosse destruída logo. Para tanto seria preciso ter 10 vezes mais Divisões da SS do que temos agora. Acho que então conseguiríamos, mas mesmo assim não seria neste ano. Aqui está tudo como antes, estou bem de saúde, tenho também o que comer, fico apenas preocupado com vocês, porque diariamente temos notícias de ataques aéreos dos ingleses. Ah, se os saxões parassem com essa porcaria. Isso já não é guerra, isso é a morte de mulheres e crianças — é desumano. Espero receber logo uma correspondência sua e da mãe, mas diga para ela não mandar mais pacotes, seria uma pena que algo se perdesse e eu já tenho o bastante. Melhor que o nosso pequeno e querido Uwe se alimente. Querido pai, deixo um forte abraço para você e desejo o melhor.

Do seu companheiro Karl-Heinz

Não há fotos que mostram russos enforcados ou o fuzilamento de civis, mas sim fotos do *cotidiano*, como aquelas que se encontram no livro do meu pai e que mostram casas, ruas e cidades destruídas. Seria Kharkov? Meu irmão tinha participado da retomada de Kharkov. 1943. Mesmo que se suponha que ele não tenha participado da morte de civis, mulheres e crianças pela SS por ter servido em uma unidade de blindados, deve ter sido confrontado com as vítimas da população civil, com os famintos, os desabrigados, os refugiados, mortos de frio e fuzilados. Não fala deles; possivelmente, esse sofrimento, essa destruição e essas vítimas lhe parecessem algo normal, ou seja, humano.

Em uma carta para sua mulher, o general Heinrici, que, em 1941, comandava um batalhão no setor central, escreve:

Só se percebe a força destrutiva da guerra quando se pensa nos detalhes ou nos destinos das pessoas. Certamente poderão ser escritos livros sobre isso no futuro. Nas cidades, a população desapareceu quase que por completo. Nos vilarejos, estão apenas crianças, mulheres e anciãos. Todo o resto desapareceu, arrancado da sua pátria, e está circulando pela gigante Rússia. Encontram-se reunidos em grupos de refugiados, em amontoados humanos nas estações de trem, mendigando junto aos soldados por um pedaço de pão. Acredito que o número de vítimas de guerra entre esses deslocados que sofrem de doenças e complicações é comparável ao número de mortes em guerra.

Anotações no diário do general Heinrici:

Eu disse para Beutelsbacher para que não enforcasse partizans a 100 metros da minha janela. Não é uma boa cena para se ver pela manhã.

Grjasnowo, 23 de novembro de 1941

Ao final da reunião, uma solenidade em memória daqueles que perderam suas vidas, pois hoje é Dia dos Mortos (...) Depois, um passeio até o “Russo morto”, um destino incomum para um passeio. Lá se encontra um russo congelado que está há semanas na neve. Preciso reunir os moradores para enterrá-lo.

Minha mãe já estava velha, tinha setenta e quatro anos, quando embarcou em um ônibus para a Rússia, em uma excursão pela Alemanha Oriental, Polônia, Bielorrússia, indo até Leningrado e retornando pela Finlândia e Suécia. Sem qualquer fundamento, ela tinha a esperança de que, na ocasião, poderia escapar rapidamente para visitar o túmulo do meu irmão ou pelo menos chegar perto de onde ele deveria estar. Era o seu desejo: poder visitar o túmulo uma vez. O cemitério dos heróis de Snamjenka, na Ucrânia. O túmulo de número L 302.

O menino fervorosamente desejava botas, botas com cadarço, que iam até o joelho. Ele não gostava de fazer parte da Juventude Hitlerista. Muitas vezes, teve que fazer exercícios de castigo. Seu líder de esquadrão o deixou rastejando na rua entre os transeuntes. Ele não contou nada disso em casa, até que um dia, um conhecido da família o viu na rua rastejando e falou sobre isso para nosso pai, que fez uma reclamação ao chefe do setor da Juventude Hitlerista. Depois disso, meu irmão não precisou mais fazer exercícios de castigo.

A mãe contava que ele era uma criança sonhadora, e um adolescente ausente, que, às vezes, simplesmente sumia como que em um passe de mágica. Ficava em silêncio e não se sabia o que se passava em sua cabeça. Ele era bom. Um bom menino, dizia ela. Uma criança calma. Sonhadora. Mas ela também dizia isso a meu respeito e pode até ser verdade do seu ponto de vista. O meu silêncio criou uma imagem de bom menino para ela. O pai e a mãe achavam que eu estava em encontros de jovens no clube de colecionadores de selos de Hamburgo, enquanto, na realidade, eu andava pelas ruas da Sankt Pauli, um bairro bastante profano, com seus cassinos, bares e bordéis. Era um mundo oposto ao de casa, oposto àquela tranquila e ordeira moradia, na qual nunca ou praticamente nunca se falou sobre sexo. Eu caminhava pela TalstraÙe e via as mulheres nas portas das casas, os marinheiros bêbados, as boates de strip-tease, os bares, os pubs. O Silversack era um pub onde, segundo meu pai, se encontrava a *escória* da humanidade, contrabandistas, traficantes, viciados em drogas, jogadores e as *mulheres de vida fácil*. Minha curiosidade em ver a escória era grande. O barulho, as gargalhadas, as risadas estridentes das mulheres do Silversack, tudo era uma tentação, tão perto e ao mesmo tempo inalcançável. Quando, certa vez, rondei por mais tempo a porta, o segurança veio e me mandou cair fora. Todas as visões que se podia ter: das mulheres com nada além de roupas íntimas, meias de seda e cintas-ligas por debaixo dos casacos e que, vez por outra, os abriam quando um homem passava.

Nenhum sonho é citado no diário, nenhum desejo, nenhum segredo. Meu irmão tinha uma namorada? Ele já esteve com uma mulher? Essa sensação de sentir o outro corpo; a proximidade, a avassaladora proximidade de sentir o próprio corpo dentro do outro, sentir-se nele, sentir-se através dele, ter a sensação da própria dissolução de si no outro.

No diário fala-se exclusivamente de guerra, da preparação para matar e do seu aperfeiçoamento por meio de lança-chamas, minas e treinamentos de tiro. Uma vez, é citado um teatro de revista; outra vez, uma peça teatral, e, em outra, um filme a que ele deve ter assistido em um cinema do front. *24 de abril Construção de ponte — nossos tanques estão a caminho. 30 de abril. Cinema: A grande sombra.*

Não há comentários. O filme não agradou?

Para enganar a própria história e a capacidade de perceber os próprios sentimentos, ele fora reduzido a uma postura de bravura.

Na pequena caixa de papelão que foi enviada à minha mãe depois da morte dele, encontra-se a foto de uma atriz de cinema, Hannelore Schroth. Um rosto suave e arredondado, olhos castanhos e cabelos castanho-escuros, lábios carnudos, que se encerram em covinhas laterais.

A grande sombra.

9.10.43

Minha querida mãe

Eu já escrevi para o pai contando que estou gravemente ferido

Agora queria contar a você que minhas duas pernas foram amputadas.

Você vai se espantar com a minha letra, mas, na situação em que estou, não posso fazer melhor.

Não pense que amputaram toda a minha perna. A perna direita foi tirada 15cm abaixo do joelho e a perna esquerda 8cm acima do joelho

Não sinto muitas dores, do contrário não estaria escrevendo

Mãezinha, [não] chore por isso seja forte com as minhas próteses vou poder caminhar como antes além disso pra mim a guerra acabou e você terá seu filho de volta ainda que gravemente ferido.

Vai demorar mais algumas semanas até que eu consiga voltar pra Alemanha eu ainda não estou em condições de viajar

Mais uma vez mãezinha não fique triste não se preocupe e não chore isso só irá tornar as coisas mais difíceis pra mim.

Dê um beijo na Hanne e no Uwe

Não diga nada pro Uwe quando eu chegar com as próteses em 1 ou 2 (ilegível) assim ele pensará que eu sempre as tive.

Beijos do seu

Kurdelbumbum

Foi escrito a lápis com uma letra distorcida e bastante grande em alguns trechos, provavelmente sob efeito da morfina. Ele foi ferido às margens do Rio Dnieper em 19 de setembro de 1943. Deve ter ficado a noite inteira por lá, com as pernas dilaceradas envoltas em curativos improvisados pelos companheiros.

Naquela noite, minha mãe sonhou que havia chegado um pacote do correio com primeiros socorros e que, ao desembulhar, em meio a longas, longas ataduras brancas, um buquê de violetas caiu no chão.

Ela teve esse sonho na noite do ferimento. Cheia de medo, falou do sonho para amigos e parentes. O telegrama com a notícia do seu grave ferimento só veio alguns dias mais tarde — quase que simultaneamente com a notícia de sua morte.

Excluindo-se pequenos rituais da superstição do cotidiano que não eram levados tão a sério — mas nunca se sabe —, como cuspir em moeda achada ou bater três vezes na madeira, minha mãe tinha antipatia a toda e qualquer adivinhação ou superstição. Contudo, quando ela falava desse sonho, dizia que existem coisas entre o céu e a terra as quais não compreendemos. Resolveu não pensar mais sobre isso e não incomodar mais ninguém com o assunto. Mas de uma coisa ela estava certa: houve uma forma de comunicação sem palavras que transpôs os limites de espaço e tempo.

Prezada Senhora Timm!

Seguem os bens do seu filho, oficial da tropa de choque da SS, Karl-Heinz Timm, falecido em 16.10.1943.

10 fotografias

1 pente

1 tubo de creme dental

1 pacote de tabaco

1 caderno de notas

1 Condecoração de Ferimento em Combate, preta

1 Condecoração Cruz de Ferro II

1 Certificado de Propriedade da Condecoração de Ferimento em Combate, preta

1 telegrama

Diversas cartas e papel de carta

Esses objetos lhe são aqui entregues.

Heil Hitler!

Assinatura (ilegível)

SS-Obersturmführer (F)

Nos documentos, relatórios, livros da época, encontram-se sempre novas abreviaturas, incompreensíveis e enigmáticas letras, geralmente em maiúsculas, atrás das quais se escondem e, ao mesmo tempo, se revelam ameaças burocráticas às ordens hierárquicas.

A patente de Obersturmführer é equivalente a de tenente, mas o que significa esse (F)?

As cartas do meu irmão, as condecorações, seu diário, tudo isso foi guardado na pequena caixa de papelão pela minha mãe. A caixa ficou cinquenta anos na gaveta de sua penteadeira. Nonchalance era o nome do sabonete que ela usava e do qual sempre tinha alguns na sua gaveta, assim como a água de colônia e seu perfume. Era um cheiro absolutamente inconfundível, o cheiro que mais tempo ficou do seu corpo e que ainda permanecia na caixa e no diário.

Organizei as cartas enviadas pelo meu irmão para o meu pai e para a minha mãe e as coloquei em envelopes com anotações. *Carta com os cravos secos. Carta com o relato da MG.*

O que sempre se falava sobre meu irmão: era um menino que um dia doou sua coleção de selos. E nem pediu nada em troca, meu pai contava, orgulhoso. Era um menino que tinha uma salamandra de estimação. Um menino que era tão sonhador e que, por isso mesmo, ia mal na escola. Falavam sobre o dia em que ele, ainda criança pequena, pulou de um trampolim a cinco metros de altura da piscina. Subiu a escada e simplesmente pulou. Bravo, disse o pai, que tinha lhe falado: suba lá, é só pular! Um menino que era muito bom em Schlagball, um jogo parecido com o beisebol. Foi diagnosticado com arritmia ventricular e fez seu tratamento em Bad Nauheim. Lá, em uma foto, ele aparece na companhia de outro menino do mesmo tamanho e da mesma idade. Deveriam ter doze ou treze anos. Estão parados com os braços sobre os ombros e as faces voltadas um para o outro, descontraídos e com um sorriso leve. O menino chamava-se Heinrich. A mãe dizia que ele era o seu melhor amigo.

Ele próprio, e sua vida, ganham voz apenas através de poucas cartas preservadas e de notas em seu diário. Esta é a memória registrada.

Sua comida predileta era purê de batata com ovos fritos e espinafre. A mãe pingava manteiga quente na gema ainda líquida. Ele gostava de couve-de-bruxelas e, quando criança, falava couve-de-bluxelas. Quando ficava doente, gostava de arroz doce com açúcar e canela.

Ele não bebia, não fumava. Até ele ir para a linha de frente. Enviava os cigarros para o pai, mas agora bebia, fazia festa por toda a noite e, pela manhã, se apresentava à formação. *Treinamentos com ressaca.* Assim eram *moldados* os jovens.

No diário, ele não fala nada sobre presos. Em nenhum lugar, escreve que houve prisões. Ou os russos eram mortos imediatamente ou não se entregavam. Uma terceira possibilidade é que ele talvez não tenha achado que valia a pena citar o assunto.

A 75 metros Ivã fuma cigarro, um banquete para minha MG.

Heinrich Himmler, em um discurso para os soldados da Waffen-SS em Stettin, no dia 13 de julho de 1941, três semanas depois da invasão da União Soviética:

Esta é uma batalha ideológica e uma batalha de raças. Nesta batalha temos de um lado o nacional-socialismo, com nosso valoroso sangue germânico-nórdico e o mundo como imaginamos: bonito, decente, socialmente justo, e que talvez em alguns casos ainda apresente alguns problemas, mas que em seu todo é um mundo belo e culturalmente completo, como é a nossa Alemanha. Do outro lado, temos um povo de 180 milhões de pessoas, uma mistura de raças e de povos, cujos nomes já são impronunciáveis e cujo estado é tal que se pode matá-los sem misericórdia nem piedade.

A sua unidade, o 3º Batalhão SS de Tanques Blindados da Divisão Totenkopf, foi usada contra paramilitares, civis e judeus, na chamada limpeza?

Bombardeado e, logo em seguida, derrubado. Era o golpe do destino na família, e assim foi a guerra. Tudo destruído.

Carta do pai ao filho Karl-Heinz:

Frankfurt an der Oder. 6 de agosto de 43

Meu amado e querido Karl-Heinz!

Hoje estou de volta de uma semana de férias em Hamburgo. Essa semana de férias se estendeu por quase 14 dias, pois durante esse período, nossa bela Hamburgo foi totalmente destruída por quatro ataques aéreos. Pelo menos 80% da cidade está transformada em escombros e cinzas. Eu tinha acabado de voltar para casa com a mãe à 1h da manhã, quando o alarme soou, à 1h15min. Como ouvi que os inimigos faziam um ataque aéreo de larga escala, gritei e chamei todos que estavam dormindo para o porão, e eis que 20 min depois uma bomba já explodia em nossa casa. Os Tommies largaram fósforo por tudo e o lugar queimou por todos os cantos. Em nossa casa, só estão de pé alguns restos da parede.

O pai, que, casualmente, estava de férias do front, e minha irmã, naquela época

com vinte anos, salvaram algumas coisas enquanto o último andar da casa já incendiava: uma mesinha, uma cadeira, uma mala da dispensa, algumas toalhas, um edredom, duas figuras de porcelana, um prato de porcelana e uma pequena caixa, na qual minha irmã julgava haver coisas de valor; quando, na verdade, só havia alguns enfeites para a árvore de natal.

Eles pegaram as coisas do jeito que estavam e, logo em seguida, vigas e pedaços de parede começaram a desabar. Levaram as coisas para a rua, onde também estavam outros moradores, inclusive a mãe e uma criança de colo, eu.

Ao redor, todas as casas estavam em chamas.

O resto são histórias: sobre como minha irmã tentou salvar algumas roupas e foi jogada para o lado pelo pai, bem no momento em que uma viga caiu. Sobre como os vidros no segundo andar da casa estilhaçavam-se um após o outro devido ao calor. Sobre como uma chuva cinza caía do céu, que deixava tudo escuro. E nessas cinzas também estava tudo o que se tinha conquistado e economizado durante anos — e que agora impregnava os cabelos e as roupas com uma sujeira cinza. Aquele 25 de julho de 1943 havia sido um dia quente de verão.

Outra imagem nítida que reacende a minha memória: as enormes tochas à direita e à esquerda da rua, árvores em chamas.

E esta: pequenas labaredas que pairavam no ar.

O perigo de se florear tudo em uma narrativa. *Memória, fale!* Somente vendo isso hoje é que é possível perceber as causas e os efeitos que estabelecem a ordem das coisas permitindo sua compreensão. Esta imagem: a criança, eu, naquela época, com três anos de idade, em um carrinho de bebê coberta com toalhas molhadas e empurrada pela Osterstrasse.

As pequenas labaredas pairando no ar foram explicadas somente mais tarde. Eram os farrapos de cortinas arrancadas das casas em chamas, consequência da tempestade de fogo.

Anos após a guerra, essas experiências eram narradas diversas vezes e acompanharam-me durante minha infância, o que fez com que o horror inicial se desgastasse pouco a pouco, tornando palpável essa vivência e possibilitando que falássemos sobre ela: sobre como minha irmã e meu pai colocaram os pertences da família no meio da rua; sobre como colocaram a criança, eu, no carrinho e a cobriram com toalhas que haviam sido umedecidas em um cano de água rompido;

sobre como meus pais e minha irmã colocaram o que foi salvo na rua e desceram a Osterstrasse em direção a Schulweg, com as casas em chamas à esquerda e principalmente à direita, onde as casas queimavam até a Lastrupsweg. Sobre como eles tinham fugido para um abrigo antiaéreo superlotado, onde pessoas estavam sentadas, tomadas de pavor; sobre como o pai se alistou naquela mesma noite em um esquadrão da Luftwaffe e como o reencontraram dois dias depois, durante os quais aconteceram vários outros ataques, na casa de parentes, com a barba por fazer, sem dormir, vestindo seu uniforme branco de verão sujo. Meu pai e outras pessoas contavam sobre corpos encontrados junto às tubulações de água nos porões de casas queimadas que, em contato com a primeira corrente de ar, transformaram-se em pó. Muitas pessoas correram para fora e, atingidas pela tempestade de fogo, arrastaram-se pelo bairro em chamas. Outros, com as roupas pegando fogo, jogaram-se nos canais. Mas o fósforo também queima na água.

O abrigo antiaéreo, para onde a minha mãe correu comigo e com minha irmã, ficava na esquina da Schulweg, na loja de artigos de couro Israel. Essa loja existe ainda hoje. Minha mãe contava que, em 1938, foram penduradas grandes placas com os seguintes avisos: *Atenção! Apesar do nome, o proprietário é ariano puro! Assinado: Loja de Artigos de Couro Israel.*

Esta também é uma das minhas antigas lembranças: as pessoas no abrigo antiaéreo. Um velho chorava. Uma senhora segurava uma gaiola em seu colo, na qual um pássaro agitado pulava de um lado para o outro. Um outro pássaro estava deitado de costas no chão da gaiola, como se tivesse acabado de cair do balanço.

Carta do meu irmão para o pai:

17.8.43

Hoje de manhã sua carta chegou e não posso acreditar que destruíram 80% de Hamburgo. Apesar de termos nos tornado insensíveis, fiquei com lágrimas nos olhos. Era nosso lar, nossa casa, onde se tinha alegria e lembranças. Agora esse tesouro insubstituível está desaparecido, sumido, destruído.

Era proibida a entrada de judeus em abrigos antiaéreos.

Certa vez, visitei um abrigo antiaéreo, sobre o qual foi construída uma casa depois da guerra, que amigos haviam comprado. A descida foi como uma volta à infância, aquele ambiente de umidade, aperto, canalizações e labirintos, pois o

bunker era dividido por paredes de contenção. Tubos de ventilação enferrujados corriam ao longo da parede. Havia placas de *Proibido fumar*. Tubulação de gás. Uma descida bastante peculiar que trazia diante dos meus olhos imagens adormecidas. O mais surpreendente foi que, quando as luzes se apagaram, as paredes brancas continuaram a brilhar. Mesmo sessenta anos depois da guerra, as paredes pintadas com tinta fosforescente ainda brilhavam. E lentamente, muito suavemente, foram perdendo sua luminosidade.

Ambas as figuras de porcelana Biedermeier, que foram salvas pelo pai ou pela minha irmã da casa em chamas, estão levemente danificadas. Em uma delas, uma camponesa que segura um cesto de flores no braço está sem uma mão. A outra apresenta uma pequena cena: duas mulheres com trajes Biedermeier estão sentadas, ouvindo um homem que lê em pé. Na mão esquerda, ele segura um livro e gesticula com a mão direita. O livro lhe foi arrancado da mão e também faltam os dedos da mão direita. No período pós-guerra, essas peças inválidas ficaram na estante de livros, como recordações daquilo que os pais tinham perdido na guerra.

Mas as bolas de enfeite da árvore de Natal que foram resgatadas da casa em chamas pela minha irmã permaneceram intactas, o que sempre era contado de tempos em tempos como uma curiosidade.

O interessante era ver como o choque, o susto e o horror se tornavam cada vez mais compreensíveis através das repetidas vezes em que essas histórias eram narradas, ver como a experiência desaparecia lentamente nas frases que eram feitas: *Hamburgo em escombros e cinzas. A cidade transformada em um mar de fogo. Tempestade de fogo.*

No fim do outono de 1943, eu e minha mãe fomos morar na casa de parentes em Coburg.

Meu irmão aprendera a profissão de peleteiro. Minha mãe dizia que ele gostava da profissão. O diário também confirma isso, pois nele é possível encontrar alguns desenhos que, entre outras coisas, mostram rascunhos feitos com uma comovente falta de jeito, exibindo a decoração da vitrine de uma loja de peles.

Isso era o que impressionava: aparentemente, ele gostava da profissão. Ao contrário de mim, que, embora tivesse aprendido o trabalho de peleteiro e também concluído o curso de capacitação após ser aprovado no exame, só tinha uma coisa em mente: fazer outra coisa — escrever, ler, coisas pela qual já era

viciado desde aquela época —, e, de maneira alguma, eu queria assumir a peleteria do meu pai. A profissão se tornou entediante para mim, depois de ter aprendido tudo, desde a confecção de casacos persas, de vison, de ratão e de castor à elaboração de cortes. Tinha aprendido tão bem o ofício que fui aprovado com louvor nos exames finais. O pai também odiava a loja, um mal necessário. Mas era trabalhador autônomo. Autonomia: isso era importante. Era o que restava de um sentimento de grandiosidade. Ele também odiava essa profissão que não dominava bem. Uma profissão aleatória. Tinha encontrado uma máquina de costura sob os escombros. Mas esse achado não tinha sido um mero acaso. O seu trabalho de taxidermista, anterior à guerra, certamente atraiu sua atenção para essa máquina de costura. Era o tempo em que muitas coisas estavam perdidas e, muitas delas, arrancadas do seu próprio contexto, permaneciam abandonadas sobre os escombros.

Nas casas destruídas, encontravam-se canos de cobre e de chumbo, metais que, mais tarde, seriam vendidos por um bom preço em lojas de segunda mão, e também painéis, fogões, aquecedores, tornos, ferramentas, por vezes fundidas de modo bizarro. E, nas ruas onde exércitos alemães bateram em retirada, estavam os veículos quebrados, os caminhões baleados da Wehrmacht, cozinhas de campanha e veículos de artilharia, carros de passeio com as partes intactas, que ainda poderiam ser utilizadas, arrancadas. Eram negociadas no mercado de troca, mas seu valor precisava ser redefinido a cada momento, num comércio de troca que de fato se orientava pela lei da oferta e procura e, em caso de necessidade, na moeda de troca que eram os cigarros americanos.

O que o pai queria ser?

São esses desejos e também antipatias, precisamente os que não são falados, que vão além e, comparados às linhas de um campo magnético, determinam as nossas ações.

O que ele queria ser? Em todos os casos, não ser peleteiro e menos ainda taxidermista.

Qual era a sua ambição?

Depois de ter servido no corpo de voluntários, ele morou em diferentes cidades. Estudou zoologia, embora não tenha feito o exame final de ensino médio. Hoje eu me pergunto, como ele teria feito, ou teria ele apenas nos narrado uma biografia inventada? Ele morou por um tempo em Stuttgart, onde claramente

passou fome, alimentando-se por semanas somente de cenouras, até adoecer por desnutrição, desmaiando. Sua irmã Grete, que o tinha visitado em Stuttgart, contava essa história. Ele tinha alguma proximidade com a Organização Cônsul e talvez até fosse membro dela. Era o que sua irmã dizia.

Os Traidores de Novembro. O *Dolchstoß*, a “punhalada nas costas”. O Tempo do Sistema.^[2]

A Organização Cônsul era o grupo secreto do corpo de voluntários. Ela foi responsável pelas mortes dos supostos “traidores da pátria”, o ministro do Exterior do Reich, Walther Rathenau, e o ministro da Fazenda, Matthias Erzberger.

Certa vez, meu pai recebeu em casa um antigo camarada da Primeira Guerra Mundial e conversou a sós com ele em seu quarto, o que era contrário a seu costume. Era um homem alto, pálido, de rosto fino, com uma cicatriz vermelho-azulada sobre o nariz e a testa. A sobrancelha crescida se unia confusamente. Meu pai o chamava simplesmente de capitão de cavalaria, sem mencionar o seu nome. Minha mãe também não sabia de nada.

Em 1921, meu pai tentou construir uma fábrica de brinquedos com um oficial czarista que havia emigrado. Colocaram desempregados e inválidos de guerra para produzirem cavalinhos de madeira. Ele pensou em slogans, dos quais apenas um me ocorre novamente: *Para os pequenos sorrirem de orelha a orelha, sem choradeira.*

Nessa época, ele conheceu minha mãe, filha de um chapeleiro que tinha uma próspera fábrica e também uma loja, além de uma pequena mansão na Tornquiststrasse em Hamburg-Eimsbüttel.

Foi amor, não amor à primeira vista, como dizia minha mãe, mas logo após terem se encontrado mais algumas vezes. Os encontros aconteciam entre um período de uma ou duas semanas. Ela gostou dele, alto, magro, vestindo sua litevka, uma jaqueta de uniforme militar sem condecorações. Ele aparece vestindo-a em diversas fotos. Se ele fosse um impostor, poderia muito bem se passar por um príncipe prussiano. Uma foto o mostra em uma festa de carnaval vestido de hussardo. Quase sempre, ele tinha um cigarro na mão, às vezes na boca, em uma pose que se conhece hoje apenas por antigos cartazes de cinema: o cigarro levemente caído na boca, um leve sorriso descontraído, com as mãos nos bolsos laterais da litevka. Não tinha nenhuma outra jaqueta e nenhum casaco e, no inverno, usava ainda um pulôver cinza forrado por baixo dela. Ele era um homem pobre de boas maneiras. Pediu em casamento a mão da filha do chapeleiro, o qual desejava um genro rico, mas consentiu mesmo assim. Pouco depois, o jovem rapaz foi à falência com sua fábrica de brinquedos, que não deveria ser muito grande. O

oficial czarista fugiu dos seus credores para Paris e o jovem recebeu ajuda do sogro.

A mãe dizia que ele era o único homem para ela.

Não que ela não percebesse a discrepância entre o que ele aparentava ser e o que ele realmente era. Mas ele sempre teve crédito onde quer que fosse, ainda que muitas vezes isso não representasse uma garantia e, na maioria dos casos, ele não conseguisse superar. Se tivesse se formado, se tivesse estudado, poderia ter sido advogado, inteligente e eloquente como era; ou arquiteto, uma profissão que certamente teria exercido bem — era bom desenhista, dotado de uma concepção precisa de espaço —, o que o teria garantido uma vida financeira sólida. Assim, ele sempre foi mais da aparência, enquanto seguia trabalhando numa profissão que, em segredo, desprezava.

Minha mãe via essas fraquezas e procurava compensá-las, sem nunca expor meu pai diante dos outros, nem mesmo por meio de sorrisos sardônicos ou sobranceiras crispadas. Ela nunca falou do meu pai com desprezo, nem mesmo quando eu reclamava dele. E houve um tempo, pouco antes da sua morte, que eu não conseguia falar com ele sem me exaltar.

Ela sempre se manteve fiel a ele, sem hesitação. Meu marido, dizia ela muitas vezes, simplesmente: meu marido, e, para mim, ela o chamava: pai.

Ser casado era algo definitivo, algo confiável, era uma ligação única, inseparável.

Eles nunca brigaram na minha frente. Devem ter tido motivos para brigar, pois ela, minha mãe, tinha um sentido preciso do que era viável, do que era real, dava pouco valor a aparências — não se deixava cegar por isso e era de fato modesta — e não lhe deve ter passado despercebido que ele vivia fora de sua realidade. Houve discussões. Ela dava a sua opinião de modo calmo e determinado. Mas não brigavam na minha frente. O que eu me lembro é uma advertência: *Isso você não pode fazer, Hans. Isso não dá.*

Embora houvesse, na minha classe, três ou quatro casos de pais separados, era impensável para mim que pais pudessem se separar ou viver separados. Eles pertenciam um ao outro, algo inalterável. E mesmo depois da sua morte, ela dizia, então com cinquenta e seis anos, que ele era o único homem que ela quis e que ela teve. Por mais que eu procure, não consigo me lembrar de qualquer desavença séria ou de vozes em altos brados entre os dois, tampouco mau-humor, silêncio reprovador, ódio, nada, nem de um, nem de outro. Por isso, a divisão de papéis era

tão clara. Ele cuidava das questões financeiras, *ditava o ritmo da marcha*. Ela era responsável pela casa, pela loja, assessorava clientes, ajudava ocasionalmente na oficina, forrava casacos e se encarregava da criança, ou seja, de mim, *o caçula, o temporão*.

A palavra emancipação não fazia nenhum sentido para ela. Do que eu deveria me libertar? Foi o que ela disse a uma senhora que, em 1969, tinha fundado um grupo de mulheres e que queria remodelar o seu casaco de pele. O casaco estava extremamente sujo, minha mãe me contou mais tarde, e a mulher ainda queria negociar o preço do conserto. Não consigo viver de palavras bonitas, minha mãe disse a ela. E acrescentou: eu trabalho e quero ser paga por isso. Então é isso, minha mãe disse, e abriu a porta para a mulher. Quando ela ficava zangada, me parecia bem mais alta do que era.

A política a interessava só no que dizia respeito a deixá-la em paz com sua família. Nunca mais deveria haver guerra. Ela votava, mas sempre com o comentário de que, no fim das contas, eles faziam o que queriam. Ela votava em partidos de esquerda, provavelmente por minha causa. *Da direita, desses desgraçados, ela estava de saco cheio*.

Ela ia à ópera, ao teatro, ao museu e lia o que eu indicava. Mas nada daquilo que ela leu, viu ou ouviu fez com que ela mudasse. Ela o fazia porque simplesmente era *bonito* ir, às vezes, à ópera ou ao teatro, pois uma parte disso era vestir-se *bem*, beber uma taça de espumante no intervalo e poder falar sobre a noite nos dias seguintes. Ela não era intelectual. Quando fazíamos uma visita, no Natal ou nos aniversários, todas as crianças — Dagmar e eu — avançavam sobre as revistas de celebridades que ela guardava.

Minha mãe sabia se adaptar ao que estava acontecendo. Ela conseguiu se arranjar nas precárias condições depois de 1945 e vivia com frugalidade quando *os negócios iam bem*. E seus desejos? Os desejos dela direcionavam-se ao menino, a mim. O menino deveria ficar bem. E ela? Não ter preocupações financeiras. Fazer viagens. A loja deveria ir bem. Suas mãos e seus olhos doíam. Ela não reclamava, mas eu via quando ela embebia algodão em camomila e limpava os olhos. Ela tinha catarata e vivia com o medo de que um dia talvez não pudesse mais costurar nem enxergar.

Aos oitenta e dois anos, ela deixou a loja. Até então, trabalhava todos os dias, fazendo a contabilidade, vendendo, tirando provas, forrando casacos. Ela nunca estudou para isso. Aprendeu com o trabalho. Era filha de uma família abastada, e tudo poderia ter sido bem diferente. Mas ela nunca se queixou do seu destino.

Nos últimos anos, na época em que somente minha mãe e a minha irmã trabalhavam na loja, e a loja *ia tão mal* que ela teve que se desfazer de suas economias, ela sentava-se em uma pequena e iluminada sala atrás da loja — a oficina — e forrava casacos de pele quando eu ia visitá-la. É uma das minhas lembranças mais claras: ela sentada, costurando. Em frente à janela, ficava uma bétula, cujos ramos verde-claros tocavam o vidro em dias de vento.

Pela tarde, minha irmã ia comprar doces dinamarqueses de massa folhada ou um de bolo amanteigado, enquanto a mãe colocava a água para ferver e arrumava a mesa: pratos, xícaras com pires. Então, se sentavam, tomavam café e *aproveitavam aquele momento agradável*. À noite, iam para casa e falavam sobre viagens que a mãe gostaria de fazer. E ela realmente começou a viajar. Ela, que, até os seus sessenta anos, jamais havia saído da Alemanha, fez viagens de ônibus para França, Itália, Inglaterra e Rússia. Depois das viagens, em casa, ela colava as fotos em álbuns e acrescentava legendas. Durante essas viagens, ela mandava cartões para amigos, parentes, para mim. Uma vez em casa, ela escrevia cartas quase todos os dias. É uma ideia recorrente, quando não consigo me concentrar no trabalho, me imaginar lendo essas centenas de cartas. Acredito que elas me consolariam.

A mãe tinha trinta e oito anos quando me trouxe ao mundo. Fui um *bebê grande*, como ela dizia, de 5.174 gramas. Ela era pequena, delicada, com somente 1,61m de altura. Engravidou já com certa idade, o que, para a época, era bastante incomum. Ela envergonhou-se um pouco, dizia, quando começaram a perceber a sua barriga. Mas jamais teve dúvidas em ter a criança. O pai também não, segundo ela.

A primeira criança veio ao mundo em 1922, em um parto em casa, e não era o filho desejado, mas sim uma *menina*. O pai não deve ter disfarçado a sua decepção. Ele queria filhos, filhos que pudessem corrigir seu currículo. Homens garantiam mais segurança, também no aspecto econômico. Seu avô havia sido agricultor em Langhorn. Timmweg era o nome do local. Ele tinha vendido sua propriedade para empresas de construção e gastou a maior parte do dinheiro com bebida e mulheres, assim como o seu pai, que tinha sumido com uma *pessoa*, simplesmente. Esse era meu avô, cujas fotos haviam sido destruídas. Um massacre de fotografias. Nunca se falou sobre ele. Ele deveria ser esquecido. A sua punição foi não ser lembrado e não ser mencionado.

O pai, minha mãe contava, queria tanto um menino que não queria saber da

menina, diferentemente do filho que nasceria dois anos mais tarde, Karl-Heinz. De fato, não se observa nenhuma foto dele com minha irmã, e nenhuma forma de contato físico: ele não está com ela no braço, nem de mãos dadas, nem com ela em seu colo. Mais tarde, quando minha irmã estava no hospital e falava com dificuldades, ela disse sobre o nosso pai — comigo ela sempre falava nosso pai e nossa mãe, como uma forma de nos unir pessoalmente, e não apenas gramaticalmente: *O nosso pai sempre me rejeitou. Ao contrário do que fez com Karl-Heinz. Ele era um pai de verdade para Karl-Heinz.* Minha irmã ficava na sombra do irmão. Raras foram as vezes em que seus desejos foram ouvidos, nem mesmo pela mãe, geralmente tão justa. Minha irmã parecia-se com a mãe, exceto por ser mais morena. Quando criança, seus cabelos eram quase pretos e seus olhos eram castanho-escuros.

Na época, um vizinho havia dito que ela se parecia com a filha de um cigano. A mãe ficou ofendida e nunca mais falou com ele.

E o último? Meio loiro, a figura do pai, parecido com ele também na forma da cabeça, com as mesmas entradas e redemoinhos, as mesmas mãos, mas com os olhos da mãe, castanhos — este era eu.

Hanne Lore, separado e maiúsculo, disse ela fazia questão, como se essa grafia especial pudesse garantir sua singularidade. Ela não desenvolveu nenhuma qualidade própria para perseguir suas ambições. Depois de concluir os estudos, fez cursos de economia doméstica e foi chamada às forças de trabalho do exército. Ela quase se afogou. Uma líder de grupo a jogou na parte mais funda de uma piscina, método de choque usado em tempos de guerra, para quem aprendia a nadar. Ela gritou, engoliu água, afundou, subiu de novo e foi até o fundo da piscina. Um salva-vidas a resgatou.

Eu sou uma dessas pessoas, minha irmã dizia, que simplesmente não tem sorte na vida. Ela não fazia nenhum comentário a mais, somente destacava laconicamente *nenhuma sorte na vida*: seu primeiro noivo morreu lutando como soldado de infantaria na Rússia. Ela conheceu outro homem e noivou, mas ele foi preso em 1944 na Rússia. Ela o esperou até 1951, sete anos, quando chegou a notícia de que o noivo havia morrido em um campo de concentração russo. Ela se apaixonou por um homem que se parecia com o pai, grande, loiro, de boa aparência. Ele alugava uma loja de joias, cuja melhor cliente era ela mesma, até que ele foi expulso de casa pelo pai. Apesar disso, ela se encontrava secretamente com ele e presenteava parentes com talheres de prata, colheres, garfos, e facas; estas, contudo, envoltas com um laço, para que a amizade não fosse cortada. Segundo as

informações do pai, o homem teria duas outras noivas. Isso não a assustou, e ela se deixou convencer pelo gênio de vendas, que a enrolou com uma história esclarecendo os motivos sobre por que ele não havia desfeito os outros dois noivados.

Quanta estupidez, dizia o pai.

Ela não era boba, mas sim cegamente apaixonada. Ela não queria ver, mas sim sentir, sentir suas emoções, sentir carinho, ternura, ser levada a sério, mesmo que isso estivesse relacionado aos interesses do homem, interesse de venda de joias e talheres de prata. Era uma dessas paixões cotidianas que trazia ao mesmo tempo protesto, rebeldia e contradição, e a criança acompanhou com admiração o que se desencadeou, e foi muito mais arrebatadora, dramática e radical comparando-se às situações atuais, uma vez que *o que era certo e o que não era certo* eram concepções ainda mais restritas dentro daquela sociedade em comparação com a sociedade nos dias de hoje. Uma mulher não podia correr atrás de um homem.

O que a irmã fazia era um escândalo, ainda mais levando-se em conta que a loja de joias ficava no mesmo bairro, a apenas uma rua de distância da nossa. Isso era uma vergonha para o pai. Minha irmã estava com um homem que, todos sabiam, tinha duas outras mulheres.

Por fim, o pai proibiu minha irmã, que já tinha trinta e dois anos, de estabelecer qualquer contato com esse homem. Os confrontos entre ambos sempre terminavam em gritos, choros, soluços, batidas de porta, berros.

Ela saiu de casa e foi morar com uma família de médicos, trabalhando como babá e como empregada doméstica. Depois de dois anos, voltou. Enquanto isso, o joalheiro casou-se com a filha de um fabricante de peixe em conserva.

Minha irmã retornou e trabalhou como costureira de peles, trabalho que lhe foi ensinado no negócio do pai. Depois da morte dele, ela conheceu um judeu persa, cuja família tinha um comércio de carpetes. Um homem amável, que por anos quis se casar com ela, mas ela sempre recusou. Ela gostava dele, mas à distância, mantendo-o longe. Ia com ele ao cinema, algumas vezes em operetas, e, nos domingos, quando fazia sol, iam ao centro, almoçavam, passeavam, iam a algum café e, no fim da tarde, ele a levava para casa. Assim passaram-se os anos.

No aniversário ou no Natal, ele a presenteava com peças de ouro grandes e pequenas com a figura do Xá, com bordados orientais e com pratos e jarras de bronze. A mãe achava as coisas horríveis. O homem se chamava Ephraim e tratava tanto minha mãe como minha irmã com cortesias e reverências à moda antiga.

Certa vez, minha irmã foi com ele à sinagoga e, uma vez, visitou sua família.

À minha pergunta sobre por que ela não foi morar com o homem, ela dizia: Ele

não me agrada a ponto de poder morar com ele.

Num dia de novembro pela manhã, minha irmã leu no jornal sobre a tempestade da noite anterior, sobre a enchente e os acidentes nas ruas de Hamburgo. *Na rua Osterstrasse (Eimsbüttel), o automóvel conduzido por Hekmat H. (50) de Nova Iorque chocou-se com o táxi de Detlef L. (31), de Norderstedt. O passageiro do americano, Ibrahim H. (62 anos), de Eimsbüttel, morreu no local devido a ferimentos graves.*

Encontrei o excerto do jornal na pequena mala, uma maleta de criança, onde ela guardava seus documentos pessoais, algumas cartas, um anúncio de casamento, obituários e algumas fotos, entre elas a foto de um dos seus noivos, que eu não havia conhecido.

Tudo poderia ter sido diferente, dizia ela. Contudo, desde cedo ela já não via uma possibilidade de acerto. Assim ela viveu até adoecer e precisar ser operada. Ela tinha acabado de completar sessenta e oito anos e passou por uma colostomia. No início, tinha muito medo e vergonha, e não queria viajar. Mas, depois de alguns meses, veio me visitar e conseguiu fazer graça na frente das crianças, quando, sentada à mesa, soltava sonoros gases. Isso não se faz, dizia. Já não posso viajar sem minha *bolsinha*. Quando voltava do banheiro, trazia, um pouco envergonhada, os saquinhos envoltos em papel e os jogava no lixo.

Certa vez, quando estávamos sozinhos, ela chorou e disse: Isso é horrível.

Eu ia de Berlim para Hamburgo. Estava no vagão-restaurant e olhava para fora, para aquela paisagem tão familiar: campos, matas, bosques, cegonhas num campo pantanoso, carvalhos solitários, vacas malhadas, casas de tijolos, o Sachsenwald, as primeiras casas, com pinheiros-azuis e varais circulares nos jardins, a estação. Eu ia para Eimsbüttel, ao Elim, o hospital em que eu tinha nascido e minha mãe tinha morrido.

Elim, um oásis de descanso.

Era o mesmo quarto de seis camas em que a mãe havia ficado. As janelas estavam abertas e as cortinas balançavam suavemente. Era um atípico dia quente de verão.

Ao lado da cama da minha irmã, ficava uma estrutura de metal com rodas, na qual estava pendurado o soro. No seu cotovelo, em uma parte manchada de azul, estava a agulha. Minha irmã tinha perdido peso e a pele pendia murcha em seus braços. Os cabelos, que ela havia tingido de um tom marrom-claro, estavam

despenteados e haviam crescido dois centímetros em cinza na raiz. A camisola do hospital tinha escorregado de um ombro, revelando parte dos seus seios, que caíam sobre as costelas. A sua boca parecia com a de uma velha. Mais tarde, vi sua dentadura na gaveta da mesinha de cabeceira.

Antes disso, eu havia estado em sua casa. Cuidadosamente, ela tinha deixado tudo limpo e organizado. A geladeira havia sido descongelada. Uma conta de luz a ser paga estava sobre a mesa no corredor. Tinha preparado a cama para mim da maneira como a mãe fazia antigamente, uma cama curta, na qual eu tinha de dormir com as pernas levemente encolhidas.

A conta?

Eu paguei.

Ela estava inquieta, a mão acariciava repetidamente o lençol.

Em casa está tudo bem, você pode ficar tranquila.

Mas ela queria conversar, queria falar, falar de si, do pai, de mim.

Como eu era enquanto criança?, eu perguntei. Enquanto essa pergunta puder ser respondida, você *ainda* é uma criança.

Diferente.

Diferente como? Simplesmente diferente. Como? Ela pensou um pouco e, depois de um tempo, disse: Um dia, você viu leões no arbusto. Então, você os ameaçou com uma vara. Todos riram, menos o pai, que foi procurar o leão junto com você. Ela pensava e era visível que fazia esforço não só para falar como também para pensar, para lembrar. Nosso pai sempre foi tão cuidadoso, disse ela, ele teria impedido essa maldita operação.

Mas tinha que ser feita, eu disse.

Ele não teria permitido. Ele sempre cuidou de mim, ela disse.

Ela queria ver dessa forma e eu disse que sim, que talvez.

Karl-Heinz, sempre tão apegado ao pai, era um *menino de verdade*. O pai tinha orgulho dele. Provavelmente, meu irmão foi uma criança medrosa como eu. Assim como eu ainda hoje me pego pensando: Vai, pula. E embaixo, bem lá embaixo, está a água. E não há ninguém para me explicar como é que se pula, com a cabeça para frente, não para baixo, impulsionando-se no trampolim e não se deixando cair. Certa vez, em um dia chuvoso, quando não havia praticamente ninguém na piscina, eu fui para o trampolim de cinco metros sem dizer nada e saltei. O trampolim de dez metros ainda esperava por mim. Um sentimento que era quase como uma ordem: *ser corajoso*. Ele deveria ser corajoso, mas não imprudente. Ele reitera isso, deitado na cama do hospital militar, com as pernas amputadas, em

uma fala distorcida pela morfina. Disse que não foi imprudente. Inclusive naquele momento, mutilado e consciente de que lhe haviam destruído a vida, a juventude que já não poderia desfrutar, mesmo lá, ele era um menino corajoso e valente.

Em uma carta enviada para a mãe, meu irmão colocou junto uma segunda carta para mim, na época, com três anos de idade.

22.7.43

Querido Uwe!

A mamãe me escreveu contando que você quer matar todos os russos e então fugir comigo. Menino, isso não é possível, e se todos fizessem isso? Mas eu espero voltar para casa logo, para então brincar com você, Uwe.

Nós estamos esperando pelo carregamento, vamos para outro lugar no front do leste.

E você, o que tem feito durante o dia? Está se empanturrando de amoras, não é? Aproveite.

Como pode uma criança de três anos querer matar todos os russos a tiros? Era obviamente o discurso da época. Mas poderia ter sido um apelo da mãe, colocado de forma indireta na boca da criança, devido à censura nas cartas. Já que não fazia sentido: se todos os russos fossem mortos, não haveria necessidade de fugir.

A área pantanosa de Lüneburg. O cemitério. Schleswig-Holstein. Bad Segeberg. Tarde de domingo. O passeio no lago. O pai de chapéu e casaco de verão, as luvas de couro nas mãos, a mãe de vestido, sobrecapa clara, luvas de lã, a criança com calça clara e longas meias brancas, assim íamos passear no lago. Lembrar disso significa paralisar, paralisar a respiração, paralisar o pensamento, paralisar as lembranças. E mais uma coisa: nesses passeios de domingo, frequentemente falava-se *dele*, ou esse frequentemente seria um enorme exagero? Em outras palavras, seria na verdade apenas de vez em quando, deixando uma forte impressão em mim pelo fato da minha própria existência também ser invocada sempre que surgia essa conversa. Era também um questionamento da vida dos dois, dos pais. O que teria sido, se... Uma pergunta completamente desnecessária, mas que sempre obrigava aquele que fez a pergunta a considerar até que ponto acredita que as coisas podem ser mudadas por meio de atos racionais. Em relação a isso, a mãe jamais fez qualquer acusação contra o pai. Dizia-se que ele tinha se alistado *voluntariamente*, e o pai não o teria convencido. Mas não havia necessidade. Era simplesmente uma aceitação tácita daquilo que o pai desejava, de acordo com o que era ditado pela sociedade. Eu, no entanto, pude encontrar

minhas próprias palavras, objeções, perguntas e mais perguntas. E palavras com as quais era possível expressar a tristeza e o medo nas histórias que eu contava. O menino que sonhava e enrolava, no sentido de mentir, inventar histórias. De fato, o menino tecia um emaranhado a partir do que observava e ouvia, para dar a si mesmo e às coisas um significado particular.

O menino medroso. O menino valente.

Carta para nosso pai:

20.7.43

Desde 5 de julho o nosso comboio de tanques Tiger encontra-se em batalha. Isso foi até hoje, quando a contraofensiva terminou. Você certamente deve ter lido sobre a vitória no jornal. Foram batalhas difíceis, em alguns lugares há tanques russos, americanos e ingleses a apenas 50 ou 100 metros de distância uns dos outros, às vezes 3 juntos. Corremos com o nosso T34, até que ele foi atingido por um 3.4 ou Tiger. Mais tarde descrevo tudo pra você.

Não escreva nada sobre isso para a mãe.

Saudações do seu camarada Karl-Heinz.

O valente rapaz tinha se alistado voluntariamente para uma unidade de elite. Uma unidade bem diferente daquela em que ele, o pai, tinha lutado, no corpo de voluntários. Aqueles eram o restante da aristocracia e do feudalismo. Nesse círculo, era possível entrar sem ser verdadeiramente aceito, sendo apenas tolerado. *Semper talis*, sempre excelente, era o grito de ordem da guarda de fuzileiros, que o pai gostava de citar. Mas sua vida não era isso: excelente. A palavra *honra* e a forma como ele a enfatizava: *isso vai contra a honra*.

Qualquer pessoa podia entrar na Waffen-SS desde que pudesse comprovar que até o bisavô não havia antepassados judeus. *Descendência ariana pura*. A árvore genealógica. Nobreza para todo o povo. Himmler, que, em 1928, ainda trabalhava com avicultura, procurava por arquétipos para a SS na Idade Média, nos castelos da Ordem Teutônica, nos jogos das antigas assembleias germânicas, as Thing, na Colonização do Leste. *Umwolkung*, o repovoamento. Uma palavra tola, ridícula, repovoamento, mas que — na realidade — era assassina. Os escolhidos deveriam ser definidos pela raça, pelo povo, não pela classe social; mas, assim como na nobreza, o sangue era o critério, não o sangue azul, mas sim o sangue ariano, alemão, da raça dominante convocada a liderar. Das Schwarze Korps, o nome da SS. A Elite. E havia um plano por trás disso, de modo que os líderes das forças-

tarefa na União Soviética eram acadêmicos (expressamente os preferidos de Himmler). Eram oito juristas, um professor universitário, e Blobel, o Standartenführer da SS, líder do 4º Comando Especial, responsável pela morte de 60 mil pessoas, era arquiteto. Para a surpresa dos oficiais americanos, que os interrogaram, eles não eram homens primitivos e brutos, mas sim homens instruídos na literatura, na filosofia e na música, que ouviam Mozart e liam Hölderlin, ainda que se esperasse que tal situação não fosse possível. Eles tinham, de todo modo, noção do bem e do mal e, por isso, também fizeram de tudo para manter em segredo o que tinham feito. Com o avanço do Exército Vermelho sobre Kiev, os mortos do desfiladeiro de Babi Yar foram desenterrados por um grupo de presos sob a supervisão da SS, seus corpos foram incinerados e depois os prisioneiros foram fuzilados. O óleo diesel usado para queimar os mortos foi anotado no caderno de registros. Os burocratas da morte. Otto Ohlendorf, economista qualificado, chefe da força-tarefa D, especialista em estatística, foi responsável pela morte de 90 mil homens, mulheres e crianças, e comparou o fato com o que os israelitas da Bíblia haviam feito, também exterminando seus inimigos. A raça dominante. Eram os delírios de grandeza do pequeno burguês, que faziam com que aqueles que ocupassem as últimas posições do escalão social considerassem que era melhor vigiar com uma carabina doze seres inferiores no trabalho do que ele próprio trabalhar. Essa era a essência dessa ideologia superior. O mito do sangue e do ser alemão era suficiente, não importava se era preguiçoso ou trabalhador, estúpido ou inteligente, você pertencia a um povo superior. Assim era a comunidade nacional, semelhante à nobreza, com a qual meu pai havia sido confrontado nos países bálticos, que prezava pela pureza da árvore genealógica. E, nessa comunidade elitista, definida exclusivamente pela árvore genealógica, e que se sentia superior a todos os demais povos, o exemplo máximo era a SS, a Schutzstaffel, a unidade de defesa, cujos membros tatuavam o grupo sanguíneo na parte superior do braço esquerdo; o que, por um lado, apontava para uma medida das mais sensatas — saber imediatamente o grupo sanguíneo do colega em caso de ferimento — era, em seu significado mais profundo, a expressão de uma irmandade de sangue, de uma ideologia, que sempre retomava o argumento do sangue, da árvore genealógica, da raça. E era o caso inverso ao dos números tatuados nos antebraços dos prisioneiros dos campos de concentração, o que marcava sua expulsão da comunidade. Tanto vítimas como culpados estavam identificados por números.

Nada — e isso é o fato mais desesperador — evitou que os assassinos

cometessem os crimes, nem educação, cultura, nem a chamada espiritualidade. E isso, conforme descreveu Jean Améry em seu livro *Além do crime e castigo — tentativas de superação*, também valia para as vítimas nos campos de concentração: cultura e educação não lhes davam força, consolo, não podiam mobilizar qualquer resistência — nada. Quando o carrasco Heydrich, por exemplo, tocava violino, uma expressão de sensibilidade surgia em seu rosto.

Para as vítimas, valia o que Jean Améry[3] escreveu: *Assim como os versos no muro silencioso e bandeiras tremulando ao vento, as máximas filosóficas também perderam sua transcendência e se voltaram a nós em parte com questões práticas, em parte como uma verborragia estéril: onde queriam dizer algo, permaneciam triviais e, onde não eram triviais, não queriam dizer mais nada. Para reconhecermos isso, não necessitávamos de nenhuma análise semântica e nenhuma sintaxe lógica: bastava um olhar às torres de vigilância e sentir o cheiro de gordura queimada dos crematórios.*

Não há nenhuma tentativa de explicação. Assim como nada escrito ajuda a deduzir, classificar e compreender — torna-se apenas uma legítima defesa contra as circunstâncias descobertas. A foto tirada por Lee Miller depois da libertação do campo de concentração pelos americanos mostra um homem da SS afogado pelos prisioneiros em um córrego. Observa-se o rosto e o uniforme de camuflagem, ligeiramente desfocados pelas águas claras que se movimentam sobre ele, como se o homem surgisse de uma ameaçadora profundidade. Lee Miller intitulou sua fotografia *The evil*, o mal. E o que teria acontecido se meu irmão tivesse sido transferido para a guarda de um campo de concentração?

Meus pais nunca formularam essa pergunta. E pensaram? Acredito que, pelo menos, devam ter pensado no assunto — e quão grande deve ter sido o pavor nesse caso? O que era falado e discutido era o seguinte: o que teria acontecido se ele não tivesse se alistado na SS. Isso não era, contudo, uma recusa radical à guerra — o que precisaria ter acontecido anos antes. Apenas questionava-se a escolha da unidade militar. E o que teria acontecido se ele simplesmente tivesse ido para a Wehrmacht? As tropas da Wehrmacht tiveram muito menos perdas que a Waffen-SS. E, além disso, a Wehrmacht não teve nada a ver com essas *coisas horríveis*. Nos anos 50, início dos anos 60, a Wehrmacht ainda era considerada, com naturalidade, como um corpo *honrado*. A Wehrmacht era formada de soldados que apenas estavam cumprindo o que lhes foi designado. *Nossa honra é a nossa lealdade*, estava inscrito nas suas fivelas de cinto. Se ele ao menos tivesse ido para o Afrika Korps... Naturalmente, passou despercebido para meus pais que também

na África era possível perder as pernas. Talvez — assim eles ponderaram —, o destino fosse outro na África.

De fato, lutar no Afrika Korps foi um desejo do meu irmão. Rommel, a raposa do deserto. África. Uma representação romântica. No seu diário, pode-se ver o desenho de um leão, que salta de trás de uma árvore, folhas de palmeira, uma cobra no chão. O leão foi muito bem desenhado. Um outro esboço, um tanto ingênuo, é de uma vitrine de uma loja. Sobre ela, pode-se ler: *Peles — Animais — Couro. Confeções masculinas e femininas. Troféus de caça. Taxidermia. Esculturas de animais*. E, por fim, o nome do pai: *Hans Timm*.

No início de 1929, o pai abriu uma loja de taxidermia depois de ter trabalhado alguns anos com um famoso taxidermista de Hamburgo. Não teve treinamento para a profissão, mas adquiriu conhecimentos com o seu tio em Coburg. Ele tinha um olhar preciso para movimentos e proporções, um talento bastante incomum para empalhar animais. As fotos do pai que mostram animais empalhados comprovam isso: uma zebra, um leão, muitos cachorros e, em especial, um gorila. Diversas fotos mostram o processo de preparação, com meu pai usando um jaleco branco, modelando em gesso um gorila e, então, com o animal finalmente pronto: seu braço esquerdo está agarrado a uma árvore, a boca está toda aberta, mostrando os dentes, a mão direita bate no peito, claramente pode-se ver os dedos dos pés e também o pênis, surpreendentemente pequeno. Os olhos do animal brilhavam, assim como os lábios que deixavam descoberta sua imponente arcada. Ele se segurava com força na árvore e não se sabia se estava descendo para atacar o espectador ou se estava paralisado no momento do susto, pronto para fugir no instante seguinte. Conforme um ajudante do meu pai me contou mais tarde, o gorila teria sido o terror de todas as clientes. Até que uma mulher reclamou do pênis, que precisou ser coberto com uma tanga. A partir daquele momento, o gorila tornou-se uma figura ridícula.

Uma foto mostra meu irmão em um uniforme de marinheiro. Nos braços, ele segura um Schultüte, um cone cheio de presentes pelo seu primeiro dia de aula. O pai mandou confeccionar o uniforme de marinheiro com os botões dourados em cor de fogo, especialmente para ele. O menino está com um olhar sério. Ao lado dele, um pastor alemão está sentado. Era de verdade ou empalhado? Acho que era Bello, o pastor alemão que eles tinham naquela época.

O gorila foi um trabalho para um museu americano, eu gostaria de saber para

qual. Talvez se possa vê-lo ainda em algum departamento de zoologia em Denver ou Chicago. Meu pai trabalhava para coleções e museus e também para clientes particulares. Seus trabalhos foram reproduzidos em revistas especializadas, ganhando elogios. No início dos anos 30, ele recebeu uma oferta para trabalhar como taxidermista no Museu de História Natural de Chicago. Pensou bastante se deveria aceitar a oferta, o que significaria emigrar. Decidiu então por ficar e trabalhar de forma autônoma. O motivo era a família. Outro motivo era que ele não gostava dos Estados Unidos e queria ficar na Alemanha. A Alemanha não era somente um país, mas o país, rico em história, ao qual ele pertencia, onde ele havia crescido e do qual se orgulhava. A Alemanha não era somente o país de seu passaporte, mas sim *a pátria, a língua, o povo*, que está na raiz da palavra *deutsch*, alemão, que vem do gótico *thiot*: tribo, povo.

Emigrar era algo que ele só poderia imaginar em caso de emergência extrema. Emigrar sempre teve um caráter de traição para ele. Eram traidores Thomas Mann, que, em um programa da BBC, aprovava o bombardeio e a destruição de Lübeck, e Marlene Dietrich. Ela tinha posado com o uniforme americano e havia *cantado canções* com os soldados americanos.

Depois da guerra, no rigoroso inverno de 1946, recebemos um pacote de auxílio. Havia tantas coisas desconhecidas para mim: farinha de aveia, açúcar mascavo, leite em pó, carne bovina em conserva e xarope de bordo. No pacote, também havia duas camisas e um par de sapatos, botinas pretas, novas, com solado de couro, calcanhar emborrachado, com uma borracha vermelha no meio, que causou grande admiração entre conhecidos e familiares por parecer uma obra de arte. Naquela época, o pai disse algo que viria a repetir frequentemente: Como pude ser tão idiota de não ter ido para a América?

Ele calçou os sapatos, mas o par era dois números abaixo do dele. Levou-os diversas vezes ao sapateiro para alargá-los, mas em nada ajudou. Eles continuavam muito pequenos. Ele os usou mesmo assim, usou-os durante todo um verão, até ficar com calos. Somente então parou de usá-los e os trocou no mercado negro por comida, cigarros e três barras de chocolate suíço. Toda a noite, depois do jantar, eu ganhava um quadradinho. Ainda hoje é um sabor que me traz muitas recordações.

Estados Unidos, Suécia e Suíça, esses eram os países ricos de onde vinham chocolate, merenda escolar e biscoitos. A partir da perspectiva de uma criança, os Estados Unidos eram um país poderoso, muito mais poderoso que *a nossa Alemanha* do meu pai e, com isso, obviamente mais poderoso que meu pai. Era a

humilhação de sua geração frente aos Estados Unidos. A Rússia era *populosa, mas havia perdido “muito sangue” com a guerra*. Os Estados Unidos, por outro lado, eram um país maior e mais forte. Seus valores e sua cultura foram assimilados. Uma ofensa àqueles que acreditavam terem sido os eleitos para conquistarem o mundo, que acreditavam pertencer à raça escolhida. A honra. Agora, se curvavam para juntar as pontas de cigarro e precisavam aceitar uma reeducação. Só essa palavra já dizia muito: reeducação.

Em Coburg, em abril de 1945, uma barricada foi construída atrás da ponte do Rio Itz, e trincheiras foram escavadas nas suas margens. Um tenente deveria defender a barricada do avanço dos americanos. Era um dia quente e ensolarado de primavera.

Pela manhã, ao brincar em frente de casa, caí em uma trincheira. Fiquei sentado na terra úmida e me senti como se estivesse em uma tumba. Sobre mim, o azul do céu. Devo ter gritado como um condenado, até que um soldado alemão me tirou do buraco. Logo depois, os soldados alemães sumiram, tiraram seus uniformes, vestiram roupas civis e simplesmente abandonaram suas bazucas e carabinas no sótão de suas casas. Um tanque americano empurrou vagarosamente um caminhão carregado de pedras que deveria bloquear a ponte. Pouco depois, tocou a campainha, e as mulheres, amedrontadas, entre elas a minha mãe, abriram a porta. Lá fora estavam três soldados americanos, um deles negro. Assim terminou o Terceiro Reich em Coburg.

Era a libertação. Uma libertação dos soldados que cheiravam a couro, usavam botas pregadas, diziam *Jawoll*, batiam calcanhares e davam passos marciais que ressoavam por todas as ruas. Os vencedores vinham com seus soldados de borracha, quase que em silêncio. Um funcional jipe com galões de gasolina e com uma pá na parte traseira. O para-brisa podia ser reclinado. O cheiro de gasolina era diferente da alemã, mais adocicado. Os soldados subiam nos jipes em seus uniformes caqui, sem aquela rigidez alemã, e lá de cima jogavam chicletes, chocolates e biscoitos para nós, crianças. Prazeres desconhecidos.

O diretor distrital Feigtmaier, em uniforme marrom, que havia dois dias era temido e saudado com reverência, estava agora de pé varrendo a rua próximo à sarjeta, enquanto os jipes passavam perto dele, o que fez com que precisasse saltar para a calçada, levando respingos de sujeira na roupa.

De um dia para o outro, os grandes, os adultos, ficaram pequenos, uma experiência que compartilharia com muitos outros da minha geração. Provavelmente, exista uma relação entre essa experiência e o movimento

antiautoritário da revolta estudantil contra a geração dos nossos pais.

Comboios cruzaram a cidade — jipes, caminhões, carros blindados de reconhecimento —, enquanto os esfarrapados soldados alemães, que haviam sido presos, os seguiam. A profunda receptividade aos hábitos americanos, pelos filmes, pela literatura, pela música, pelas roupas, por essa marcha triunfal, tudo isso se devia ao fato de que os pais não se renderam apenas militarmente, mas também em seus valores e em seu modo de vida. Os adultos pareciam ridículos, mesmo que as crianças não fossem capazes de achar uma explicação para isso. No entanto, essa decadência dos pais era perceptível. Havia a saudação obrigatória: os homens tinham que tirar as boinas e os chapéus para os soldados ingleses da ocupação, para os vencedores. A criança observava os adultos, também as mulheres, se abaixarem para pegarem as pontas de cigarro jogadas pelos soldados americanos. Homens, que havia pouco ainda eram saudados de forma bizarra, com vozes estrondosas de comando, de repente sussurravam, diziam que não sabiam de nada, diziam que não queriam aceitar aquilo, diziam que havia uma traição sendo arquitetada.

O pai odiava a música americana, os filmes, o jazz. O americanismo. Sua geração havia perdido a autoridade de comando na esfera pública e, assim, só podia comandar em casa, entre quatro paredes.

Na escola, não se podia mais ensinar com os livros antigos. Um de meus mestres, o professor Bohnert, o único que, durante o período nazista, havia sido demitido por motivos políticos, ensinava Alemão e História e o fazia de modo a trazer à discussão não somente a estupidez e os crimes dos nazistas, mas também o questionamento dos seus motivos, criticando a *obediência cega* e as *inclinações militares* dos alemães a partir de exemplos. Quando contei isso a meu pai, ele se irritou com a reeducação ditada pelos vencedores. Mas ele não podia fazer nada. E para mim, a criança, era perceptível que aquela indignação exaltada se traduzia tão somente em impotência.

Certa vez, quando da ocupação alemã na França, ele tinha observado como um soldado alemão queria presentear um menino com uma maçã. O menino pegou a maçã e a jogou fora com desprezo. Era uma história sobre orgulho, que meu pai frequentemente contava.

Em um passeio de trem, um oficial americano queria me dar uma barra de chocolate. Eu, porém, me recusei a aceitá-la. O soldado balançou negativamente a cabeça. O pai, que estava lá, contava sempre essa história como um ato heroico.

Naturalmente, Karl-Heinz teria feito o mesmo.

Uma geração inteira viu como lhe tiraram a autoridade política, militar e ideológica e respondeu ofendida, de uma forma orgulhosa e persistente. Mais tarde, com o começo da Guerra Fria, as forças de restauração foram recobradas, mas, nos primeiros anos depois da guerra perdida, a ânsia pelo poder existiu somente em casa, na esfera privada. E voltava-se contra a cultura do vencedor.

É provavelmente uma das diferenças entre a Alemanha Ocidental e a Alemanha Oriental, entre o que mais tarde seria a República Federal da Alemanha e a República Democrática Alemã: a parte ocidental foi confrontada com a acusação de culpa coletiva, o que é natural a partir de um ponto de vista democrático. Afinal, Hitler havia sido escolhido nas urnas. Na parte oriental, por outro lado, a diferença foi estabelecida entre seduzidos e sedutores, feita a partir de uma visão reducionista mecanicista, de tal forma que os capitalistas eram os sedutores, e os trabalhadores, os seduzidos. Desse modo, a culpa recaía em uma mera disputa de classes, fruto de interesses econômicos. Assim, não se questionaram os pensamentos autoritários e os padrões de conduta baseados na supremacia estatal, que foram inclusive tomados como virtudes prussianas positivas na sociedade socialista. As relações econômicas haviam sofrido uma revolução, ainda que a partir de fora, pelo Exército Vermelho, pela União Soviética. Portanto, não houve turbulência econômica acompanhada de revolução cultural, nenhuma revolta contra o modo de vida da geração culpada dos nossos pais. Nenhuma forma nova de vida coletiva foi colocada em prática, não foram fomentadas relações livres entre os sexos nem o desenvolvimento do pensamento crítico em relação às estruturas de poder do estado. Não havia liberdade de expressão, democracia participativa e tampouco auto-organização social. Assim, todo bar de propriedade privada era visto como um foco de dissidência, toda máquina que pudesse duplicar algo era proibida por ser um potencial desestabilizador do sistema, toda calculadora era vista de forma suspeita, pois poderia ser possível falsificar os bem-sucedidos números de produção com ela. As críticas a esse desenvolvimento, mesmo quando nascidas de um espírito solidário, eram vistas como infiltrações da ideologia ocidental, americana, capitalista, e, por isso, rechaçadas.

O menino não conseguia se lembrar de ter sido encorajado à desobediência, nem mesmo pela mãe — *fique fora disso, tenha cuidado*, sim, mas não a dizer não, a resistir, a desobedecer. A educação voltada à bravura — com bravura sempre compreendida no sentido coletivo — conduzia a uma covardia civil.

Depois de ser libertado da prisão inglesa, meu pai foi para Hamburgo e a mãe e eu retornamos de Coburg em 1946. Nos escombros, ele encontrou uma máquina de costura de peles, lubrificou, limpou-a e abriu uma peleteria num porão, onde nós logo moraríamos. Quando saiu da prisão inglesa, ele não possuía nada além do seu uniforme da Luftwaffe, tingido agora de verde. O seu relógio suíço de aviação teria sido roubado na prisão por um soldado inglês, o que ele sempre repetia. E, para suas botas forradas com couro de porco, existem duas histórias. Em uma delas, ele relata que teria sido ameaçado por *trabalhadores estrangeiros*, poloneses libertados, na estação de Dammtor, e as botas lhe teriam sido roubadas sob a ameaça de usarem a força. A outra versão diz que ele teria trocado as botas por manteiga e peles de esquilo. Talvez houvesse dois pares de botas e ele tivesse escondido um na casa de sua irmã. Em todo o caso, uma das imagens mais claras que tenho do meu pai é vê-lo caminhar pela casa com aqueles caussolões que se estreitavam na panturrilha e com suas botas baixas, parecendo uma cegonha. Metade da casa que ele encontrou soterrada havia sido destruída por uma bomba, de modo que a parede de um quarto tinha sido transformada em uma parede externa. As ruínas ficavam na frente da janela do porão, uma montanha de escombros, onde se podia brincar. Encontravam-se diferentes coisas nas montanhas de escombros, tais como painéis, torneiras, banheiras, armações de camas de ferro, facas, canos de esgoto, relógios, máquinas de costura, objetos enferrujados e, por vezes, deformados em formas estranhas pelo calor.

Uma cicatriz com formato semicircular na testa me lembra das brincadeiras nesse cenário de escombros com cheiro de argamassa e madeira podre. O menino, que estava agachado e limpava com um velho martelo um tijolo para construir uma casinha, foi atingido na testa por um garfo de bicicleta que havia sido jogado por outro rapaz. Um véu vermelho-brilhante cobriu meus olhos. Não houve dor num primeiro momento, mas sim o choque pelo vermelho nas mãos, nos braços, na camisa e, mais tarde, pelo gosto de sangue e ferro.

O pai dormia sobre a mesa de esticar, uma prancha de madeira, sobre a qual as peles costuradas eram esticadas. Não consigo me lembrar onde minha irmã estava naquela época. Provavelmente, na casa de parentes em Schleswig-Holstein. Eu dormia com a mãe na única cama que tínhamos. A umidade entrava através da parede do quarto, que estava voltada para fora, formando uma camada de gelo brilhante no inverno, à noite, que, junto com a luz das velas, compunha uma paisagem vertical de contos de fadas. Dormíamos de blusões e casacos na cama, o

pai coberto com o seu casaco de uniforme tingido com as iniciais PW em branco nas costas: *Prisoner of War, prisioneiro de guerra*.

Ele estava sentado à máquina de costura e costurava peles de esquilo, acariciava os finos e delicados pelos que, com o mais suave movimento de ar, mudavam para um tom cinza: um trabalho minucioso e entediante, que sempre levava meu pai a praguejar por costurar pelos sem querer.

Era o primeiro casaco de pele que meu pai tinha confeccionado na sua vida.

Depois de dois anos, estávamos em condições de sair do porão e ir para uma casa, onde a mãe, o pai e eu moraríamos; havia um quarto sem umidade e que podia ser aquecido. E após mais três anos, mudamos para um apartamento que ficava acima de uma loja com oficina. Meu pai reformou a loja, cobriu as paredes com madeira de faia envernizada e colocou dois grandes espelhos nos provadores. Contratou dois peleteiros e seis costureiras. O mestre, o senhor Kotte, não tinha um olho. Ele pilotara um tanque de guerra. Os estilhaços de uma granada o acertaram no olho através da fenda de visão do tanque. Kotte não era um bom peleteiro e seus casacos frequentemente tinham falhas. A altura da pele não era correta, nem as cores e a altura dos pelos, a penugem.

Ele vê mal, só com esse olho, dizia o pai. Havia reclamações, mas ele se manteve fiel a esse peleteiro inválido da guerra, que seguidamente, quando se virava para a parede, já se sabia que iria tirar seu olho de vidro e limpá-lo com um lenço.

Uma vez, quando houve uma festa — e, naqueles dias, havia muitas —, veio a nós um jovem rapaz que tinha uma peleteria. As pernas desse homem haviam sido amputadas. Colegas o trouxeram de carro e o pai o levou nos braços até a oficina. Lá, sobre uma grande prancha, foi posta uma mesa com costelinhas de porco defumadas, salsichas e salada de batata. O homem, cujas pernas tinham sido amputadas logo abaixo do tronco, foi colocado em uma cadeira. Vez por outra, o pai o levava ao banheiro. Riram bastante. Esse homem, inclusive, ria muito, podia rir alto e *com prazer*, o que, como criança, me surpreendia: como esse homem podia sentar-se lá, segurando-se firme na tábua de comida, e rir, *derramando-se de tanto rir*. E, quando todos já tinham ido embora, o pai carregou novamente o homem, que era apenas um tronco, de volta para o carro que já o esperava.

Em seguida, o pai e a mãe sentaram-se à grande tábua com os pratos de comidas vazios, os copos e as garrafas. Fumaram e permaneceram em silêncio. Nesses momentos, minha mãe também fumava um cigarro. Depois que ela terminava de fumar o cigarro, sempre começava uma conversa com o mesmo conteúdo, motivada pela presença do peleteiro das pernas amputadas, dizendo

que o irmão poderia ter sobrevivido se ele tivesse recebido mais transfusões de sangue. Os médicos realmente fizeram de tudo para salvar a sua vida? Ou teria ele sido levado para uma clínica de terceira categoria do hospital de campanha, devido às suas pernas amputadas? Os feridos eram tratados de acordo com as suas chances de sobrevivência. Quanto maior o risco de morrer, mais tarde eles eram tratados. Isso economizava o trabalho de operações; e os que estavam gravemente feridos geralmente sucumbiam devido aos seus ferimentos. Meu irmão tinha sobrevivido à cirurgia, viveu por mais vinte e sete dias e ainda escreveu cartas do hospital.

Teriam reservas suficientes de sangue?

Teriam se recusado a continuar o tratamento?, eram as perguntas que meus pais faziam.

Meu pai escreveu mais uma vez ao médico para pedir informações mais precisas. Não queria se conformar com a lapidar nota de falecimento: *Infelizmente precisamos lhe informar da heroica morte de seu filho*. Ele queria saber mais detalhes, e escreveu para a Divisão Totenkopf, para o regimento. Em resposta, informaram-lhe que a divisão havia sido dissolvida e distribuída em outras unidades. Isso significava que a divisão havia sido aniquilada, *queimada*. Um batalhão da SS que tinha sido *queimado*. A palavra *queimado* se aplicava também na linguagem dos nazistas para os seus próprios homens.

Minha irmã falou sobre meu irmão, sobre as brincadeiras e as travessuras que faziam juntos. Ela me contou como ela, sendo irmã mais velha, o levou ao cinema, me contou sobre quando foram ao circo e como ela propôs transformá-lo em um coelho. Ele queria, contudo, observar os poderes dela primeiro em alguma criança da vizinhança para se assegurar de que ela poderia trazê-lo de volta à sua forma original.

O estranho é que, nas cartas do irmão, ele pouco fala da irmã, mas pergunta frequentemente pelo irmão pequeno.

Carta ao pai:

17.3.43

Na sua carta, você pede para eu não dizer à mãe que estou em batalha. Eu lhe asseguro que até agora não escrevi nada sobre isso e que também não escreverei. Além disso, não estou à caça de medalhas, pois sempre disse a mim mesmo que isso é uma

grande bobagem, eu apenas cumpro ordens e o resto não me diz respeito — de que me adianta ter uma medalha de honra ao mérito se não tenho uma mão? Isso seria o fim da minha vida e do meu trabalho.

Minha impressão hoje, pelo que me recordo, é que o pai sofreu mais com a perda do que minha mãe. Ela se despediu dele em luto e sua indignação se dirigiu a um alvo, *àquela gente asquerosa*, termo com o qual ela se referia não só aos nazistas, mas também aos militares, e aqueles *lá em cima*, os que fazem política, os que governam.

Cuida-se de um menino, passa-se a noite em claro a cada febre, quanto amor, cuidado, trabalho deve-se ter com a sua criação; e, de repente, ele é simplesmente mandado embora para ser mutilado e morto.

O pai não podia admitir tristeza e a única coisa que exteriorizou foi raiva, porque, para ele, a coragem, o dever e a tradição eram inquebrantáveis, e ele não se permitia dirigir esses sentimentos às causas, mas apenas aos militares incompetentes, os covardes e os traidores. Esse era o assunto de conversas com outros colegas militares. Eles vinham à noite, sentavam-se juntos, bebiam conhaque e café e conversavam sobre a guerra. Procuravam explicações sobre o porquê da guerra *ter sido perdida*. Repetiam batalhas, corrigiam ordens equivocadas, destituíam os generais incompetentes e retiravam a autoridade militar de Hitler. É difícil de imaginar hoje essa geração discutindo esses assuntos por toda uma noite.

Por um tempo, meu pai refletiu sobre a possibilidade de entrar para o Partido Democrático Liberal (Freie Demokratische Partei) ou para o Partido Nacional Alemão (Deutsche Partei). Ele, que sabia falar muito bem em público, foi pressionado por conhecidos, que eram membros desses partidos, a se filiar. Ele tinha interesse na política, mas não conseguia tomar a decisão de se associar a um partido. Ele também não ingressou no Partido Nazista, embora tivessem solicitado sua adesão, oferecendo-lhe até mesmo cargos — era, de fato, um bom orador. Mas aquela gente lhe parecia demasiadamente *rude*.

No início dos anos 50, acho que em 1952, ele contratou um motorista que, durante a guerra, dirigira para ele às vezes, quando ele estava servindo no destacamento da Luftwaffe em Königsberg. Ele o levava de um lugar para o outro.

O menino o havia apelidado de Massa. Tirou o nome de livros de literatura colonial, que ele havia comprado em um sebo; livros sobre a colonização inglesa e alemã na África. Massa. Assim os negros chamavam os seus senhores. O pai

achava isso divertido e então passou a chamar o homem com esse apelido; pouco depois, os peleteiros e as costureiras que trabalhavam para o meu pai passaram a fazer o mesmo. Embora ele tenha trabalhado com o pai por três anos, não sei seu nome verdadeiro.

Massa vestia um uniforme cinza de chofer e era *pau pra toda obra*. Ele trazia casacos do depósito para as clientes, dava recados, levava o pai para reuniões da associação de classe, pintava as portas da loja e do apartamento. Mas, acima de tudo, ele falava bastante. Um homem que perdia a hora em conversas. Era alguém que falava da mesma forma com crianças e adultos e que, portanto, me levava a sério. Massa era comunista.

O primeiro comunista que eu conheci. Um homem que odiava profundamente toda forma de autoridade, especialmente aquelas para as quais ele tinha trabalhado como motorista. Apenas com o meu pai ele fazia uma exceção. Provavelmente, meu pai, como seu superior, o tenha protegido durante a guerra em alguma situação. Eu gostaria de saber quando e como, e tenho que fazer um esforço para não me deixar levar pelas minhas próprias suposições ao invés de apenas descrever aquilo que realmente lembro.

Três anos depois, o pai demitiu Massa — *o negócio ia mal*. Contudo, havia conseguido um emprego de zelador para ele com um conhecido. Ele tinha cumprido o que tinha prometido para si mesmo: *cuidar dos seus*.

Na época, eu tinha quatorze anos e, aos poucos, as contradições na vida do meu pai ficavam cada vez mais claras. Havia o pai que, quando comprava camisas, comprava logo seis do mesmo tipo, ou que contratava um alfaiate que, como nas fazendas a leste do Elba, passava dois meses trabalhando para a família, fazendo cortes de vestidos para a mãe e casacos, jaquetas e ternos para o pai, a maior parte deles em tons de cinza: cinza-claro, cinza-médio, cinza-escuro. Cores de uniforme. O pai usava casacos com um lenço um pouco para fora do bolso, com pontos brancos ou azuis. Saudava as mulheres, beijando a mão. Um bom *parceiro de conversa* à mesa. Depois da sopa, batia com a faca no copo e dava um brinde para o anfitrião, para os noivos, para o homenageado. Nas reuniões da associação de classe ou nos encontros da IHAK, a Convenção de Peleteiros de Hamburgo — da qual ele havia sido fundador —, falava em público com liberdade, de modo que as pessoas o escutavam. Ele sabia contar piadas, porém não mais do que uma por vez e nunca uma que fosse *obscena*. Na maioria das vezes, eram piadas sobre os grandes do Terceiro Reich: Hitler, Goebbels, Göring, Ribbentrop. Em uma delas,

o ministro das Relações Exteriores do Reich, von Ribbentrop, que, inclusive entre os nazistas, era considerado burro e arrogante, tinha sido convidado, juntamente com outros ministros europeus de relações exteriores, para o jubileu de coroação da rainha da Holanda. Houve um grande banquete. Naquele dia, a rainha sofria de fortes flatulências. De repente, durante a refeição, ela solta sonoros gases. O ministro das Relações Exteriores da França levanta-se e diz: Perdão, Majestade. A festa continua. Logo em seguida, a rainha solta gases pela segunda vez. O ministro inglês se levanta e diz: Perdão, Majestade. A festa continua. A rainha solta estrondosos gases por uma terceira vez. Aí se levanta o ministro das Relações Exteriores do Reich, von Ribbentrop, e exclama para o salão: Majestade! Este e os próximos três o governo alemão assume!

Meu pai contava essa piada sem rir e não sorvia as risadas dos outros até que cessassem, mudando rápido de assunto e falando sobre outra coisa, sobre algum assunto mais prático. Suas piadas não tinham nada de insinuante. Ele propunha brindes, tomando de modo elegante a taça de vinho pela haste. A conversa já tinha alcançado um volume bastante alto, o riso de algumas mulheres já era estridente. Ele se levantava, sentava-se junto ao piano e começava a tocar, improvisava; as conversas e os risos cessavam, os ouvintes maravilhados ficavam em pé, escutando com os cigarros e as taças de vinho nas mãos. Ele levantava as mãos para o alto de uma forma um pouco irônica e teatral e fechava a tampa do piano, acenava, levantava-se, pegava uma carteira de cigarro do bolso do casaco, a abria sem olhar e pegava um cigarro, batia brevemente o cigarro na carteira e a deixava fechar e sumir novamente no bolso do casaco. Com um movimento rápido, ele riscava o palito de fósforo, acendia o cigarro e balançava o fósforo. Tudo parecia tão fácil, fazia tudo em pequenos e elegantes movimentos, sempre semelhantes. Ele fumava com o cigarro entre os dedos indicador e médio. No dedo mínimo, havia um anel de topázio.

Seu orgulho em sua independência.

Um amigo bem requisitado e bem visto pela sociedade, interessante e divertido, esse era o pai.

Contudo, havia também um outro pai que, durante a noite, se debruçava sobre o livro de contas da loja a calcular. O suspiro, o balançar da cabeça, o silencioso movimento das mãos — sim, ele esfregava lentamente as mãos, apertava-as como se pudesse pressionar também todos os problemas, esmagá-los. Ele tinha um medo constante, e a mãe também, de uma falência, de uma queda em seu estilo de vida de classe média: esse receio da perda da independência, que, no entanto, sempre foi uma independência emprestada pelos bancos.

E os telefonemas. Os telefonemas pelas manhãs para os bancos para conseguir o prolongamento do crédito. Eu ouvi meu pai, que tanto se preocupava com aparências, integridade, orgulho e honra, implorar diversas vezes; ele precisava implorar por dinheiro ao telefone, até mesmo para pessoas de quem ele não gostava, 500 marcos, 3.000 marcos, 5.000 marcos, o que, em 1954, era muito dinheiro, valores que ele precisava com urgência, impreterivelmente, levar ao banco para que o crédito não vencesse, para que pudesse ser estendido. Estender, uma palavra assustadora. O que as pessoas pensarão!? A constante preocupação com o próprio status. Não em um sentido superficial do que os outros achavam, mas como espelho daquilo que nós mesmos pensamos de nós, o que se é, o que *aparentamos* ser. É preciso um nivelamento constante entre as duas coisas. A nobreza faz parte da pessoa, é determinada no nascimento, pelo *sangue*, não importa se está quebrado, se é condenado, se perdeu os direitos políticos, um nobre permanece nobre. Por outro lado, o cidadão comum que fracassa nos negócios e vai à falência não é mais nada — perde seu prestígio social. Por isso também o constrangimento, que não pode se confundir com o tato, que leva em consideração os outros. O constrangimento concentra-se somente em si mesmo, é o medo do fracasso social. É o olhar de fora sobre si, sempre com o suposto olhar do outro. Um olhar de menosprezo.

No ponto sensível, no que diz respeito ao crédito, ele precisou se despir, precisou admitir que iria exceder o prazo se não recebesse o montante. E extrapolar o prazo causaria um efeito dominó de consequências terríveis, pois todos os outros títulos de crédito seriam exigidos e ele não poderia honrar com nenhum. Por isso, os telefonemas, os pedidos, as súplicas a amigos, colegas, funcionários de banco, subordinados em cujos *traseiros* ele gostaria de ter tido o prazer de dar um pontapé.

De certa forma, ele procurava deixar clara para si mesmo a situação com a palavra responsabilidade. Responsabilidade para com a sua gente. E ao falar da *sua gente*, referia-se àqueles por quem se sentia responsável, não somente aos membros da família, mas também aos empregados. Naquela época, eram dois peleteiros, seis costureiras e um motorista. E a família compreendia a mulher, a filha solteira, o filho caçula e também as duas irmãs de meu pai. Quem agora fazia falta era o filho mais velho, meu irmão, que poderia ajudar. Ele também havia sido peleteiro. Toda a esperança estava depositada sobre mim, aquele que poderia assumir as funções do pai; aquele que, um dia, deveria ser peleteiro, ou melhor, teria que ser obrigatoriamente peleteiro.

A palavra prolongar era um eufemismo para uma humilhação econômica. E ela

ocorria sempre no verão, durante a época de baixa. Nessa época, simplesmente não acontecia venda alguma. Por isso, foi criado o serviço de *depósito*.

Na primavera, os casacos de pele eram recolhidos nas residências, sacudidos e batidos, e pendurados em uma sala que tinha sido pulverizada com um produto contra traças, não muito forte, para não correr o risco de devolvê-los ao fim do outono cheirando excessivamente a naftalina. Se houvesse pouco produto, estariam expostos às traças. No verão, os casacos eram retirados várias vezes da sala e levados ao ar livre, onde eram batidos. Massa e o filho do peleteiro recolhiam os casacos dos clientes e os levavam de volta no fim do outono. Existia uma classificação quanto aos clientes. Aquelas que tinham somente um casaco recebiam a visita de Massa. As clientes que possuíam mais casacos ou que pudessem ser importantes para futuras indicações eram visitadas por Massa e pelo filho. Massa, em seu uniforme cinza de chofer, trazia os casacos, e o filho, que, na época, tinha treze anos, dizia: Bom dia, meu pai os saúda cordialmente. Nós trouxemos os seus casacos. Massa tirava o quepe e entregava o casaco enquanto o filho tratava do pagamento. O pai fazia uma distinção entre as clientes que entendiam o que era um trabalho correto daquelas que não sabiam. Aquelas davam a gorjeta para Massa. Estas davam o dinheiro ao filho.

A minha função era então repassar o dinheiro a Massa.

A receita proveniente do armazenamento não era capaz de repor as perdas da estação. O verão era o período em que era necessário renegociar empréstimos, era a época dos telefonemas e de torcer as mãos. Talvez por isso que ele costumasse mandar minha mãe e eu para o interior nas férias de verão, ou então, para Lüneburger Heide ou Petershagen, às margens do Rio Weser, onde ficávamos em um hotel durante cinco semanas. Ele nos levava no Adler até Schneverdingen, no *Hotel Witte, o mais antigo hotel da região*. Um longo prédio de tijolos com as molduras das janelas pintadas de branco. Meu pai ficava por três dias. Nós fazíamos caminhadas pelas trilhas, ou então, apenas passeios. Soldados ingleses estacionados em Soltau realizavam exercícios militares. Ao longo do caminho, ele foi abordado várias vezes por soldados, que procuravam informações sobre lugares, estradas e conexões. Poderia ser confundido facilmente com um soldado inglês à paisana. Há uma foto em que ele aparece vestindo botas, calças cinza-claro, camisa clara e, sobre ela, um suéter cinza-escuro. Um observador das manobras à paisana.

Havia tanques escondidos embaixo de redes de camuflagem nas florestas. Muito ruim, dizia ele, e apontava para as marcas deixadas pelas lagartas na terra, os

rastros. É possível vê-los de cima. Basta observar onde terminam os rastros. Tanques são destruídos com mais facilidade por cima. O primeiro foi destruído por Ritter von Schleich, durante a Primeira Guerra Mundial, com um bombardeiro de mergulho. O Príncipe Stukas, mirar com o avião. Em outros tempos, meu pai me contava em detalhes e gesticulando com as mãos como se fazia para inclinar a asa para a esquerda e para a direita. Agora, havia ficado claro que seus pensamentos estavam em outro lugar. Ele fumava um cigarro atrás do outro e, durante a tarde, ele bebia café e conhaque. No segundo dia, ele retornou para Hamburgo.

Duas semanas depois, minha mãe teve que interromper as férias, pois meu pai, o homem da casa, tinha ficado doente. Dor de barriga, náuseas, cólicas, vômito. Foi diagnosticada uma úlcera no duodeno. Essa é uma das imagens mais claras que tenho na minha memória, justamente por ser tão incomum, por ser uma imagem totalmente diferente daquela que ele tinha de si mesmo. Agora, ele estava deitado na cama em repouso, enquanto a mãe cozinhava mingau para ele. Dois anos mais tarde, ele teve um ataque cardíaco. Depois disso, como dizia minha mãe, foi outro homem, um homem vencido. Eu, no entanto, acho que era apenas a maneira dela encarar uma decadência que começara antes. O infarto como uma reação física diante da mudança de situação na loja. O período pós-guerra, com a sua economia escassa, estava acabando. O mercado negro correspondia às habilidades do meu pai, pois ali ele podia ser ele mesmo; era o tempo do imprevisto e era necessário ter o *faro* certo, era importante parecer mais do que se é de fato; tudo mudava constantemente. Sucateiros transformavam-se em donos de grandes indústrias, como Schlieker em Hamburgo, que mais tarde foi à falência. Em certa medida, era assim também para o meu pai, uma versão reduzida do que foi Schlieker em grande escala.

Durante um curto período de tempo, não se exigiam formações, certificados, comprovantes, diplomas, o que ele não podia apresentar, mas sim habilidades, ideias, relações, visões, a arte da persuasão. Isso era um pouco do modo de vida americano, que ele, por sinal, odiava, mas que condizia exatamente com a sua formação não concluída e com toda a sua existência.

Primeiro, ele encontrou uma velha máquina de costura de peles, ele a limpou, lubrificou e abriu uma peleteria. As peles de esquilo ele adquirira através de uma complicada troca com um oficial russo e, orientando-se pelas instruções de um manual intitulado *O peleteiro alemão*, confeccionou um casaco de peles, que ele vendeu ou incluiu em uma troca com a mulher de um major inglês. O major

supervisionava a derrubada da floresta de Lauenburg. A madeira era enviada para a Inglaterra para a reconstrução pós-guerra. O pai recebeu diversas tábuas de madeira *transferidas* para ele em troca do casaco de pele de esquilo, que ele, mais tarde, trocou por cigarros, manteiga, açúcar, roupas e mais peles.

Essa época de improvisação, empreendimento e descobrimento de pequenos e grandes negócios terminou em meados da década de 50. Aos poucos, os clientes começaram a pedir casacos de pele de outra qualidade, mais caros: castor, jaguatirica, lince; peles cujo valor de compra superava o orçamento do meu pai. Também o corte e a confecção dos casacos havia mudado. Ele não era um peleiteiro formado e, nessa época, já não trabalhava sozinho. No entanto, mesmo os seus dois peleiteiros não estavam capacitados para projetar cortes elegantes de xales, capas e casacos.

Ele sabia vender bem. E ele o fazia como se não fosse parte do seu trabalho, como se fizesse um favor. Alto, magro, loiro, bronzado durante o verão, *olhos de um azul brilhante*, um *homem charmoso e de bom papo*, com boas maneiras, era esse o seu capital. Quando eu vejo suas fotos da juventude, imagino que ele o adquiriu durante o período em que fez parte do corpo de voluntários no Báltico, quando teve contato com os colegas da aristocracia.

Em casa, nem sua resoluta e sincera mãe, nem o tio e a tia, onde ele cresceu em Coburg, podem ter sido um exemplo para isso. Enquanto ele foi esse homem *de bom papo*, de boa aparência, interessante e engraçado, houve muitas clientes que faziam questão de ser atendidas por ele. Eram mulheres que não precisavam se preocupar com o preço e que gradualmente passaram a frequentar as grandes e elegantes lojas do centro da cidade, principalmente Levermann, a maior peleteria em Hamburgo, onde um dia eu deveria ir para aprender sobre o negócio. Elas também iam para a Berger, que era considerada chique em sua extravagância. Com a etiqueta *Berger*, era possível colocar o casaco de pele inclusive com o forro para fora no Jacobs. A etiqueta *Peles Timm* — ainda tenho um rolo delas —, tinha bem menos impacto, apesar das expressivas letras P T. Os casacos, jaquetas e xales que a marca confeccionava eram resistentes, mas também um pouco conservadores, sem nenhum corte refinado, sem espetaculares cortes transversais, trabalhados com cores azul-prateado e topázio, e tampouco a elegância da pele de cordeiro Breitschwantz.

Os negócios já *não andavam mais*, as vendas diminuíram, o motorista foi despedido. O pai foi para o centro da cidade e parou em frente às vitrines das lojas onde surgiram os primeiros casacos de vison da época, agora muito mais baratos

do que ele poderia produzi-los. Os casacos que necessitavam de muita mão de obra eram produzidos *em países com mão de obra barata*, conceito que surgiu na época — países como Grécia e Iugoslávia.

Mas que trabalho mal feito, dizia ele, veja só isso, os pelos costurados, pode-se ver claramente, e as listras estão tortas. Ele ficou parado em frente à vitrine e disse: É preciso processá-los, essa é uma concorrência desleal. Eles levam os artesãos à falência. E, naquele momento, ele se tornou aquilo como denominava os outros com desprezo e que acreditava que jamais se tornaria: um nada.

Se ao menos Karl-Heinz estivesse aqui.

O irmão queria botas com cadarços, como as dos pilotos, motociclistas e homens da SA. Ele economizou, até que conseguiu comprá-las. Em uma foto, ele aparece com um uniforme da juventude hitlerista e essas botas, que passam a panturrilha. Os cordões eram amarrados sobre os calcanhares. Ele queria ir para a África. No entanto, ser incorporado na Divisão Rommel não era para qualquer um.

Eu tive a minha primeira calça jeans quando tinha quatorze anos, depois de uma luta de meses para ter a permissão de comprá-la, apoiado pela mãe e por Massa. Com essa calça, eu ia para a cidade, e o passo era outro, lento, realmente mais solto, o que não agradou ao pai, que elogiava os passos em marcha da infantaria alemã. Eu ia para a Amerikahaus, que, na época, ficava junto ao Alster. Lá, exibiam filmes e disponibilizavam livros para empréstimo. Livros de fotografias, foi assim que eu conheci os Estados Unidos. Fotos das florestas, dos prédios, dos lagos, das áreas de produção agrícola, dos litorais: um país que prometia espaços amplos e que deixava entrever grandes distâncias. Um país oposto ao país das ruínas, ao país da rigidez opressora, com seus regulamentos e ordens. Lá, eu li Hemingway e, além da calça, comprei uma camisa de veludo em estilo americano. E um livro de capa vermelha com a inscrição: *Diário*. Ao folheá-lo, suas páginas apresentam uma escrita à tinta que vagamente reconheço como minha, uma escrita pequena e especialmente angular que tenta dar voz aos sonhos: manadas de búfalos, cachoeiras, árvores gigantescas. Essa palavra: arranha-céu.

O sonho de todo adolescente era passar um tempo lá, se não emigrar definitivamente. Uma terra onde o sol quase sempre brilhava e onde jorravam leite e mel, onde tudo parecia ser prático, simples e bem feito. Assim os Estados Unidos

eram apresentados na Amerikahaus. O que comprovam as duas camisas que o pai encontrou no pacote beneficente. Elas eram de uma qualidade tal que tinham sido elogiadas pela senhora que as havia lavado e também passado. Os punhos tinham botões, mas não eram abotoaduras de punho duplo, as quais exigiam um trabalho minucioso, em que minha mãe e eu sempre tínhamos que ajudar meu pai.

A caixa de papelão foi guardada pela minha mãe, uma caixa bastante resistente, com a inscrição: C.A.R.E. Nela, minha mãe passou a guardar as bolas da árvore de Natal que haviam sido salvas no bombardeio de 1943. E foi somente ao longo dos anos, com o arrumar e o desfazer da árvore de Natal, que as bolas foram se quebrando gradualmente, até que as últimas foram perdidas em um incêndio no ano de 1999, junto com a caixa de papelão.

A explicação que meus pais acharam para o acontecimento foi que aquilo havia sido um *golpe do destino*, um destino sobre o qual não se podia ter qualquer influência. A *perda do menino e da casa*, essa era uma das frases com as quais se tentava evitar pensar sobre os motivos que levaram àquela situação. Acreditava-se que, com esse sofrimento, haviam sido pagas as parcelas de uma penitência geral. Tudo era *terrível*, simplesmente porque eles eram *vítimas*, vítimas de um destino coletivo inexplicável. Eram forças demoníacas que agiam à margem da história, ou que faziam parte da natureza humana, mas que, de qualquer forma, eram catastróficas e inevitáveis; decisões diante das quais só se podia sentir resignação e o sentimento de ter sido tratado injustamente pelo destino.

Como meu irmão via a si mesmo? Que percepções ele tinha? Ele reconhecia a culpa, a responsabilidade, a injustiça?

Nas suas anotações e nas suas cartas, existe apenas uma indicação que questiona esse mito do honesto e corajoso membro da Waffen-SS, mito que mais tarde se espalhou entre os colegas de unidade e foi preservado pelos nossos pais.

No dia 25 de julho de 1943, ele escreve em uma carta da Ucrânia, próximo a Konstantinowka: *Nós nos mudamos para um alojamento ótimo, bastante limpo e bem cuidado, assim como em casa. Aqui em baixo, há também muitas mulheres bonitas — em relação a isso, não se preocupe, pois vou sorrir somente para uma... bem, quero dizer, não vou sorrir para nenhuma...*

Aparentemente, essas pessoas não têm nada a ver com a SS. Elas ficaram todas muito felizes com a nossa chegada, nos acenaram, nos trouxeram frutas, etc., até agora só a Wehrmacht esteve aqui.

Junto com a carta, há dois cravos secos, com uma mancha deixada pelas folhas das flores no papel da carta, um rosa suave. Há dezesseis anos, esses cravos estavam na carta e vinham de um lugar onde as pessoas se alegravam ao verem alemães, porque até então não haviam tido nenhuma relação com a SS. Talvez esses cravos tivessem sido o presente de alguma menina ucraniana. E antes disso, uma frase que deveria ser engraçada, mas que, por meio da brincadeira, revela o seu verdadeiro sentimento: *eu não vou sorrir para nenhuma...*

Era estritamente proibido aos soldados da SS manterem relações com mulheres ou meninas ucranianas. A raça superior não poderia ser misturada com a raça inferior eslava.

No diário, pode-se ler a seguinte passagem: *Nós desmontamos os fornos das casas russas para a construção de estradas.*

Aparentemente, os fornos de pedra das casas de madeira dos russos eram quebrados, e as pedras eram usadas para fixar as estradas para a passagem dos caminhões. Esse assunto se mantém ao longo do diário: *Partida, mas depois de 500 metros, tivemos que voltar, os veículos não conseguiam passar pela lama. A cada 100 metros era preciso empurrá-los. A estrada está cada vez pior e é praticamente impossível passar.*

A demolição dos fornos significava a destruição das casas. O que as pessoas disseram? Elas choraram? Será que tentaram esclarecer para os alemães, desesperadas, o quão terrível seria passar o próximo inverno sem o forno?

Ele simplesmente faz o relato e, em nenhum momento, estabelece uma relação entre as casas destruídas na Ucrânia e as casas bombardeadas em Hamburgo... *fico apenas preocupado com vocês, porque diariamente temos notícias de ataques aéreos dos ingleses. Ah, se os saxões parassem com essa porcaria. Isso já não é guerra, isso é morte de mulheres e crianças — é desumano.*

É difícil de compreender como foi possível separar ou reprimir a compaixão diante do sofrimento, como ocorreu essa divisão entre o que é desumano em casa e o que é desumano na Rússia. Como longe de casa o assassinato de civis era uma coisa normal, corriqueira, sem ter o valor necessário para ser citada uma única vez, enquanto que, em casa, significava a morte.

Quando escreveu isso, ele tinha dezenove anos e três meses e viveria por mais dois meses. Ele tinha completado sua fase de aprendizagem. Esteve na *Jungvolk* e depois na Juventude Hitlerista. Fez treinamento de terreno, prática de tiro,

marchas noturnas. Foi *lapidado*. Com dezoito anos, ele foi incorporado ao grupo e, no outono de 1942, participou da construção de estradas em Stalingrado e, em seguida, foi fazer parte da Waffen-SS na França, onde foi novamente *lapidado*. Então, em janeiro de 1943, foi enviado ao combate na Rússia.

Ele gostaria de ter feito um curso de dança, minha irmã dizia. Mas não houve tempo para isso. E ele também gostaria de ter aprendido a voar de asa-delta. Esse era o seu maior desejo: voar.

Certa vez, ele citou no seu diário uma comida especial.

29.7

Dormimos num vilarejo, pela manhã devemos estar preparados. 6-8 preparação da artilharia.

8 horas intensifica-se o ataque

Grande lançamento de morteiros. Rösch e Herzfeld feridos. Levamos os feridos da infantaria com os veículos de reconhecimento

À tarde faremos varredura de minas — precisamos retirar minas do caminho dos tanques. Belos tiros dos russos. Nossos tanques disparam por cima de nós. O subcomandante Wagner gravemente ferido. 6 homens recolhem 59 minas — retornando com os feridos

Ataque de morteiros próximo aos carros de reconhecimento. Schwarz e eu feridos — vamos para a enfermaria. Injeção de 5 cm³ e ataduras, nós dois seremos enviados para a linha de apoio — dormimos na casa de repouso dos soldados — e comemos sanduíche de geleia na enfermaria.

Enquanto isso, li outros diários e cartas do período, relatos que destacavam o sofrimento da população civil, que expressavam indignação, e outros que relatavam as mortes de civis, judeus e russos com a maior naturalidade. Era a linguagem aprendida que tornava a matança mais fácil: sub-humanos, parasitas, vermes, pessoas de vidas sujas, depravadas e bestiais. Incinerá-los é uma medida de higiene.

No diário do meu irmão, não se encontra nenhuma justificativa clara para aquela matança, nada que lembre a educação ideológica da SS. São apenas observações *normais* sobre o cotidiano da guerra.

O que ele escrevia para a mãe, o que ele escrevia para o pai e o que registrava no diário eram diferentes dosagens do relato de uma guerra. Ambos, pai e filho,

havam combinado de não escrever para a mãe que ele já estava em combate, a fim de poupá-la.

Carta enviada para a mãe em 22 de julho de 1943: *Seria um tanto frustrante se nós nunca fôssemos mandados para combate, pois assim nunca seria possível se destacar, pois seríamos vistos sempre como novatos.*

Mas você sabe que eu não me importo muito com isso e o que mais me importa é voltar para casa a salvo.

Nessa época, ele já estava havia meses em combate, participando da retomada de Kharkov e, em julho, da batalha de Kursk, o que ele registrou rapidamente em seu diário, quatorze dias antes de enviar a carta para a mãe. Percebe-se pela escrita quando ele estava em movimento, em um tanque ou em caminhão, e quando ele escrevia nas trincheiras. Tudo era escrito com um lápis, que se encontra até hoje nessa caixinha. Por vezes, a sintaxe se perde, tornando-se mutilada, desmembrada, quase ausente de sinais de pontuação, em uma escrita diluída.

5.7

0:30 Partida para o ponto de encontro. 3-4 aprontando a artilharia e os lança-chamas. A partir das 4 horas Stukas atacam os Totenkopf sobre um campo minado motocicletas não conseguem cruzar trincheiras de tanques bombardeados e trincheiras russas dois compartimentos de bunkers etc. Tanques seguem pelo arroio. Os Tiger continuam parados nada pra comer carregando os explosivos longe da ponte, ponte consertada minas revestidas de madeira detonadas granadas de mão lagartas do Tiger completamente destruídas. Noite na pista de aterrissagem. Kursk — Belgorod

6.7

Viagem para um novo local de ataque. Passagem impossibilitada. Às 4 horas 73 tanques russos e ingleses atacam coisa pesada o veículo de Michel é atingido por um tanque e voa longe partes do motor e as ferragens voam por uns 400 metros nosso tanque pega fogo todos saem Berg Janke e eu ficamos dentro eu jogo tudo que queima para fora o mais rápido possível e piso fundo para sair do mar de chamas, retiro o tanque da linha de fogo dos russos e estamos fora. Wilhelm (morto) Gerd Klöpfer ferido.

7.7

Ainda estamos no ponto de encontro nossos tanques não conseguem passar e vão para o ataque pela esquerda.

8.7

Voltamos para a companhia. Horrível. Retornamos logo para o tanque R. nos

perdemos passamos noite na pista de decolagem.

9.7

Chegada à divisão de tanques. Depois de duas horas partimos para um novo posto de ataque, dormimos na floresta aviões apareceram um tremendo estrondo.

10.7

Sem ataques. Na floresta. Boa comida.

11.7

Espera durante o dia. Estou de vigia. Partida. Chegada ao ponto de encontro pela manhã.

12.7

Desmontagem. Derrubada de floresta para que os tanques possam passar. Durante a noite tomamos posição.

13.7

Fogo de artilharia em posição definida. 2 m do buraco 17,2 ao meio-dia três tanques T-34 passaram pelo buraco nós precisamos voltar eles estão em enorme superioridade Kriel e Jauch feridos, desaparecidos

Russos lançam grande fogo de artilharia e metralhadora sobre nós Schwarz, Konig, Reinecke e eu passamos por volta das duas horas da manhã.

Lemke e eu fomos em busca de Kriel e Jauch. Tiro no capacete de aço. MG. Não há como, precisamos recuar.

Dormi bem essa noite.

Esse foi o centro da batalha de Kursk, onde foram mobilizadas três divisões de elite da SS: Das Reich, Leibstandarte e Totenkopf. O pai afirmava que a batalha de Kursk teria sido o ponto de virada da guerra, e não Stalingrado — uma visão que mais tarde seria acompanhada pela História Militar.

Meu pai lia livros de história e as memórias de generais e oficiais da Luftwaffe, que passaram a ser publicados no início da década de 50. Entre eles, general Galland: *Os primeiros e os últimos: as forças aéreas na Segunda Guerra Mundial*; *Memórias de um soldado*, do general da infantaria Guderiane; e, principalmente, *Vitórias perdidas*, do marechal de campanha von Manstein, que, em seu extenso livro de 664 páginas, procura mostrar que a Wehrmacht e, em especial, ele próprio, teriam obtido grande êxito não fosse por Hitler, o “cabo”, que interferiu com decisões erradas. Von Manstein trata detalhadamente da batalha de Kursk.

A ofensiva alemã teve início em 5 de julho de 1943 com 900.000 soldados alemães, 10.000 canhões, 1.026 tanques e 1.830 aviões. Do outro lado, estavam os 1,3 milhões de soldados do Exército Vermelho, 20.300 canhões, 3.600 tanques e

2.600 aviões. Em 10 de julho, no sul de Kursk, duas colunas de tanques se enfrentaram. À noite, centenas de veículos de guerra em chamas de ambos os exércitos cobriam o campo de batalha. Ainda era incerto quem tomaria novamente a iniciativa. No dia 13 de julho, meu irmão escreve no seu diário: *Não há como, precisamos recuar*. No mesmo dia, Hitler teve uma conversa com o general von Kluge, que comandava o Grupo de Exércitos do Centro, e o comandante do Grupo de Exércitos do Sul, general von Manstein. Von Kluge queria interromper a batalha, enquanto von Manstein quer prosseguir. Von Manstein justificava sua vontade de dar sequência à batalha com as severas perdas do exército vermelho. Estimativas estavam entre 70.000 homens, dentre os quais 17.000 mortos. Calculava-se 34.000 presos e 6.547 desertores. Nas forças alemãs, havia registros de 3.300 baixas e 7.420 feridos — perdas que, mais tarde, subiriam para 20.720.

Hitler optou por uma solução intermediária, na qual permitiu a von Kluge um recuo e, a von Manstein, a continuação dos ataques. Mais tarde, em seu livro, von Manstein culpou Hitler pela guerra perdida.

Da perspectiva atual, é difícil de compreender como que após o fim da guerra, com o conhecimento da morte sistemática de judeus — do *extermínio* —, poderia ainda haver discussões sobre como a guerra poderia ter sido vencida.

As discussões em casa quando os veteranos de guerra se encontravam, estrategistas de plantão, sempre giravam em torno das reviravoltas e dos pontos cruciais da guerra: as decisões equivocadas de Hitler, de Göring, e do marechal Keitel, chamado de *o lacaio* ou *Lakeitel*. Uma mudança na estratégia. De repente, a Luftwaffe passou a atacar alvos civis, Londres, Coventry, Bristol e Swansea, ao invés de continuar bombardeando aeroportos e fábricas de aviões e, com isso, obter supremacia aérea para invasões subsequentes. E sempre retornavam a Dunquerque — e aos diversos boatos sobre teorias da conspiração antissemitas. Por que Hitler ordenou que a XII Divisão de Tanques parasse em frente a Dunquerque? Com isso, o Corpo Expedicionário Britânico pôde fugir com 200.000 homens para a Inglaterra. E então, o erro mais decisivo, o ataque à União Soviética em 21 de julho de 1941, após ataque e ocupação da Iugoslávia. Assim, foram perdidas cinco semanas cruciais. As tropas cercaram Moscou no início do inverno e o resto é história: hordas de carne congelada, a serra de Hitler e o “tiro para casa” — um ferimento grave o bastante para mandar o soldado de volta para o lar, mas não suficientemente grave a ponto de deixá-lo inválido. Essas eram algumas das palavras que me acompanharam durante a infância e, ao mesmo tempo, representaram a brutalização e a repressão de nossa linguagem.

Revistas, diários de soldados e livretos baratos também relatavam experiências de guerra. Isso soava como o relato da tropa de camaradas da Divisão SS Totenkopf: *Os tanques russos deveriam ter dinamites a bordo, do contrário não se explicam as enormes explosões. Suas pesadas lagartas eram lançadas a longas distâncias pelo ar. Nós conseguimos escapar de ataques-surpresa, mas aqueles que estavam à nossa frente tiveram graves perdas. Eles dinamitaram e destruíram tanques com suas bombas — o problema é que não existe forma de se proteger da explosão de um tanque, e muitos soldados morreram atingidos pelos destroços.*

As aventuras de guerra. A Wehrmacht como uma agência de viagens. Uma antecipação do que mais tarde seria o turismo da prosperidade. Até mesmo o soldado raso regressava como herói, como senhor. A maneira como ele narrava o que havia acontecido na guerra, mesmo depois da derrota, ainda era determinada pelo desejo de se engrandecer, um desejo que deu a força emocional necessária para a guerra de conquista, a saber, a guerra para o enriquecimento: salmão da Noruega, a boa manteiga da Dinamarca e — *naturalmente* — a França: meias de seda, trufas, vinhos, champanhes. *Como soldados, os franceses eram realmente molengas, mas o estilo de vida era outra coisa... E as mulheres? Simplesmente esplêndidas.*

E quanto ao leste? Era um lugar vasto. Cereais, recursos minerais, tudo em abundância. Pulgas, ruas intransitáveis, pessoas de boa vontade. Falta de ordem. Dê uma olhada em uma cabana russa. É inacreditável. O leste era um espaço vital para quem o merecia, para os combatentes da SS, os futuros herdeiros. Os comissários da colonização da região já haviam recebido os planos para a construção de belas casas em estilo enxaimel. Era possível ver os modelos. Mas ainda havia milhões de russos, poloneses, ucranianos e judeus morando nessas terras. Para isso, também havia solução: o *reassentamento* para os eslavos *sub-humanos* e a *Endlösung* — *a solução final*, para a questão judaica. A solução final. Uma expressão que permanecerá banida para sempre e uma evidência de que a língua alemã perdeu a sua *inocência*. O mesmo vale para todas as abreviações, algumas que são marcas registradas da língua alemã e nunca serão esquecidas: SS, SD, SA. Há outras abreviações que, por sua vez, só podem ser encontradas em dicionários especializados: RFSS (Reichsführer da SS), OBH (Oberbefehlshaber des Heeres, supremo comandante do Exército), RuSHA (Rasse und Siedlungshauptmat — Secretaria de Raça e Povoamento), palavras proscritas que continuam lançando sombras desde o tempo imediatamente posterior ao término da guerra. A linguagem militar, o vocabulário das mutilações, que encontrava

correspondências na invalidez corporal: os mancos que andam em muletas, que prendem as mangas vazias dos seus casacos com alfinetes de fralda, que têm as pernas das calças dobradas até o joelho, que fazem barulhos com as próteses.

Meu pai estava na Luftwaffe. Ele falava dos seus voos de reconhecimento sobre a Finlândia e a Rússia. A Luftwaffe não teve nada a ver com a morte dos judeus, dizia ele. Eles apenas lutaram bravamente. Contudo, e essa foi uma de nossas primeiras discussões mais duras, a luta *honrada* e *valente* de cada soldado havia contribuído para que se chegasse a um massacre em escala industrial. *Nós não sabíamos nada disso. A respeitável Luftwaffe. A respeitável Marinha. A respeitável Wehrmacht. A respeitável Divisão SS.*

O receio que acompanhava as minhas pesquisas era de que a unidade do meu irmão, o batalhão de tanques número 3 da SS, e, conseqüentemente, ele próprio tivessem participado do assassinato de civis, judeus e reféns.

Mas esse não foi o caso, até onde pude descobrir. Era apenas o dia a dia normal da guerra: *A 75 metros um Ivã fuma um cigarro, um banquete para a minha MG.*

A Waffen-SS usava o mesmo uniforme da vigilância dos campos de concentração.

A geração do meu pai, a geração dos criminosos, vivia de histórias ou do silêncio. Parecia haver somente essas duas possibilidades: ou falar constantemente sobre o assunto, ou não falar nada, dependendo de quão deprimente e quão perturbadora fosse a lembrança.

As mulheres e os idosos falavam sobre as noites de bombardeio na *pátria*. Dessa forma, o terror era diluído em detalhes, compreendido, domesticado. Na maioria das vezes, em reuniões de família, tudo era reduzido a anedotas, e o horror dava as caras muito rara e repentinamente.

Certa vez, vi meu pai próximo à lareira com as mãos atrás das costas, esticadas em direção ao calor. Ele chorava. Eu nunca o tinha visto chorar. *Meninos não choram.* Não era apenas um choro devido à morte do filho, era algo que não podia ser expressado em palavras e que era transformado em lágrimas. Do modo como ele estava ali em pé, chorando, talvez fosse algo guardado na mais profunda das lembranças, um desespero íntimo, sem autopiedade, uma dor indescritível. Em resposta às minhas indagações, ele apenas balançou a cabeça.

Que imagens eram essas que o afligiam tanto? Talvez fosse o que ele viu e falou sobre um campo de prisioneiros russos, apenas mais um exemplo do horror que

ainda podia ser narrado e expressado em palavras. A história de quando um preso russo tentou fugir e um guarda atirou nele, rompendo-lhe a cabeça. Os demais presos lançaram-se sobre o morto, comendo seu *cérebro ainda quente*. Em um momento terrível, tive a suspeita de que ele poderia ter sido o autor do disparo, mas então disse a mim mesmo que isso seria praticamente impossível considerando o seu status. No seu serviço, ele não lidava com carabinas.

Quando iniciei esse trabalho, o objetivo era escrever sobre meu irmão. Li o livro de Christopher R. Browning: *Ordinary men. Reserve Police Battalion 101 and the Final Solution in Poland*. O que Browning conta a partir das declarações processuais de alguns homens que, naquela época, ainda estavam vivos é que, ao receberem a ordem de atirar em homens, mulheres e crianças, esses poderiam ter se negado à ordem sem o temor de receberem punições disciplinares. Havia exemplos disso, também nesse batalhão. Contudo, isso só ocorreu com doze dos quinhentos soldados, que entregaram as suas carabinas e receberam outras tarefas.

Aqueles — ou seja, a maioria, na verdade quase todos — não recuaram e não disseram não, mas obedeceram e mataram inescrupulosamente, de modo cada vez mais natural, implacável e mecânico. Para ler as descrições do que fizeram, é necessária uma grande determinação, pois fizeram o inconcebível.

De julho de 1942 a novembro de 1943, 38.000 judeus foram fuzilados pelos homens do Batalhão 101 da Polícia da Reserva, cada um com sua correspondente *notificação de execução*.

Em 1967, foi aberto um processo em Hamburgo contra quatorze membros do batalhão. Três oficiais foram condenados a oito anos e dois subcomandantes a cinco e seis anos de prisão, respectivamente. Os outros acusados deixaram o tribunal como homens livres. Nenhum dos acusados demonstrava um sentimento de culpa. Todos se protegeram na alegação de estarem obedecendo a ordens. Mais tarde, as penas seriam drasticamente reduzidas.

Em uma ordem para o exército no dia 20 de novembro de 1941, repassada para todos os regimentos e batalhões, o general von Manstein, que, mais tarde, seria nomeado marechal do Grupo de Exército do Sul, no qual o meu irmão lutou, escreveu: *O sistema judeu-bolchevique precisa ser exterminado de uma vez por todas. Nunca mais eles devem intervir no nosso espaço vital europeu.*

O marechal von Manstein, o estrategista, atuou como conselheiro da organização do exército. Ele, que afirmava que a guerra havia sido perdida devido às decisões erradas de Hitler e que expôs seus planos, concepções, decisões e

ordens em detalhes pormenorizados no seu livro *Vitórias perdidas*, não menciona uma só palavra sobre essa ordem: *O sistema judeu-bolchevique precisa ser exterminado de uma vez por todas.*

Sobre os presos, não consta nada nem no diário, nem nas cartas do irmão. Por que isso não era digno de nota?

Acabo de achar uma ótima pistola Random que vou levar pra casa, pois sempre quis ter uma assim; é uma pistola com três dispositivos de segurança e um disparador de punho, ou seja, fabulosa! E tem também um coldre marrom impecável. Agora tenho duas pistolas: uma 1.08 e uma Random, uma pistola do exército polonês.

Também tenho munição suficiente, pois é a mesma da 08.

Você precisa ver como atiro com ela, melhor do que com o fuzil. Sabe aquelas pequenas peças de porcelana nos postes de telefone, derrubo uma a uma.

Agora, querida mãezinha, fico por aqui. Escreva para mim de novo em breve.

Primo Levi escreveu em seu *Os afogados e os sobreviventes* sobre o quão horrível era viver nos campos de concentração sem poder receber cartas ou notícias de amigos e parentes, o que também não teria sido possível para os prisioneiros judeus, já que seus familiares e amigos poderiam estar em outros campos de concentração ou já mortos. Era esse silêncio, esse abandono, que foi somado a todas as humilhações, à fome, às doenças, à sede e à perda de solidariedade entre os presos. Um abandono profundo e palpável, que leva à impressão de não ser mais lembrado por ninguém.

Agora, querida mãezinha, fico por aqui. Escreva para mim de novo em breve.

Quase todos ficaram quietos e desviaram o olhar quando seus vizinhos judeus foram levados embora e *simplesmente* desapareceram. A maioria manteve esse silêncio depois da guerra, quando se descobriu para onde os desaparecidos haviam sido levados.

Primo Levi vê a grande culpa dos alemães nesse silêncio. Esse *silêncio mortal* era mais terrível do que os discursos prolixos daqueles que tentavam se desculpar alegando não saber de nada. Por fim — e recordo-me muito bem disso —, estes descontavam nos jovens, enumerando os motivos do porquê daquela geração não ter conhecimento do que estava acontecendo, em um ímpeto de se autojustificar, mesmo sem que isso lhes fosse questionado. De qualquer modo, tinham consciência de que sim, poderia haver formas de saber de algo.

Não era somente uma geração ferida, mas também uma geração doente, que

havia reprimido seus traumas com uma barulhenta reconstrução. O que aconteceu se dissipou em estereótipos: Hitler, o criminoso. A língua não foi usada inapropriadamente somente pelos assassinos, mas também por aqueles que diziam a si mesmos: *Mais uma vez, nos escapamos*. Assim, assumiam o papel de vítima.

A primeira vez em que vi meu pai ligeiramente bêbado foi em um passeio para Lünenburg Heide. A reunião da associação de peleteiros aconteceu na primavera, em Sudermühlen, quando eram colhidos os primeiros aspargos. Houve uma refeição com muito, muito aspargo, batata e presunto, acompanhada de algum vinho branco da região do Mosela ou do Reno, Katzenstriegel, Liebfrauenmilch ou algum parecido. Almoçamos no jardim da pensão, era um dia ensolarado e quente com um suave vento leste, que trazia um pouco do frio do inverno. A mãe pegou sua estola de vison. O pai, que, na época, ocupava alguma função na associação, estava sentado a uma longa mesa coberta por uma toalha branca, conversando com seus colegas e suas esposas. Ria-se bastante e ele ria alto, visivelmente alto; um estado de espírito que agradava à criança que eu era naquela época. Os adultos pareciam ter se esquecido do seu poder. Ele estava, como mais tarde disse no carro, especialmente alegre. Massa nos levou, pois, entre os convidados, estavam comerciantes de peles e curtidores com quem era preciso estender os prazos, e nada deveria dar a entender que as coisas não estavam indo bem. *Os negócios iam de vento em popa*.

Esse *estado de alegria* repetiu-se seguidas vezes. Contudo, meu pai não era uma pessoa verdadeiramente feliz, ele ficava mais quieto, mais calado, e até mais apático quando bebia. À tarde, ele ia para um bar, onde encontrava amigos e conhecidos para beber uma cerveja e uma taça de vinho. Isso era o que ele dizia, pois, na verdade, bebia-se mais de uma cerveja e mais de uma taça de vinho. Mais tarde, entre 1957 e 1958, vieram os destilados, no caso do meu pai, o conhaque. Certamente as opressoras preocupações eram um motivo para a bebida. Os negócios indo mal, as dívidas aumentando, tudo isso o sobrecarregava. Para o Senhor Kotte, faltavam os conhecimentos e a habilidade para fazer novos modelos de roupas de peles e, para meu pai, também. Faltava *Karl*. Ele fazia falta não só como o profissional que o pai não era, mas também como apoio, como o menino que não era apenas filho, mas também um amigo, um parceiro, o menino que era a personificação dos seus próprios desejos e que também mostrava consideração e amor para com os outros. Assim, ele permanecia para sempre como um grande rapaz na memória do meu pai.

A palavra *conhecimento*. Ainda faltava ao temporão, a mim, o conhecimento técnico — em 1956, eu estava no segundo ano da minha formação para conduzir a oficina, projetar cortes, orientar colegas. Contudo, já era suficiente para reconhecer o fracasso, a falta de formação do meu pai. Meu irmão também teria percebido isso, mas certamente com outros olhos, com algum tipo de compreensão, vendo o pai como fruto dos anos de serviço na guerra, dos bombardeios, da prisão, do recomeço.

Foi justamente a ausência do irmão que preservou a visão de admiração sobre ele e também a imagem que nosso pai tinha de si mesmo em outra época. Não era somente o pai que tinha fracassado. Com ele, também fracassara o *sistema de valores* coletivo. E ele mesmo era — como muitos outros, como quase todos, até aqueles poucos que ofereceram resistência — um dos que haviam participado da destruição desses valores. A reação era de despeito ou de repressão. Minhas questões relevantes sempre foram respondidas do mesmo modo pelo pai: Você não tem noção. Você não participou disso. Mas meu irmão, sim. Ele tinha sofrido com tudo isso. Ele tinha se sacrificado.

Essa insistência no valor absoluto da experiência — *é preciso ter passado por isso!* — voltava-se contra ele mesmo no que se referia ao âmbito profissional. Ano após ano, eu me tornava cada vez mais competente nas questões do trabalho, de modo que, quando ele queria me explicar algo sobre a confecção de um casaco de vison, eu não podia fazer outra coisa senão rir. E era o que eu fazia. E, naturalmente, era visível para ele a sua incompetência, o que o levava a agir de modo ainda mais autoritário. O lado político e o lado profissional frequentemente misturavam-se de uma forma complicada, um levava inevitavelmente ao outro. Era uma luta para ver quem tinha razão. Nós discutíamos cada vez mais alto e acabávamos gritando um com o outro. No fim da tarde, eu retornava para a loja do pai vindo da empresa onde recebia meu treinamento — que, devido a aquisições de fábricas expropriadas de judeus, tornou-se o maior negócio de peleteria em Hamburgo — e o encontrava, olhando para fora à espera de clientes: uma das minhas recordações mais claras. Quando uma transeunte vinha até a vitrine, ele dava dois passos para trás para não ser visto.

No fim dos anos 50, ele escapava dessa espera com frequência cada vez maior, tomando um café ou mais de um conhaque em algum dos bares próximos. Na maioria das vezes, ele ia ao Bei Papa Geese, um pequeno bar situado a duas quadras da loja. Quatro ou cinco anos antes, ele teria se recusado a entrar em um

bar com nome tão popularesco. Não era somente a fuga da espera cada vez maior por clientes, era a fuga de uma outra espera, da espera por algo que se tornava cada vez menor, cada vez mais distante, cada vez mais nebuloso: uma vida completamente diferente, cheia de aventuras e perigos, rica em surpresas, uma vida realizada e feliz. Dessa forma, ele passava o tempo no Bei Papa Geese, bem próximo à loja, de onde era possível chamá-lo, caso uma cliente importante chegasse. Então, ele metia uma das balas de menta Dr. Hillers na boca, que ele sempre trazia no bolso do seu jaleco branco, o qual ele sempre usava aberto.

Como minha mãe suportava essa situação, tendo conhecido meu pai como um homem sociável, charmoso e envolvente? Como ela lidava com isso, essa mulher tão reservada e amigável? Ela tentou proteger o meu poderoso pai, sem dar o menor sinal de que ela odiava vê-lo bêbado, de passo trôpego, deixando-se cair com força sobre a cadeira, onde ficava sentado à escrivaninha, com as cinzas espalhadas do cigarro que, por vezes, deixava cair aceso de sua mão. Venha, Hans, vá para a cama. Sem dar o menor sinal para mim e para a minha irmã, sem nenhum olhar atravessado, sem comentários — mesmo depois de tê-lo levado para a cama —, sem balançar negativamente a cabeça. Nunca se ouviu um comentário.

Ele estava ferido por dentro, por uma dor cuja causa era difícil de nomear. A carga de decepções acumuladas, a indiferença diante dos acontecimentos, a gradual perda dos seus ideais. Ele não lia mais. Acordava tarde. Raramente contava histórias e apenas quando estava bêbado. O nó da gravata, que antes era sempre impecável e perfeitamente atado, agora estava pendurado abaixo do primeiro botão. Durante o verão na loja, ele sentava-se em uma poltrona e olhava pela porta aberta. Mas do modo como ele sentava e olhava para fora, não havia mais nenhuma expectativa por clientela.

Nessa época, já era a mãe quem cuidava da loja, e ela também assumia cada vez mais funções na oficina. Ela não se envolvia com as *questões financeiras*, isso o pai ainda fazia. Tinha consciência de que a independência estava em risco.

É preciso viver a vida com dignidade.

Elim. Doze fontes e oitenta e seis palmeiras no deserto. Um oásis de descanso.

Fiz os exercícios de alongamento e então saí a correr hoje de manhã, dia 6 de março, quando o sol acabara de nascer. O céu sem nuvens e ainda coberto por uma neblina em tons de cinza e azul. As árvores e os arbustos em um transparente

verde-claro. Entre eles, as primeiras flores brancas de cerejas selvagens.

Corri ao longo do Eisbach, que deságua em uma pequena cachoeira. O canto dos tordos ecoava por todos os lados, o gorjear metálico do tentilhão. Fazia frio, apenas alguns graus acima de zero. Eu corri pelo jardim inglês e fui para um campo, onde havia uma única árvore, uma enorme tília. Sua sombra era branca sobre a grama coberta de geada. Os galhos e ramos mais baixos já revelavam os primeiros toques de verde. Em uma parte oca do imenso tronco, alguém colocou uma pequena imagem da Virgem feita de terracota. Um azul brilhante na casca marrom.

Ainda durante a corrida, eu sabia que hoje faria algo que havia adiado por semanas: escrever sobre ela.

Minha mãe viveu por trinta e três anos após a morte do meu pai. Ela viveu até os oitenta e nove anos. Toda vez que falávamos no telefone, eu me impressionava com a sua voz, tão jovem e com um riso claro e inalterado. Essa voz, e sobretudo esse sorriso, poderia pertencer a uma menina. Ela falava coisas do dia a dia, de pessoas que ela havia encontrado, mas não acontecia mais muita coisa como antigamente, quando ela ainda tinha a loja.

Ela falava das coisas com bom humor. Eu gostava da sua risada, tão próxima e corporal. Quando penso nela agora, vejo-a sorrindo, sentada em sua poltrona Chippendale, adquirida nos bons tempos, e rindo. Ao rir, ela se curvava com um típico movimento de corpo para trás, levantando a mão direita e batendo levemente na coxa. Nunca era um riso malicioso. Tinha um olhar para identificar excentricidades, para o excepcional, um olhar que não era mal intencionado, mas sim que observava todas as variantes, as várias possibilidades que a vida trazia. Ela dava nomes a essas excentricidades, assim como às clientes. Quando se conhecia a pessoa, tais nomes confirmavam o acerto de minha mãe: a resmungona Emma, a que nadava no dinheiro ou a desportista. Com essas qualificações, ela ligava observações, experiências e histórias aos nomes, que se acumulavam através de novas observações, criando um mundo subversivo próprio dela. Com o passar dos anos, a sua voz adquirira um sotaque de Hamburgo cada vez mais acentuado. Talvez eu também tenha me desacostumado com o dialeto de Hamburgo, por morar agora em Munique. Talvez por isso, os longos repousos nas vogais me chamem a atenção.

Uma tarde, minha irmã me ligou chorando e quase não consegui entendê-la. A mãe tinha sofrido um derrame e foi levada ao hospital Elim.

Ela estava em um quarto junto com uma professora aposentada. A enfermeira, uma senhora já bastante idosa e com sotaque da Prússia Oriental, dizia: Falem com ela, conversar é importante. Eu me sentei na cama e falei sobre o voo, sobre as crianças. Vagarosamente, e como se estivesse muito longe, ela voltou a si, me olhou, estendeu sua mão direita, uma mão tão delicada e suave, mas que segurava tão firme a minha. Seu rosto havia se deslocado para a esquerda e se percebia contrações na parte direita.

Ela estava lá, na cama, com um dos lados paralisados. Um balbucio vinha da sua boca, mas ela pressionava minha mão três vezes bem rápido com os dedos da sua mão direita. Era o sinal através do qual nos entendíamos, quando eu era criança e ia com ela para o centro e queríamos chamar a atenção um do outro sem dizer palavras: uma mulher com um chapéu estranho, um homem com um tique nervoso no rosto.

Nós andávamos pelo centro e, uma vez por semana, íamos a um café no Gänsemarkt, ou talvez no Alsterpavillon. Nós nos sentávamos e comíamos torta, ela tomava café e eu, chocolate. Ainda hoje, gosto de ir a cafés, onde se encontram senhoras com seus chapéus clochê. Nós sentávamos entre as pessoas que comiam tortas e conversavam e tentávamos descobrir o que essas mulheres faziam, de onde elas vinham, se elas tinham filhos, se os seus maridos ainda estavam vivos e no que devem ter trabalhado. Um desejo comovente de descobrir, de tentar interpretar a vida dos outros. Então, íamos para casa. Ela sempre usava chapéu e luvas quando saía. Durante o verão, vestia luvas brancas e tirava sempre a luva direita, quando me dava a mão.

Uma foto mostra seus pais sentados na sala de estar da casa deles, decorada no estilo da época, com um piano, uma enorme cômoda, quadros, um tapete estampado com motivos mundanos em muito bom estado e uma escrivaninha em estilo *art nouveau*, com luminárias. Meu avô deveria ganhar muito bem. Era a época dos chapéus grandes, de abas largas, com penas de pavão, e depois da guerra, mais tarde, entrariam na moda os clochê. Não sendo do campo, todas as mulheres usavam chapéus, como o fez a mãe até a idade avançada.

Meu avô aparece sentado em uma poltrona com um charuto na mão. Ao lado dele, a mulher, com quem ele se casou depois que sua primeira esposa morreu — minha mãe tinha, na época, dois anos de idade —, uma mulher pequena e

disforme, com um olhar que só pode ser descrito como penetrante e desagradável. Ninguém conseguia entender por que ele tinha se casado com essa mulher que só sabia fazer uma coisa: administrar o dinheiro. Provavelmente, esse teria sido o motivo de se casar com ela: manter e aumentar seu patrimônio. Ela foi a madrastra, ou seja, minha avó madrastra. Quando eu era criança, tentei impedir sua proximidade e, apesar de ser aconselhado do contrário, sempre evitei ser beijado por ela ou ficar no seu colo. Era uma mulher cheia de perversidade, avareza, maldade e que falava mal dos outros, e que para minha mãe era como as madrastas perversas dos contos de fadas. Trancava a menina no armário de vassouras por qualquer coisa, falava mal dela para o pai, que raramente estava em casa, e castigava a pequena deixando-a sem comer, de modo que a empregada lhe dava de comer escondido. Uma das comidas prediletas da menina era batata frita. Uma vez, quando ela estava sozinha em casa, cozinhou o prato para si mesma. A madrastra voltou para casa e a surpreendeu na cozinha, enquanto lavava a frigideira. Por ter feito batata frita sem permissão, ficou sem poder comer o prato por um ano, sendo obrigada a assistir aos outros enquanto comiam.

Como era possível que, embora tudo indicasse o contrário, aquela criança se tornaria uma mulher tão cordial, gentil e avessa a qualquer forma de mentira, uma mulher de aspecto delicado, mas de grande resistência e vigor, com uma força protetora em seu amor incondicional?

Ficava alguns dias em Hamburgo, quando eu a visitava. Chegava na hora da refeição e lhe dava cuidadosamente uma colher de mingau na boca. Ela não podia mastigar, apenas podia engolir lentamente. Quando eu chegava e quando ia embora, ela me dava esse sinal com os dedos, um alfabeto tátil de compreensão mútua.

Então, em uma certa manhã, ela não estava mais no quarto. A senhora que estava lá disse que ela havia sido transferida. Por quê? Isso ela não sabia, mas percebi que foi embaraçoso para ela não saber dizer.

A mãe havia sido *transferida*. Ao dar entrada no hospital, se presumia ou se esperava que ela tivesse plano de saúde. Por isso, ela tinha sido colocada na ala privada do médico chefe. Ela tinha a cobertura de um plano limitado, que não lhe garantia um quarto de duas camas. Então, foi *transferida* para um quarto de seis camas. Nada me pareceu mais característico do sistema do que esse *rebaixamento* depois de uma vida de tanto trabalho.

Normas do hospital e do plano de saúde. Eu me informei sobre o preço do quarto e de um tratamento particular. Era caro. Eu pensei no assunto. Além disso,

me disseram que todos os exames teriam que ser pagos separadamente, um dinheiro que eu não tinha. Então, ela ficou nesse quarto de seis camas. Ela percebia a minha tristeza, a minha raiva e também a minha vergonha por não poder mudar a situação de que ela havia sido um objeto de *qualificação* e, agora, de uma posterior *requalificação*. Ela apertava a minha mão, tentava sorrir, um sorriso difícil de um lado do seu rosto.

O peculiar nesse rebaixamento foi que minha mãe saiu do piso térreo para o primeiro andar, onde ela tinha me trazido ao mundo há cinquenta e um anos. Agora, ela estava em um quarto bem iluminado, com enfermeiras gentis, e nada lhe faltava. Ela ouvia as risadas e as conversas das outras pacientes, ouvia todas as curiosas histórias de doentes, que também eram sempre histórias de vida.

Eu sentava junto à sua cama e vez por outra lhe dava de beber em uma xícara com bico. Na cama vizinha, uma grande família espanhola se reunia. Eles conversavam e riam. Comiam presunto e azeitonas, pegavam pedaços de pão branco e os envolviam com presunto. Também me ofereceram um pouco.

A tranquilidade e a profunda serenidade que minha mãe irradiava era o mais surpreendente, de modo que eu apertava a mão dela volta e meia, apenas para produzir uma pequena reação. Na maior parte do tempo, eu ficava em silêncio; às vezes, contava-lhe coisas da casa, das crianças, de Dagmar e do meu trabalho. Ela escutava deitada, olhando para a janela. A cabeça caía para o lado, resultado do derrame, mas de tal forma que ela ainda conseguia olhar pela janela. Talvez as enfermeiras tivessem escolhido essa cama propositalmente para ela, para que não tivesse que ficar olhando para a parede. Por vezes, ela tocava com a sua mão direita, que ainda se movimentava, na mão esquerda, que ela não podia sentir, mas que ainda estava quente e cheia de vida. De repente, um bocejo, um bocejo como eu nunca havia visto. Ela, que sempre levava a mão à boca quando bocejava. Agora, eu via sua boca completamente aberta e ali, como um corpo estranho, a sua língua em um azul escuro.

Sol. Janela. Mão. Mãos. Duas mãos. Dedos. Pálpebra. A voz como um trabalho, trabalho para dizer amanhã, um esforço para dizer depois de amanhã.

Aos poucos, ela se recuperou e conseguiu articular algumas palavras. O que permanecia, inclusive na sua enfermidade, era uma compreensão astuta, embora distante, a respeito das coisas que a cercavam — seu senso de humor. Em uma visita ao hospital, durante a tarde, todas as outras mulheres do quarto, mulheres de mais idade, estavam em um estado de grande excitação. Durante a noite, um

homem idoso teria aparecido no quarto. A mãe, que visivelmente tinha entendido tudo, balançou negativamente a cabeça, tocou com a mão boa na têmpora e fez um movimento que ela sempre fazia quando alguém falava demais, com o polegar e o indicador fazendo o formato de um bico que abria e fechava. Então, disse com muito esforço e, depois de repetir duas vezes, de um modo compreensível: *Quem dera a elas!*

A enfermeira veio e disse: Ah! O velho Ehlers. Aquele lá, um tarado? Não, ele só tem um parafuso a menos.

Eu voltei para Munique. Minha mãe recebeu alta alguns dias depois. Minha irmã cuidava dela com uma ajudante. Liguei para ela. A mãe já estava melhor. Já conseguia mexer um pouco os dedos da mão esquerda. Espera, ela disse, e eu ouvi um sussurro seguido de um balbucio. Era sempre uma dor para mim, muito maior do que vê-la naquele estado, não poder ouvir a clareza de sua voz, aquele riso que me era tão familiar e que sempre terminava com um *ai, não!* Ela não conseguia mais sorrir. Eu não entendia nada do que dizia. Na sua presença, ainda era possível compreender algumas coisas a partir de gestos familiares e mímica; sobretudo aquilo que me remetia à infância e que para mim conservava a nossa proximidade: o aperto das mãos, nosso código morse.

Um mês depois, visitei-a em casa. Ela estava na sua cama, uma cama onde eu dormia quando a visitava anteriormente. Ela ia para a sala e dormia em uma cama dobrável. Eu preferia — e provavelmente teria sido muito melhor — ter dormido nessa cama dobrável, uma vez que não tinha cabeceira e nem pé, sendo muito mais confortável para mim. Mas ela insistia e fazia questão de dormir na sala e sempre arrumava a sua cama para mim, uma cama envernizada de marfim, com lençóis especialmente macios, um travesseiro na parte superior e um segundo na parte de baixo, colocado como pé de cama. Na coberta, as plumas se juntavam na parte do pé como que em um saco, deixando a parte superior vazia.

Agora, ela ficava na sua cama e eu dormia na cama dobrável. Minha irmã tinha passado para mim uma camisa, branca, com dois bolsos no peito e botões de chifre, uma camisa dos Estados Unidos que ela, minha mãe, geralmente passava quando eu estava de visita. Ela dizia que a camisa era como a vela de um barco, tão firme era o tecido de algodão. Minha irmã pendurou a camisa no armário que havia em frente à cama.

A mãe olhava para a camisa, deitada na cama, e murmurava alguma coisa, que só consegui entender depois de perguntar mais vezes: *Gosto dessa camisa.*

Só depois eu entendi que ela gostaria de tê-la vestido em seu enterro.

Pouco tempo depois, ela teve um segundo derrame e foi novamente hospitalizada. Na manhã seguinte, bem cedo, a enfermeira responsável ligou e disse que minha mãe estava muito mal.

Fui ao aeroporto, peguei um avião até Hamburgo e, depois, um táxi. Pelas janelas abertas do carro, um ar morno entrava, sendo possível sentir nele o cheiro de folhas secas misturado com a água fresca dos canais.

Na porta de saída do hospital, encontrei minha irmã, que me disse que a mãe tinha falecido há duas horas.

Ela estava em um quarto pequeno. Na verdade, um cubículo, onde havia, do lado da cama, espaço para somente uma cadeira. Ela estava lá deitada, e o mais surpreendente é que ela parecia ainda menor, mais frágil, essa mulher de enorme força de vontade, de grande persistência e que, sobretudo, não queria dominar ninguém. Coberta por um pano branco onde repousavam as mãos entrecruzadas, e não uma sobre a outra — ela havia deixado a igreja. Em torno dela, sobre as almofadas e o pano, as enfermeiras haviam colocado margaridas que tinham colhido no jardim do pátio do hospital. As mãos eram como as de uma criança. Embora ela tivesse já quase noventa anos, suas mãos não tinham nenhuma marca de idade. Eu tomei cuidadosamente sua mão direita. Foi um choque para mim a frieza ao toque. Suavemente, levantei-lhe um dedo e, por um momento, era como se ela sorrisse para mim. Suas bochechas também estavam frias, sustentadas ligeiramente por uma linha branca que corria por debaixo do queixo. Somente atrás da sua cabeça, na nuca, é que eu ainda podia sentir um pouco do calor da sua vida.

Carros na estrada, vozes no corredor e, na janela aberta, um tordo cantava. Naquela época, batizamos o pássaro de Otto. Assim como em relação a outras coisas para as quais nós, eu e ela, tínhamos um código secreto, ninguém sabia o que queríamos dizer quando falávamos de Daddum, o anão do arroz. Um tesouro linguístico compartilhado. Dessa forma, criamos um mundo que somente nós conhecíamos, eu e ela, no qual nos movimentávamos como conspiradores. Nós sabíamos que não era somente uma troca de nomes, mas a vivência em conjunto de situações que nós dois havíamos compartilhado. Também era em parte um sentimento de proteção, uma indiscutível e sólida proteção.

Eu saí e fui para o sol daquele dia quente de verão, caminhando ao longo do canal Isebek. A água tinha uma tonalidade cinza-esverdeada, e o sol refletia um brilho negro sobre ela, embora fosse apenas a sombra de uma ponte. O vento estava parado e havia uma grande calmaria no céu.

Ela tinha o desejo de ver a sepultura onde ele havia sido enterrado. Snamienka. Tinha inclusive o número de sepultura, registrado precisamente, o *túmulo de herói L 302*, como estava escrito na carta do médico da SS. Ela tinha um desejo frequente de poder estar lá, pelo menos nas proximidades, pois sabia que os túmulos da guerra haviam sido aplainados pelos russos. Depois da guerra, o governo soviético havia usado alguns cemitérios de soldados alemães para depósito de lixo, ou para a construção de fábricas. Nada deveria lembrar os invasores mortos.

Era um desejo persistente da minha mãe, de chegar fisicamente mais perto dele, tanto quanto fosse possível, para se despedir. Viajar sozinha para lá naquela época era praticamente impossível. A União Soviética não concedia autorizações para tais viagens. Ela já tinha setenta e quatro anos quando surgiu a possibilidade de fazer uma viagem de ônibus que ia para a Polônia, a União Soviética e a Finlândia, até a Suécia, passando ainda por Minsk no trajeto.

Ela tinha a esperança de que pudesse pagar um motorista particular e viajar para o local no ponto em que o ônibus do grupo de viagens estivesse mais perto de Snamienka. Ela tinha consciência das distâncias e das condições, mas ainda assim quis tentar, mesmo que ela própria não acreditasse em seu sucesso.

Tenho seus registros e fotos dessa viagem, nas quais não se pode ver muita coisa, mas que deve ter tido um significado importante para ela. Ruas, casas de campo, mas também edifícios, tratores e pedestres.

Uma companheira de viagem, uma senhora mais velha que ela, fez um diário de viagem, com descrições exatas dos locais e das datas. Mais tarde, ela o reescreveu cuidadosamente com máquina de escrever, repassando-o para a minha mãe.

7 de junho (Segunda de Pentecostes)

12 horas

Paramos e desembarcamos em frente a um enorme memorial que não fica muito longe de Minsk. Em nossa frente, surgiu um gigantesco morro, chamado de “Colina da Glória”, feito com a terra impregnada de sangue da última guerra. O local me

impressionou muito. Trata-se de um memorial diferente, sem monumentos.

13 horas

A viagem segue de vilarejo em vilarejo, numa distância sem fim. Eu penso na Segunda Guerra Mundial, ouço em pensamento os relatos da Wehrmacht e vejo os soldados alemães andando pelos campos e pântanos russos. Que época... sou invadida por uma sensação de nostalgia. Aproximadamente 200 km depois de Minsk podemos ver macieiras e cerejeiras em plena floração. A primavera russa é bonita — mas tardia.

Com a morte da minha mãe, o desejo de viajar para aquele lugar despertou em mim. Ela não tinha me feito esse pedido, mas mesmo assim, senti que era urgente. Era uma obrigação minha, embora eu nunca tivesse prometido nada. Eu queria escrever sobre ele, mas nunca havia considerado ir à Ucrânia para ver o local onde ele fora enterrado. Não sei dizer exatamente quando esse pensamento se tornou uma intenção, mas, sem dúvida, foi após a morte da mãe. Provavelmente, foi quando comecei a me ocupar mais seriamente com o diário e as cartas do meu irmão, quando pensei que precisava ver o local onde ele havia lutado, onde ele foi ferido e acabou tombando. Onde ele teria ferido e matado outros.

4.8

Parte-se novamente à Bielgorod. A Wehrmacht não consegue sustentar a situação. Os russos invadiram a cidade.

5.8

Esquadrão aéreo russo ataca uma coluna quilométrica. Veículos a gasolina voam pelos ares. 2 mortos e 3 ferid. na comp.

6.8

A viagem prossegue.

Esse é o último registro datado. A viagem prossegue.

Depois disso, há somente um registro sem data, entre 7 de agosto e seu ferimento, em 19 de setembro de 1943, escrito com uma letra cuidadosa, arredondada e com uma clara pressão do lápis. *Aqui encerro meu diário, pois considero que não faz sentido escrever sobre as coisas tão horríveis que acontecem às vezes.*

Escrever sobre o sofrimento, sobre as vítimas, isso significaria questionar os assassinos, questionar a culpa, os motivos para tanta crueldade e morte; fazer um pouco o papel dos anjos, que tomam nota dos pecados e dos sofrimentos dos

homens.

Pelo menos isso — alguém deve prestar testemunho.

Eu escrevera para o arquivo de história militar de Freiburg, solicitando acesso ao diário de guerra de 1943 da Divisão Totenkopf. Quando cheguei, encontrei o arquivo vazio. O conteúdo estava faltando. O arquivista não soube me dizer onde os arquivos estavam. Possivelmente esse material teria ido parar nos Estados Unidos depois da guerra, de onde foram subtraídos.

Por quê?

Fui convidado para uma leitura em Kiev e vi a possibilidade de fazer os oitocentos quilômetros de carro até Snamienka. Iris Klose, da Associação de Editores e Livreiros, que trabalhava para a Feira do Livro Alemã em Kiev, havia conseguido para mim uma intérprete e um carro particular com um motorista para a viagem. No dia seguinte à minha chegada, casualmente o mesmo dia em que meu irmão tinha sido ferido anos antes, fui acordado pelo som estridente do telefone pela manhã. Um sonho sombrio, que se tornou ainda mais obscuro naquele despertar repentino, no qual ele, meu irmão, aparecia em forma de vulto. Em estado de choque, tentei me levantar. Não conseguia. Sentia uma dor terrível em ambas as pernas. Arrastei-me para fora da cama, rastejei pelo chão estridente na escuridão do quarto indo na direção de onde o som vinha, batendo na mesa e nas cadeiras até finalmente pegar o telefone e ouvir uma voz, uma voz incompreensível e distante, que ficou muda ao escutar os meus alô.

Sentado na poltrona, recuperei gradualmente a consciência e pude localizar a dor nas panturrilhas, uma câibra nas pernas que somente aos poucos consegui aliviar, fazendo pressão com os pés. Levantei-me, fiz a barba, tomei um banho e me vesti. Na recepção, o motorista que deveria me levar à universidade já esperava por mim.

A discussão com os germanistas ucranianos e professores alemães foi marcada por uma cordialidade tal que, se pensarmos no passado, parece vergonhosa. A ravina de Babi Yar fica próxima a Kiev.

Durante a pausa, fui ao banheiro. Olhei para o espelho e vi outra pessoa. O rosto pálido, quase branco, olheiras profundas, de cor violeta, como as de um moribundo.

Mais tarde, perguntei à coordenadora da mesa se ela tinha notado ao longo do evento as alterações nos meus olhos.

Disse que sim, mas que não quis me dizer nada, pois achou que eu poderia ficar aborrecido com o comentário. De repente, ao longo da discussão, aquelas manchas escuras teriam se espalhado sobre ambos os olhos, como se eu tivesse levado socos.

À tarde, liguei para o responsável pela administração das sepulturas de guerra da embaixada alemã para me informar sobre o cemitério em Snamienka. Ele me disse que o cemitério havia sido desfeito havia algumas semanas; havia cerca de sete mil esqueletos em uma fábrica vazia. Contudo, o homem que tinha a chave da antiga fábrica estava na Crimeia naquele momento. Ele disse que não seria possível ver muita coisa. Uma parte desse antigo cemitério também havia sido usada para a construção de uma fábrica. Ele perguntou pelo número do túmulo, o que, aliás, não ajudou muito, já que o cemitério havia sido desfeito. Quando ele ouviu que meu irmão tivera a perna amputada, perguntou qual perna e em qual altura ela havia sido amputada. Isso era importante para a identificação do esqueleto?

Sim, mas você não pode entrar na fábrica, pois está fechada.

Por um instante, hesitei, questionei-me se não deveria cancelar a viagem de carro. Apesar disso, decidi viajar ao Dnieper, para o local onde o exército vermelho tinha atravessado o rio em uma batalha que custou a vida de centenas de milhares de soldados russos. Balyko-Schtschutschinka. Há nesse lugar um monumento com o nome de todos os regimentos soviéticos que lutaram. Está situado em uma colina, onde o olhar se perde para além do Rio Dnieper, agora represado, e também a leste, para as extensas planícies. Algumas nuvens volumosas deslocavam-se lentas e resplandescentes por sobre o curso d'água.

Sentamos na grama e o motorista pegou a lata de caviar que havíamos comprado por alguns poucos dólares em um mercado de Kiev. Ele havia esquecido do abridor e agora tentava abrir a lata com um canivete, virando cuidadosamente a tampa já destróçada. Comemos o caviar com colheres brancas de plástico e bebemos vodca em copos de água. Uma mulher veio com um cesto e nos deu ovos cozidos e tomates em conserva. Nós lhe oferecemos caviar, mas ela queria mesmo era beber vodca.

Mais tarde, fomos para Kaniv, uma cidade às margens do Dnieper. Nessa viagem, fiz a maior aproximação do local onde meu irmão havia sido enterrado. A cidade tinha sido reconstruída depois da destruição causada pela guerra. Edifícios

na cor cinza de uma feiura monótona. Havia uma rodoviária com o piso afundado, uma construção baixa como proteção para as intempéries e, em frente a esse prédio, o que imaginei ser uma fábrica. De fato, era um teatro, mas fazia tempos que não aconteciam mais apresentações naquele local. A única empresa grande da cidade, uma central elétrica, estava fechada. A taxa de desemprego era de noventa por cento.

O motorista ucraniano, que falava muito bem alemão, nos convidou para visitarmos os seus pais. A datscha, o sítio, ficava fora da cidade, no alto de uma colina. Ao lado de uma pequena casa de madeira, via-se a estrutura de uma casa para uma família, a qual o seu pai vinha construindo durante anos. Era um homem além dos cinquenta anos de idade, cujo cabelo era pintado em uma tonalidade tão preta que brilhava como carvão no sol da tarde.

Ele nos mostrou a estrutura da casa que ele havia construído sozinho, contando com a ajuda do filho somente às vezes. Passamos sobre tábuas até o chão de concreto que deveria ser um dia o terraço. Havia vigas de ferro à direita e à esquerda, sobre os muros. Perto dali, havia uma betoneira coberta com plástico, montes de areia, tijolos, baldes. Lá, seriam erguidas as paredes para o segundo andar no próximo ano. Isso demora, disse o filho, todas as coisas precisam ser providenciadas: o ferro, o cimento.

Você não pode comprar cimento? Não pode comprar as armações de ferro?

Ele riu. Não. Só pode providenciar.

Na encosta, havia ainda outras casas construídas pelos moradores, de uma variedade anárquica de formas, fruto da competência organizacional dos seus construtores. Pelos jardins, corriam galinhas e patos, um porco se remexia entre as folhagens. Sentamos no jardim em frente à casa de madeira e tomamos café. Mais tarde, o pai do motorista pegou uma garrafa de vodca e a mãe trouxe anchovas e ovos em conserva.

Pedi ao filho que perguntasse ao pai, que era um pouco mais velho que eu, se ele se lembrava da guerra.

Ele balançou a cabeça negativamente, sem me olhar. Percebi que ele não queria falar sobre o assunto. Depois de um pequeno instante, ele me olhou e levantou o copo. Brindamos. *Druschba!*

Naquela tarde, fiquei sentado no jardim ao lado da casa construída pela metade. Disse para mim mesmo que era melhor ficar com aquelas pessoas do que continuar a viagem.

Kruse era peleteiro assistente na empresa em que eu era aprendiz. Um homem

que ria muito, embora ocupasse a última posição na hierarquia da empresa. Uma hierarquia que era definida pelo tipo de pele com a qual o peleteiro era capaz de trabalhar, o que dependia das suas habilidades como artesão. Um mestre que também tinha como sobrenome Kruse, Walter, ficava na ponta de cima dessa hierarquia de doze peleteiros e seis aprendizes. Ele trabalhava com jaguatiricas e chinchilas, as peles mais caras; depois dele, vinham dois mestres, que faziam casacos de castor e de rato; a seguir, vinham os peleteiros que utilizavam peles de vison para fazer casacos e echarpes; mais adiante, vinham os que produziam os casacos de astracã, observando que havia uma diferença entre o astracã de cor cinza natural e o tingido de preto; e, bem no fim, vinham os casacos que eram produzidos a partir dos pedaços de pele que restavam: os casacos de garras de astracã. Esse era o trabalho dos aprendizes do segundo ano e de Arthur Kruse. Um trabalho minucioso e entediante que deixava bastante tempo para conversar, pois, para esse trabalho, não se necessitava de nenhum cálculo ou de qualquer habilidade artesanal como o que era preciso para cortar e destacar tiras de pele de vison. Arthur Kruse, para quem eu trabalhei durante um mês selecionando pedaços de pele de astracã, contava seguidamente histórias sobre a guerra, assim como todos os outros funcionários e mestres peleteiros que haviam servido como cabos ou tenentes.

Arthur Kruse era natural de Hamburgo, de onde saiu pela primeira vez por causa da guerra. Esteve na Polônia, na Rússia e na Ucrânia. Esqueci das suas histórias, suas grandes e pequenas vivências, com a exceção de uma. Embora Kruse fosse um homem modesto, simpático com os aprendizes, essa história me deixou perturbado a ponto de torná-lo uma figura sinistra em meus olhos.

Certa vez, ele teve que levar dois prisioneiros russos do front para uma prisão. Era um dia quente de julho, no verão de 1943. Doze quilômetros em estrada de areia até a prisão e doze quilômetros para voltar. Poeira e mais poeira. Depois de uma hora, ele disse: *Stoi*. Os dois olharam para ele, enquanto ele bebia do seu cantil. Naturalmente, da forma como os russos olharam para ele, deixava claro que eles também tinham sede. Ele colocou o cantil no chão, inclinado em uma pedra, para que não caísse, deu dois, três passos para trás e acenou para eles que poderiam beber, enquanto mantinha a carabina nas mãos, com o dedo no gatilho.

Os dois hesitaram, mas foram até o cantil. Beberam apenas um ou dois goles, não mais do que isso, e colocaram-no novamente na pedra.

Kruse disse que havia acenado para eles que podiam ir embora.

Os dois russos hesitaram. Vão embora, sumam. Ele acenou com a mão e, depois de um segundo, os dois saíram a correr. Ele levantou a carabina e atirou duas

vezes, uma depois da outra. Eu era um bom atirador, rápido com o gatilho, disse. Eles teriam morrido de qualquer forma, mais tarde, no campo de prisioneiros.

Ele teria voltado e, no caminho, ainda teria feito uma pausa para comer sanduíches com um pedaço de embutidos, bebendo o restante da água do cantil. Então, seguiu para a unidade e registrou que dois prisioneiros tinham sido mortos em tentativa de fuga.

Está bem, disse o sargento.

Arthur Kruse mancava. Pouco antes do fim da guerra, ele foi atingido por oito estilhaços de granada na perna.

Essas eram as histórias cotidianas que se contavam ao fim da guerra no trabalho, nos bares, em casa, em dialeto e em alemão padrão. Assim, os acontecimentos e a culpa eram minimizados. E era possível falar — o que hoje é difícil de imaginar — livremente sobre esses assuntos. Os russos continuavam sendo os inimigos: haviam estuprado as mulheres, expulsado os alemães de suas terras e deixado os prisioneiros alemães passar fome, sem que ninguém questionasse a culpa, nem a cronologia e a causa das atrocidades. Os alemães teriam feito não mais do que cumprir ordens, desde os soldados rasos até o marechal Keitel, que se declarou inocente perante o Tribunal de Nuremberg, pois, segundo ele, todos haviam se limitado a seguir ordens.

Um tio que havia se alistado para a SS esteve por um curto período, um ou dois meses, como guarda no campo de concentração de Neuengamme. Chamava-se Johann, embora todos o chamassem de Jonny, e não podia ver sangue, segundo dizia a tia Grete. Saiu da guarda porque se apresentou como voluntário para o front e foi incorporado para Waffen-SS na Bósnia. Em uma foto, ele aparece com um fez na cabeça. Depois da guerra, ficou dois anos em um centro de internação americano. Esse tio não frequentava nossa casa, mas nós nos encontrávamos em grandes festas de família. Lembro-me das suas reclamações com relação ao modo que os americanos tinham tratado os prisioneiros. No início, eles teriam sido obrigados a comer grama. Ele tinha uma bela voz, era um barítono e, às vezes, cantava canções populares ou então operetas. Eu sou o Conde de Luxemburgo. Um nacionalista fervoroso. Dizem que, certa vez, sua avó paterna, uma mulher muito decidida, usou as cortinas recém-lavadas e ainda um pouco molhadas que estava pendurando na escada para golpear suas orelhas, pois ele havia dito que o que se fez com os judeus tinha sido merecido. Ele havia recém chegado de férias.

Nós não sabíamos nada sobre isso.

Minha mãe, que não se interessava por política, se questionava sobre a sua culpa, não com o intuito de atormentar a si mesma, mas no sentido de se perguntar: O que eu poderia ter feito? O que eu deveria ter feito? Pelo menos, deveria ter questionado, dizia ela. Para onde haviam ido as duas famílias judias da vizinhança? Pelo menos essa pergunta deveríamos ter feito, não só para nós mesmos, mas também para nossos vizinhos, e, na verdade, para todos. Somente quando se fala de algo é que é possível estabelecer uma oposição.

Essa relutância em falar pode ser explicada por uma necessidade profundamente arraigada de não chamar atenção, de permanecer no grupo, pelo temor de colocar em risco questões profissionais, pelo receio de não obter ascensão social e pelo medo subconsciente do terror do regime. Assim, tornou-se comum a covardia, o silêncio de morte.

No início da década de 50, quando o rearmamento foi sancionado pelo governo, uma tia, irmã de meu pai, perguntou à minha mãe se ela iria acompanhá-la em uma manifestação que aconteceria no Rathausmarkt contra o rearmamento. O marido de minha tia, dono de uma empresa que havia se especializado em limpeza de tanques de navios, não podia ficar sabendo disso.

Minha mãe foi junto à manifestação? Assim como tantas outras coisas, perdi a oportunidade de perguntar sobre isso.

Para o meu pai, o fim da guerra, do período nazista e da sua incondicional rendição não foi motivo para tristeza, tristeza pela destruição daquilo que ele pronunciava de forma peculiar, colocando muita ênfase sobre a primeira sílaba: o Reich alemão. Em vez disso, ele reagiu de forma ofendida e com uma prepotente rabugice. Ele, que sempre destacava que não havia sido um nazista, trazia argumentos para mostrar que os Aliados também tinham culpa: por que os ingleses e americanos não bombardearam as ferrovias que levavam aos campos de concentração? Os Aliados já sabiam disso em 1943. E por que não bombardearam os crematórios? Por que não incentivaram a tempo a emigração de judeus para os Estados Unidos e a Inglaterra?

Era uma tentativa de relativizar a culpa, de transferir a própria culpa para os vencedores e de torná-los também culpados.

Ainda que não se expressasse de forma clara na consciência do jovem que eu

era na época, eu tinha essa sensação — no momento, uma sensação sem palavras — de que só havia desculpas, de que meu pai estava fazendo exatamente aquilo que ele sempre denunciara como desprezível — estava *se esquivando*. Ele não estava assumindo a responsabilidade. Aquilo que o menino admirava foi incorporado nas brincadeiras às margens do Rio Elba: Rommel na África, a defesa de posições até o último homem, ataques implacáveis sobre as tropas britânicas (nas brincadeiras de criança, a guerra poderia ser vencida a posteriori), *essa perseverança, o ato de assumir responsabilidades* revelava-se agora como fraqueza, covardia.

Talvez tenha sido essa a razão mais profunda do motivo pelo qual o jovem, que agora não era mais criança, decidiu lutar contra o pai e começar a escrever. Uma escrita na qual faltava uma formulação crítica, mas que procurava representar pessoas fictícias em situações de conflito. Ódio, indignação, desprezo. Não eram somente as proibições mesquinhas do meu pai, seu preconceito com tudo que se relacionava a filmes, música e moda que mais me indignavam, mas sim suas fraquezas, essa frouxidão, essa clara tentativa de se esquivar da própria culpa, uma culpa que não resultava de um único crime, mas sim de um comportamento, e de um comportamento que só conhecia ordens e obediência. A quem se tinha sido obediente? De quem vinham as ordens e por quem elas eram repassadas? Como eram as ordens? E quem haveria de assumir a responsabilidade, precisamente o que ele não fazia? Ele fazia algo que acharia desprezível em outros. Uma vez que tomou consciência disso, o jovem percebeu que todos aqueles que ostentavam medalhas de honra ao mérito, a cruz de ferro, e ordens de cavalarias buscavam desculpas para não assumir nenhuma responsabilidade. Uma dessas expressões de explicação, ou de desculpa, era *obediência ao estado de emergência*.

Essa obediência ao estado de emergência permitiu que, após a guerra, os culpados pelos massacres pudessem caminhar livremente pelas ruas. Permitiu que voltassem a ser juízes, médicos, policiais e professores.

A tentativa de recordar os nossos momentos de proximidade, também para ter certeza de não julgá-lo precipitadamente, ocorre somente quando me lembro de situações em que fizemos coisas juntos. Suas histórias me traziam para perto dele, assim como sua voz, uma voz calma e grave. Durante a noite, ele me contava histórias que tinha inventado. A história de Bochechudo, o hamster que era muito curioso e que havia chegado a uma ilha no meio de um rio em uma tábua. Eram histórias infantis na época imediatamente posterior à guerra. Fotos em que nós dois aparecemos juntos mostram meu pai vestindo uniforme ou com chapéu e

terno, bem diferentes em comparação às fotos que o mostram com o irmão, nas quais ele aparece com o menino à sua frente na moto, ao seu lado no carro, na sala de estar ou com ele no colo. Ele se aproximava dos trinta anos na época. Eu não me lembro de ter jogado futebol com ele e com meus amigos, sobretudo, de ter jogado qualquer coisa com ele. Ele já tinha cinquenta anos e não havia tempo. Era o tempo da reconstrução. Ele tinha a loja e se encontrava com amigos e antigos colegas. Esse era o mundo dos adultos.

Aí está uma expressão que me acompanhou durante toda minha infância — e que também deve ter acompanhado o meu irmão: controle-se.

Uma vez, nós dois, meu pai e eu, fizemos um passeio de barco por um rio represado em Südermühlen. Nós nos metemos em uma mata fechada em meio às trepadeiras. Eu tinha onze anos. Uma foto com data mostra meu pai de terno e eu, de jaqueta branca e calça curta também branca, no barco. A mãe deve ter nos fotografado quando voltávamos do passeio nesse pequeno rio, que estava mais para um arroio de Lüneburger Heide. Um passeio no qual nos perdemos em alguma terra distante. Um claro desejo permaneceu na minha memória depois daquilo: refazer aquele passeio com ele.

Dez dias de uma viagem a Coburg fazem parte da lembrança de proximidade com ele, sem desentendimentos. A mãe ficou em Hamburgo; afinal, alguém tinha que cuidar dos negócios. Em Coburg, nós passamos a noite no *Goldene Traube*, o melhor hotel da região. Fazia parte do plano da viagem, imagino, o seu retorno a essa pequena cidade para onde ele veio de Hamburgo como filho mais velho de mudança para a casa de uma tia ainda sem filhos. Minha avó tinha cinco filhos. Hans veio com dez anos para Coburg, e lá frequentava a escola e morava com sua tia Ana e seu tio Franz Schröder, um taxidermista autônomo. Depois das aulas, ele tinha que ajudar o tio na oficina. Deve ter trabalhado bem, pois seu tio queria que ficasse e, mais tarde, quis até casá-lo com a sua filha única, ou seja, a prima de meu pai. Talvez essa *fase da sua vida*, esses sete anos em que ele viveu na pequena cidade-residência dos duques de Sachsen-Coburg-Gotha, em uma sociedade burguesa, corporativista, mas alinhada à nobreza, fez com que ele desenvolvesse o sonho de levar uma vida aristocrática.

Para ele, a viagem era a realização do seu sonho. Foi na época em que ele ia bem financeiramente, quando ele tinha se tornado alguém. Agora, estava de visita a Coburg com seu filho, seu caçula. Andava em seu espaçoso Adler verde-mar pelas ruas, um carro que era admirado onde quer que ele estacionasse. Ele não viajou

com o motorista, que, naquela época, ele ainda tinha, provavelmente por ter decidido ele próprio guiar o carro, e certamente também porque poderia parecer exagerado e ostentoso andar pelas ruas de Coburg com um chofer. O motorista ainda poderia ser justificado para fins de trabalho, mas não como chofer particular, pois, por mais estranho que possa parecer, embora ele vivesse acima de seus meios, não se poderia dizer que queria aparecer.

O alto status social do qual ele gozava era resultado exclusivo da sua aparência, das suas boas maneiras, do seu bom comportamento, da sua polidez.

Em relação ao que ele poderia ter orgulho, ao que ele poderia se vangloriar, ele nunca falou nada: o fato de ter sido cobiçado por museus e aclamado por especialistas da taxidermia.

Em Coburg, ele encontrou sua prima, seus sobrinhos, amigos e conhecidos. Era cumprimentado por todos e convidado pelos camaradas, que eram agora representantes comerciais, bancários ou homens que tinham simplesmente *se casado bem*. Nessa pequena e velha cidade, local da sua antiga residência, os soldados e oficiais se organizavam em diferentes associações. Havia ainda os procuradores da Corte. Eram os resquícios do ducado de Sachsen-Coburg-Gotha, que teve o seu fim com a revolução de 1918. Mas o espírito feudal, a separação em classes, manteve-se por mais tempo nessa cidadezinha. Um dos tios que morava em Coburg cantava no coral da marinha, mas era questionado por outros se aquilo era adequado para ele, um capitão-tenente aposentado.

A viagem nos levou adiante através da Francônia para lugares que foram significativos para meu pai na sua juventude. Nós subimos castelos e procuramos, nas florestas, ruínas abandonadas, das quais ele se lembrava pelas caminhadas que fez com um violonista que havia conhecido na juventude. Dormimos em hotéis que também se diziam *os melhores hotéis da região* e comemos em restaurantes que eram considerados *os melhores*. Ele contou fatos históricos. Conhecia bem as histórias locais da Francônia. Naqueles dias, ele esteve relaxado, simpático e generoso (o que ele sempre foi). Nessa viagem, percebi o quanto as mulheres gostavam dele. Na época, ele ainda era magro, tinha uma boa postura — *o colarinho no queixo* — e era bronzeado. Ficava rapidamente bronzeado com o sol, moreno, o que contrastava muito bem com os seus cabelos loiros e olhos azuis-claros. Ele usava ternos sob medida com botões nos punhos e costumava deixar um deles aberto.

Até onde sei, ele nunca teve uma amante ao longo do seu casamento, nenhuma relação com outra mulher. Mas ele apreciava ser desejado. E minha mãe consentia. Havia uma motivação econômica nisso: muitas clientes, especialmente as ricas, vinham comprar casacos por causa dele.

Foi o curto período — três ou no máximo quatro anos — em que ele era o homem que desejava ser.

Stalingrado, Kharkov e Kiev eram nomes das cidades que sempre estiveram presentes nas conversas. A batalha por Stalingrado. A reconquista de Kharkov, na qual meu irmão tomou parte. Kiev, onde meu irmão e, mais tarde, meu pai estiveram, sem que eles se encontrassem. Naquela época, meu irmão já estava *em combate*. Sobre Kiev, falava-se como os russos minaram prédios de bairros inteiros com bombas durante sua retirada em 1941, para que pudessem detonar as edificações à distância assim que os alemães entrassem nelas.

Não se falava nada de Babi Yar, um barranco próximo a Kiev.

Em colaboração com o Estado Maior e 2 comandos do Regimento de Polícia Sul, no dia 29 e 30/9, o 4º Comando Especial executou 33.771 judeus. Foram confiscados dinheiro, objetos de valor e artigos de vestuário, dos quais uma parte foi entregue à Assistência Social Popular Nacional-Socialista para equipar o povo alemão e outra parte para a administração interina, a fim de que sejam encaminhados à população necessitada.

Informe da UdSSR Nr. 106 de 7 de outubro de 1941.

Antes de serem fuziladas, as pessoas precisavam tirar a roupa. As fotos — surpreendentes fotos coloridas — de um repórter alemão da Unidade de Propaganda mostram em primeiro plano: uma prótese, um sapato preto, uma camisa branca, um casaco marrom. Pegadas na areia. Ou ainda: um sapato infantil, um casaco de pele, uma bolsa marrom, um gorro tricotado de criança, uma carta, um livro, provavelmente um caderno de anotações. Uma fotografia geral mostra centenas e centenas dessas peças de roupa, parte delas cuidadosamente dobradas e outra parte simplesmente jogada.

Em uma das fotos, observam-se dois soldados alemães que examinavam as trouxas de roupas deixadas no chão. Eles não estavam atrás de objetos de valor, mas, sim, atrás de crianças pequenas, que as mães tentaram esconder antes do

fuzilamento.

As fotos mostram nitidamente que o sol brilhava.

Havia homens, alguns poucos, que se recusavam a atirar em civis. Eles não eram fuzilados por isso, não eram rebaixados e nem levados a um tribunal de guerra. Alguns poucos disseram não, como comprova Browning em seu livro, mas esses não eram os *homens normais*.

Ele, meu irmão, me chamou. Sua voz vinha do fim de uma passagem. Algo como um corredor. Eu corri pela passagem e subitamente cheguei ao ar livre. Um jardim, em que se encontravam mais pessoas. Eram vultos brancos e rostos negros, irreconhecíveis, como em um negativo de fotos. Meu irmão estava lá, o rosto negro, o traje — ou seria um uniforme? — branco. Ele me pediu para cantar, cantar algo para ele. Eu cantei. Impressionei-me com o quão melódica e bem afinada minha voz soou. De repente, ele me atirou uma pera, que eu não consegui pegar. Assustei-me quando ela caiu no chão. Então, sua voz disse: Salvem as flores!

O mosteiro Lavra, em Kiev, está situado na costa do Dnieper. Aqui começou a conversão da Rússia ao cristianismo, disse o guia que eu acompanhava pelas estreitas passagens que se abriam no subterrâneo, segurando uma vela na mão. Nas paredes, estão enterrados os padres fundadores; à luz de velas, é possível observar as relíquias sagradas atrás dos painéis de vidro. Em uma cavidade iluminada pela luz das velas, há quatro noviços sentados. Eles precisam viver aqui, no subterrâneo, próximo dos fundadores do mosteiro e dos seus irmãos mortos antes de serem ordenados. Os corredores se estendem por baixo da terra como intestinos e, de fato, os enterrados aqui são digeridos para, no fim deste mundo, renascerem para a vida eterna. Os rostos dos noviços que conversavam em voz baixa com os peregrinos eram pálidos, quase brancos.

Quando minha irmã foi internada pela segunda vez no hospital, onde passou semanas com o desejo ardente de voltar mais uma vez para casa, ela refletiu sobre o que aconteceu em sua vida e por que as coisas aconteceram daquela maneira. Não que ela dissesse que tudo tinha sido culpa do pai. Ela falava bastante dele, muito mais do que falava da mãe, mesmo quando teve um leve derrame que afetou a sua fala. Na maioria das vezes, eram cenas que vinham à sua memória, que sempre faziam com que balançasse a cabeça. Frequentemente, ela usava um termo

quando tinha dificuldades de encontrar uma palavra para expressar uma ideia, que eu nunca a tinha ouvido falar antes. Ela dizia: Preste atenção! Preste atenção, como se ela pudesse retomar o que foi esquecido.

Ela refletia sobre a vida do nosso pai, uma vida que tinha fracassado. Ela também teria considerado a sua vida como fracassada, se, aos setenta e dois anos e depois da sua operação, não vivesse uma experiência da qual falava sem parar e com uma ternura cada vez maior, como a felicidade de sua vida: ter conhecido aquele que chamava de o *homem*.

O homem, que, até a sua aposentadoria, havia sido o médico da nossa família, morava na mesma rua que a nossa, não muito longe, embora lá houvesse um outro cenário, de pequenos sobrados em vez de prédios de aluguel de quatro andares.

De vez em quando, minha irmã encontrava o médico na rua. Eles se cumprimentavam e trocavam algumas palavras. Então, em um dia de primavera, ela o encontrou no parque Eimsbüttler. Havia dois anos, ela fizera a sua primeira operação. Minha irmã encontrou o médico aposentado e, como de costume, conversaram. Naquela época, ele devia ter em torno de setenta e seis anos. Ela recebera dos vizinhos a notícia de que sua mulher tinha falecido alguns meses antes. Disse a ele que sentia muito. Tinha conhecido a mulher, que o ajudava em seu consultório. Eles conversaram um pouco sobre o tempo. Ela me contou que ia todas as tardes a esse pequeno parque e, quando havia sol, sentava-se em um banco. Percebeu que ele estava magro e com o rosto apagado, que suas calças não eram mais passadas e que a camisa ficava aberta, e também percebeu que ele não fazia a barba havia dias. Então, ela dirigiu-se espontaneamente até ele que, como médico de família, era uma pessoa que exigia certo respeito, tocou em seu rosto e disse: Você precisa fazer a barba.

Para quem?, ele perguntou, com uma certa aspereza no seu tom de voz.

Dois dias depois, ela o encontrou novamente no parque e percebeu que ele tinha feito a barba. Na sequência, falaram sobre coisas triviais e então, de repente, ele disse: Veja como está, oferecendo o rosto para minha irmã.

Ela acariciou sua face. Estava macia e suave.

Assim começou a felicidade de sua vida, nas suas palavras. Restavam-lhe ainda dois anos e meio de tempo. Ela comprou coisas novas, sapatos com saltos intermediários, sapatos de verniz preto, calças, blusas de cores vivas, em bege e vermelho. Luvas vermelhas. Ela nunca tinha usado luvas vermelhas antes. Eles foram juntos a Sylt. E quando a vejo nessas fotos, a maneira como ela está, de

cabelos ao vento, com um sorriso ousado, devo dizer que não se pode comparar a irmã que eu conhecia até então e a que eu havia visto com os olhos do meu pai.

Nos últimos onze meses, tenho folheado com certa frequência o pequeno caderno de anotações, agora com uma tira descolada na lombada. Observo novamente o desenho de leão de meu irmão. Ele salta de trás de uma árvore. Suponho que o esboço foi melhorado posteriormente pelo meu pai, pois os outros desenhos do meu irmão são bastante ingênuos e desajeitados. Esse, no entanto, é bastante fiel, graças a pequenos detalhes, destacados com um traço mais forte e definido: as articulações das patas anteriores, os olhos, o focinho, os dentes na mandíbula aberta. Há um olhar atento sobre o que é essencial na cena. Tenho certeza de que o pai acrescentou nesse desenho alguns riscos e sombreados, após o caderno de notas ter sido enviado para ele. Provavelmente, queria que esse pequeno trabalho do filho se ajustasse aos próprios desejos e expectativas de possíveis outros leitores — que, neste caso, sou eu.

Meu irmão começou a escrever o diário em 14 de fevereiro de 1943, com a seguinte anotação: *Esperamos entrar em ação a qualquer momento. Em alerta desde as 9h30.*

15 Fev.

Perigo passou. No aguardo.

16 Fev.

Os russos ganham cada vez mais território. Não entramos em ação.

Assim seguem-se os dias. Não é possível perceber os motivos das suas anotações lacônicas. Ele, meu irmão, não se deixava revelar nessas notas, não é possível perceber seus medos, suas alegrias, o que o motivava, as dores que ele sofria. Nem mesmo dores físicas são citadas. Ele não reclamava, apenas registrava.

18 de março. Bombardeio constante dos russos 1 bomba no nosso quartel 3 feridos minha Fahr MG não atira. Eu pego a minha MG 42 e atiro 40 H fogo contínuo.

Nesta página, há traços do corpo do meu irmão, pois seus dedos ficaram marcados no papel como nuvens negras, de tal forma que é praticamente impossível ler 40 H. O que significa 40 H? Ou seria uma abreviação, HOH? Ou o número 400?

Ordem do marechal von Reichnau, no dia 10 de outubro de 1941:

O soldado da parte leste não é só um combatente conforme as regras da arte de

guerra, mas também representante da inexorável determinação nacional e vingador de todas as bestialidades perpetradas contra o povo alemão e as nações afiliadas. Por isso, o soldado precisa compreender a necessidade de uma árdua, porém merecida vingança contra a raça inferior judia.

Eu desejava que eles — meu irmão e meu pai — tivessem se comportado como aquele oficial alemão que andava de uniforme pelas ruas de sua cidade com um amigo judeu na época em que os judeus foram marcados com a estrela de Davi. O oficial foi deposto do seu cargo e recebeu uma baixa desonrosa. Esse exemplo foi descrito no livro *Die Wehrmacht*, de Wolfram Wette. Um oficial corajoso. Mas uma coragem completamente diferente daquela que se esperava na Alemanha, que sempre deveria ser demonstrada em grupo e cujo pré-requisito era a obediência, uma das virtudes prussianas, que incluía a coragem para a violência, violência contra outros e também a violência contra si mesmo. *Eles mantiveram-se firmes, superaram seus instintos mais elementares.* A coragem para matar e para se deixar matar. No entanto, a coragem de dizer não, de contrariar, de recusar ordens não se aplicava. Se ao menos estivessem menos preocupados com suas carreiras... É de se imaginar o grotesco desprezo em relação aos soldados e oficiais que estavam na resistência, e o repúdio por aqueles que haviam desertado.

O importante é que uma pessoa se atreva, por si só, na sua essência, a ser inteiramente ela mesma; apenas um indivíduo, diante de Deus, sozinho, nesse imenso esforço e diante dessa enorme responsabilidade.

Søren Kierkegaard

Desde que comecei a trabalhar neste livro, desde que comecei a ler e a reler as cartas, o diário, e também documentos, relatos, livros de Primo Levi, Jorge Semprún, Jean Améry, Imre Kertész e a obra *Ordinary men*, de Browning, desde que leio por dias e dias sobre o mais incompreensível horror, tenho sentido dor nos olhos. Primeiro, no olho direito, uma lesão na córnea, e, algumas semanas mais tarde, passei a sentir uma sensação de ardor insuportável no olho esquerdo, o que agora se repetia pela quinta vez. Não sou muito sensível à dor, mas essa sensação não me deixa dormir, me impossibilitando de ler e escrever. Uma dor que não somente faz o olho machucado lacrimejar, mas também o outro. Eu, que pertencço a uma geração na qual era proibido chorar — meninos não choram —, choro como se precisasse chorar também todas as lágrimas reprimidas daqueles que não sabiam, que não quiseram saber. As lágrimas da mãe, do pai e do meu

irmão, pelo que poderiam saber e deveriam saber. *Wissen*, o verbo *saber* em alemão, deriva do antigo alto alemão *wizzan*: olhar, ver. Eles não sabiam porque não queriam ver, porque olharam para o outro lado. É daí que vem a sempre reiterada justificativa: nós não sabíamos. Não queriam ver. Desviaram o olhar.

Tive um sonho no qual eu corria por corredores de bunkers. A umidade que gotejava do teto de concreto formara estranhas estalagmites no chão. Mensageiros em uniformes vieram ao meu encontro, esquivando-se das estalagmites como esquiadores em uma prova de slalom. Portas eram arrombadas com alavancas de ferro. Em uma sala, onde o ar vinha de fora, estava sentado o meu pai, que me explicou como se salta de um trampolim de dez metros sem cair na horizontal na água. Eu então saltei e acordei.

O menino tinha chegado muito tarde e, além disso, tinha se esquecido de comprar o que deveria. Venho tentando me lembrar da cena por semanas, mas ainda não consigo lembrar do item esquecido. O pai o mandou para casa, com o aviso de que à noite ele iria receber uma surra. Foram três, quatro horas, em que o menino não conseguia pensar em nada além do seu castigo. À noite, o pai chegou em casa, abriu a porta, tirou o casaco, puxou o cinto da calça, ordenou ao menino que se curvasse e o surrou.

Recordo de como a mãe tentou convencer meu pai para que perdoasse o castigo. Como ela pediu, implorou para que ele não batesse no menino.

O pai, contudo, não punia somente o menino, mas também ela, mostrando-a como se colocava um fim em seu perdão e seu mimo. Foi a única vez em que ele me bateu. Aquilo deveria servir de exemplo.

Essa tarde ficou na memória, a tarde que caía e que anunciava o castigo, a punição. A indignação permaneceu, e a raiva cresceu dentro de mim.

A violência era *normal*. As crianças eram surradas em todos os lugares, como forma de agressão, como forma de convencimento ou como medida pedagógica na escola, em casa e na rua.

O menino andava com o seu patinete na ciclovia. Um ciclista veio e simplesmente deu-lhe uma bofetada. Ele caiu do patinete.

Bem feito, disse um transeunte.

A violência na escola. Batia-se com uma vara e com a régua na palma da mão. Em uma ocasião, uma professora arrancou uma mão cheia de cabelo do menino, o

que fez com que o pai, ao descobrir a falha na cabeça dele, fosse à escola reclamar. Para o menino, foi vergonhoso, pois parecia que ele tinha se queixado aos pais e, a partir disso, passou a esconder as punições corporais da escola. Ele também sentiu a *obrigação da aprendizagem da escrita* como forma de violência, pois sempre era acompanhada de *safanões*. A palavra *ortografia*. O ABC. Era como se a criança se defendesse da pressão de converter os sons fonéticos em signos, mantendo viva a sua voz ao ler, escutando-a forte e melódica. Hoje, ao ler e escrever, ouço minha voz na minha cabeça, como voz na cabeça. Aprecio-a: *as palavras, as palavras, as palavras*. Assim, a escrita manteve a relação com a linguagem corporal. Era — e é — um mecanismo de defesa.

A violência em casa e na rua tinha a sua carta branca na violência do Estado e nas atitudes dos políticos, sempre preparados para recorrerem à violência. A *prontidão para a guerra*.

Historicamente, a violência como forma de alcançar certos objetivos políticos tinha uma conotação positiva e legítima. Por isso, a nomeação de ruas e a construção de monumentos em homenagem às batalhas. As ofensivas de Frederico, o Grande, as guerras de unificação de Bismarck, as guerras alemã-dinamarquesa, prussiana-austriaca e alemã-francesa são a prova conclusiva de que se tratava de uma política triunfal. A violência revolucionária também era uma política legítima para alcançar as mudanças sociais pela esquerda marxista. Lenin admirava o Estado Maior alemão. A obediência partidária. O indivíduo não é nada, o partido é tudo. O soldado do partido. O Secretário-Geral. O Comitê-Central. O ato de *colocar-se a serviço de uma ideia* que, no entanto, não destacou, como na ideologia do nacional-socialismo, a desigualdade entre os líderes e os liderados. Pelo contrário, orientava-se contra a desigualdade, no alcance de uma sociedade fraterna, sem classes, mas que, para isso, precisava de violência e opressão temporária.

Minha admiração pelos comunistas que estiveram nos campos de concentração e de lá organizaram grupos de resistência, que continuaram lutando, que, depois da guerra, na Alemanha Ocidental, foram banidos novamente no governo de Adenauer e seguiram lutando obstinadamente por igualdade e justiça, sempre fiéis a seus ideais; essa admiração estava fundamentada também nas *velhas* virtudes que meu pai exigia: constância, dever, coragem, qualidades associadas a esses lutadores. E assim me juntei a eles. Quando nossas diferenças aumentaram, eu saí do partido, e a ideia de deixar os camaradas na mão me atormentou. Apesar da

minha decisão, resultado de convicção e discernimento, nunca consegui me livrar da sensação incômoda de ter cometido uma traição.

A coragem de dizer não. *Non servo*. É um pecado na religião e em todo sistema totalitário baseado em obediência e ordem. Dizer não mesmo diante da pressão da coletividade social.

Aqui encerro meu diário, pois considero sem sentido escrever sobre as coisas tão horríveis que acontecem às vezes.

Durante a escrita deste livro, eu li e reli esse trecho — era como se brilhasse um raio de luz na escuridão.

Como ele chegou a essa conclusão? Meu irmão relata a morte de dois colegas e a perda do lar. Contudo, ambos os fatos já tinham ocorrido havia muito tempo. Será que algo aconteceu nesse meio-tempo, algo horrível, que o levou a se recusar a continuar escrevendo? As notas não registram sofrimento, nem dos outros e nem de si mesmo. Há uma ausência de qualquer sentimento de compaixão — mesmo para si mesmo. E a repetição ainda tornava o que era sem sentido uma banalidade.

Será que nessa decisão, de que não se pode escrever sobre coisas tão horríveis, também estão incluídos os adversários e as vítimas, os soldados russos e civis? Os judeus? No diário, não se encontra nenhuma afirmação antissemita e nenhum estereótipo, como aqueles encontrados nas cartas de campo de outros soldados: seres inferiores, escória, insetos, russos estúpidos. Por outro lado, não se encontra também nenhuma frase que expressasse compaixão, não se lê nenhuma insinuação de crítica às condições, nada que pudesse dar a entender uma possível conversão. As notas não revelam nem uma convicção criminosa e nem uma resistência incipiente. O que é possível presumir — e isso é o mais assustador — é uma cegueira parcial, apenas o *normal* é registrado. Mais surpreendente ainda é essa frase e a lacuna que se tem entre o penúltimo registro — *a viagem continua* — e a conclusão de que não se pode mais continuar escrevendo *sobre as coisas tão horríveis que acontecem às vezes*. E aí há o desejo, o meu desejo, de que essa lacuna no tempo possa corresponder a um não, a um *non servo*, que ocorre quando rejeitamos a obediência, demonstrando uma coragem maior que a coragem necessária para abrir brechas nas trincheiras para o avanço dos tanques. Isso seria uma coragem que leva a um isolamento, que se aproxima do orgulho e da dor de um homem solitário.

A dor e a morte eram consideradas fatores determinantes para uma vida heroica; a disposição para suportar a dor, para estar pronto para a morte. A aceitação da dor como a aceitação da vida, uma vida que se sustenta em si mesma no momento em que há a busca por contrapor tudo o que é fraqueza, simplicidade, mediocridade e acomodação.

O general japonês Nogi recebeu com satisfação a notícia da morte do seu filho. Sua vida heroica tornou-se, contudo, questionável, considerada ultrapassada para a época, tal como a exibição de qualquer acessório heroico, como espadas, botas de montaria, esporas e adagas da Luftwaffe. A adaga da Luftwaffe que meu pai — essa também é outra recordação — teve que comprar novamente durante as férias, porque, ao embarcar no trem, um soldado, um *desses proletários*, fechou a porta, aparentemente por cortesia, mas na realidade com a intenção de romper a adaga, que ficou retorcida.

O que é surpreendente e também fascinante na leitura de *Tempestades de aço*, de Ernst Jünger, é que expressa a consciência de que *a coragem diante da morte, o dever e o sacrifício* ainda são *valores absolutos*, não apenas normas sociais, mas sim um sistema de valores no qual a luta coletiva é uma forma de transcender o niilismo. No entanto, meu pai não pôde e nunca quis aceitar que essa coragem, esse dever e essa obediência eram os mesmos valores nos quais se sustentaram as fábricas da morte, mesmo que não se soubesse de sua existência — embora fosse possível saber. Era uma questão que a geração dos meus pais nunca questionou — como se faltasse às suas mentes o instrumentário necessário para tal. E quando essas questões vinham de fora, não encontravam respostas, mas somente desculpas.

As mudanças enfrentadas pelo meu pai. Ele engordou e ficou com o rosto inchado e esponjoso devido ao álcool. Seu porte reto e sua gola da camisa no queixo eram coisa do passado. Ele desabava em si mesmo. Deixou de usar gravata e andava com a camisa aberta, para ter mais ar. Na verdade, tinha problemas cardíacos, sofria de falta de ar, fumava, bebia, ia para a cama somente pelas duas ou três horas da manhã, acordava às onze, às vezes às doze horas, de ressaca, inchado e de rosto pálido. Das clientes que vinham só por sua causa, restavam apenas umas poucas, que apareciam somente para realizar pequenos consertos.

Eu folhee o meu diário de trabalho e não tenho dúvida que a primeira vez que machuquei a córnea do olho direito foi quando estava lendo o livro de Browning, *Ordinary men*.

O que diria meu irmão, hoje, se tivesse sobrevivido, sobre o livro *Ordinary men*? Como ele se posicionaria em relação à sua época militar? Ele faria parte de alguma associação de antigos integrantes da SS? O que ele diria, se ele lesse hoje essa frase: *a 75 m Ivã fuma um cigarro, um banquete para a minha MG?*

E o que teria dito ele, o meu pai? Será que ele ao menos pegaria o livro em suas mãos para ler?

Eu tentei ligar para ele, eu precisava lhe dizer alguma coisa. Mesmo no sonho, estava espantado por ter a consciência de que deveria lhe dizer algo, sem mesmo saber o quê. Eu também não sabia quem havia dado essa tarefa a mim. Mas era de grande importância. Corri de uma cabine de telefone para a outra e sempre me deparava com a seguinte mensagem no visor: *Fora de serviço*. Somente ligações de emergência. Depois de hesitar por um momento, toquei o botão de emergência. Eu ouvi um sonoro tom e sabia que se tratava da sua voz mental. Curiosa palavra: voz mental.

Na mesma manhã, depois do café da manhã, liguei para o número de telefone que pertencera a meu pai há meio século e que, mais tarde, foi passado à minha mãe e, depois, à minha irmã: 40 50 10. Um número curioso, e que me ocorreu somente agora: somando-se as dezenas, tem-se o número 100, e ,se somarmos suas unidades, o resultado é o número 10. Ouvi uma gravação: O número chamado não existe.

Também me dei conta ao escrever este livro que meu pai nunca me falou nada sobre a sua infância. Uma tia disse que deve ter sido difícil viver com o tio taxidermista em Coburg. Ele havia ido morar com esse tio na época em que tinha onze ou doze anos. Aparentemente, foi um bom aluno. Seu sotaque do norte chamou atenção naquela cidade. Deve ter sido um rapaz bastante solitário. Pela manhã, ia para a escola e, durante a tarde, trabalhava na oficina. Tinha domesticado um filhote de corvo que caíra do ninho e andava com a ave em seu ombro pelas ruas. Esse é o único detalhe da sua infância que eu conheço.

Essa imagem: o corvo, que provavelmente grasnava algumas palavras, no ombro desse jovem, que era o meu pai.

Uma noite, fui acordado pela minha mãe e lembro claramente dessa cena, da forma como ela parou junto à minha cama e disse: Venha rápido, o pai está

passando mal.

Aquele 1º de setembro de 1958 havia sido um dia de calor atípico. Ainda agora, às três da manhã, fazia um calor abafado. Eu desci para a loja e o encontrei deitado no chão. Parecia ter caído ali, entre a poltrona e a mesa que ele havia resgatado da casa em chamas durante a guerra, e que, agora, estava virada contra a parede. Ele provavelmente tinha tentado se segurar na mesa ou então apoiar-se para não cair. O braço esquerdo estava estendido e o seu rosto estava pálido. Ele estava deitado em seu terno cinza-escuro e, embora fizesse bastante calor, não havia tirado o paletó. *Não se tira o paletó.* O cachorro brincava no entorno dele, gemia, lambia suas mãos e rosto. Lá fora, em frente à porta aberta da loja, estavam algumas pessoas em silêncio. Ele havia fechado a grade em frente à entrada e deixado a porta aberta para arejar o local. Minha mãe me contou isso mais tarde; ela teria sido acordada pelos chamados das pessoas. Os transeuntes teriam visto suas pernas no chão pela porta entreaberta, entraram e o encontraram caído no chão.

Mais tarde, na ambulância, me sentei à cabeceira da maca, enquanto o paramédico, sentado do outro lado, me perguntava os dados pessoais do meu pai. Nascido em 5 de novembro de 1899. Ele escrevia isso em um formulário, quando, repentinamente, o braço do morto resvalou para baixo e acertou as costas de outro paramédico, sentado ao seu lado, que se assustou e soltou um pequeno grito. Eu levantei cuidadosamente o pesado braço do meu pai e coloquei-o de novo sobre o seu peito. A ambulância andava sem sirene ou luzes azuis piscando. E eu pensei, por um momento, que era estranho o fato de não estarem com pressa. Mas, no mesmo instante, percebi que tal pressa já não seria mais necessária.

Chegamos ao pátio do hospital e descemos. O paramédico abriu a porta traseira e a manteve aberta. Eu fiquei parado e esperei. Ainda estava abafado. Observei meu pai sobre a maca, uma figura sombria com os braços sobre o peito. Depois de um tempo, um médico atravessou o pátio com um cigarro na boca e o jaleco branco aberto. Ele me cumprimentou, acenando com a cabeça, e subiu na ambulância. Jogou então o cigarro fumado pela metade fora, pegou uma pequena lanterna elétrica do bolso do jaleco e iluminou os olhos do meu pai.

Ele saiu da ambulância, me deu a mão e disse: Sinto muito.

Em resposta à minha pergunta, sobre o motivo da morte de meu pai, ele disse: Estamos verificando.

Durante o primeiro e o segundo ano após sua morte, eu assumi a loja e trabalhei junto com minha mãe e minha irmã na quitação das dívidas. Tive um sonho recorrente. O sino sobre a porta soava no momento em que ele entrava,

uma figura grande e sombria. Sentia um grande pavor: ele havia fingido sua morte.

O sonho cessou quando me mudei para Braunschweig com o objetivo de me preparar para a prova de conclusão do Ensino Médio.

Às vezes, muito raramente, eu o sinto próximo de mim.

Há uma foto quebradiça e descolorida — certamente tirada no Báltico —, em que ele aparece na frente de uma casa de campo na neve, com um gorro sobre a cabeça, de uniforme e botas. Ele está parado, rindo. Pelo menos nessa pequena foto, feita à distância, há uma curiosa semelhança com meu filho e comigo.

Ainda hoje estou trabalhando — sim, trabalhando — nos seus desejos.

Na entrada da catedral da Santa Sofia, em Kiev, ouvi um canto, um melancólico sussurro, uma melodia falada que eu nunca tinha ouvido antes e que produziu uma estranha sensação em mim. Mais adiante, vi um homem sentado sobre um muro embaixo de um bordo. Segundo me contaram, era um dos cantores peregrinos que, desde a derrocada do regime socialista, vagava pelo país a cantar as suas músicas que narravam histórias de heróis mortos e de angústias de amor. Em um longo período de setenta anos do regime comunista, essas canções de heróis tiveram que permanecer secretas. O cantor tinha consigo uma kobsa, um instrumento arredondado, parecido com o alaúde. De repente, ele ficou mudo. Aquele silêncio atraiu minha atenção até que, pouco depois, o cantor retomou o canto em um vagaroso *crescendo*.

Fiquei ali por um bom tempo escutando, fascinado. Meus olhos e meus ouvidos se abriram.

O mais estranho nesse diário é que ele não deveria existir. Era proibido manter diários, especialmente na SS. Ele poderia cair nas mãos inimigas e, assim, revelaria o estado de espírito da tropa, permitindo que se seguissem os movimentos da unidade — o que eu realmente fiz depois de sessenta anos. Ele deve ter redigido o diário secretamente, o que explica o estilo lacônico, volátil, com abreviações e erros de ortografia.

O que faz a existência desse diário ser mais estranha ainda é que um oficial da SS o enviou para minha mãe, provavelmente por um reflexo burocrático: uma pequena caixa de papelão com cartas, condecorações, algumas fotos, um creme dental e um pente. E nesse pente, permanece algo do seu corpo: um punhado de

cabelos loiros. Com o tempo, o creme dental se petrificou.

Aqui encerro meu diário, pois considero sem sentido escrever sobre as coisas tão horríveis que acontecem às vezes.

SOBRE O AUTOR



Uwe Timm nasceu em 1940, em Hamburgo, na Alemanha. Atualmente, é um dos autores de maior sucesso em seu país. Estudou filosofia e literatura alemã em Munique e Paris e, desde 1971, trabalha como escritor. Já publicou mais de vinte e cinco livros, que foram traduzidos para trinta idiomas. Ganhou diversos prêmios; entre eles, estão o Prêmio Napoli e o Prêmio Mondello, em 2006; o Prêmio Heinrich Böll, em 2009; e a Medalha Carl Zuckmayer, em 2012. Em 2013, foi condecorado com o Prêmio Cultural da Cidade de Munique.

Publicado originalmente em alemão como “Am Beispiel meines Bruders”, de Uwe Timm
Copyright © 2003, Verlag Kiepenheuer & Witsch GmbH & Co. KG, Cologne / Germany

ISBN: 978-85-8318-046-3

Tradução

Gerson Roberto Neumann e Willian Radünz

Preparação e revisão da tradução

Hilton Lima

Edição

Gustavo Faraon

Revisão

Julia Dantas e Rodrigo Rosp

Capa

Samir Machado de Machado

Produção de ebook

S2 Books

Este livro foi composto em fontes Arno Pro e Neutra.
Lançamento da primeira edição impressa: novembro de 2014.



Todos os direitos desta edição
reservados à Editora Dublinense Ltda.

Editorial

Av. Augusto Meyer, 163 sala 605
Auxiliadora — Porto Alegre — RS
contato@dublinense.com.br

Comercial

Rua Teodoro Sampaio, 1020 sala 1504

Pinheiros — São Paulo — SP
comercial@dublinense.com.br

[1] Optou-se fazer a própria tradução do trecho citado do conto *Barba Azul*, de Charles Perrault.

[2] Referência ao armistício assinado pelo alemães em 18 de novembro de 1918, que colocou fim à Primeira Guerra Mundial. Social-democratas, liberais e judeus eram acusados durante o regime nazista de serem os responsáveis por tal acordo humilhante, e foram considerados traidores pela extrema-direita.

[3] Jean Améry (nome verdadeiro: Hanns Chaim Mayer) foi um ensaísta de nacionalidade austríaca muito influenciado pela Segunda Guerra Mundial. A passagem é traduzida livremente.